



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

LAÍS DE PINHO DIAS

LUIZ COSTA LIMA NAS MALHAS DA CRÍTICA

Salvador
2012

LAÍS DE PINHO DIAS

LUIZ COSTA LIMA NAS MALHAS DA CRÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para aprovação de Mestrado em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr^a Rachel Esteves Lima

Salvador
2012

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Dias, Laís de Pinho.

Luiz Costa Lima nas malhas da crítica / Laís de Pinho Dias. - 2012.
123 f.

Orientadora: Profª Drª. Raquel Esteves Lima.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador,
2012.

1. Lima, Luiz Costa, 1937-. 2. Críticos literários - Biografia. 3. Memória autobiográfica.
4. Análise do discurso literário. 5. Teoria crítica. 6. Brasil - Vida intelectual. I. Lima, Raquel
Esteves. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 809.93592
CDU - 82.09:929

A
Rita e Itamar, por me terem encorajado voos.
Felipe, por sua lealdade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela grata possibilidade de aprendizagem nessa encarnação ao lado dos meus.

A Jesus, por me manter firme em meus caminhos. A meus guias, pela proteção.

A meus pais, Rita e Itamar, por terem me ensinado, e a meu irmão, Felipe, por me ter feito aprender.

Aos meus familiares que me ajudaram com gestos, palavras e sorrisos, sobretudo minhas avós Sinolita e Josefa e minha tia Nanci.

Aos meus amigos que compartilharam desse momento e compreenderam as ausências.

Aos colegas de pós-graduação, agradeço as trocas e o convívio nem sempre fácil.

A Rachel, por sua generosidade e afeto.

A Antonio Marcos, que sempre se mostrou disponível em ajudar.

Aos professores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, pela ponte estabelecida entre o saber curioso e o saber epistemológico, como propunha Paulo Freire.

Aos parceiros do Programa de Educação Tutorial e do Núcleo de Estudos da Crítica, pelo acolhimento e pelos passos iniciais em uma abstração chamada pesquisa.

À Capes, pelo investimento.

- Esse capacete todo furado não serve. Deixa entrar todas as balas.
- Mas deixa sair todas as ideias.
(*Mafalda*, Quino)

RESUMO

O trabalho tem por objetivo a análise da trajetória de Luiz Costa Lima, com vistas a perceber o modo como ele constrói sua *persona* e como seu discurso é recebido por seus pares na esfera intelectual. A partir dos pressupostos teóricos da crítica biográfica, busca-se interpretar a postura do crítico frente às tensões oriundas do diálogo entre obra e vida, isto é, de sua produção e de seu comportamento dentro do campo. Pretendeu-se priorizar a leitura de textos autobiográficos em que o autor discute as questões relacionadas ao sistema intelectual brasileiro, à memória, à diferença documento/literatura e ao discurso autobiográfico. Para isso, recorreremos às entrevistas, gênero que rompe com a atmosfera formal que tem, por exemplo, o texto teórico, aproximando o autor de seu público leitor, através de uma linguagem mais acessível e subjetiva. O primeiro capítulo põe em evidência a formação de um perfil do crítico teórico, que Costa Lima passa a assumir quando da defesa de um rigor analítico para o estudo da literatura na década de 1970, ao lado de sua discussão sobre a intelectualidade nacional. No segundo capítulo, pretendeu-se apresentar e discutir temas como documentalismo, memória e autobiografia, para compreender como o crítico enfrenta essas questões na teoria e na prática. O terceiro e último capítulo buscou abordar a maneira como se dá a construção do perfil intelectual de Luiz Costa Lima, através da leitura de seu posicionamento no campo, de suas contribuições para a universidade brasileira, bem como a partir da recepção de seus pares.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima. *Persona* intelectual. Sistema intelectual brasileiro. Crítica biográfica.

RÉSUMÉ

L'étude a pour but l'analyse de la trajectoire de Luiz Costa Lima, afin de savoir comment sa *persona* est construit et comment son discours est accueilli par ses pairs dans la scène intellectuelle. Basé sur le cadre conceptuel de la critique biographique, ce travail mis en évidence l'attitude du auteur et le interface ouvre et vie, sa production et son comportement dans le champ. La lecture de textes autobiographiques où l'auteur discute les problematiques du système intellectuel brésilien, de la mémoire, de la différence entre document et littérature et du discours autobiographique a été privilégié. Pour cela, les interviewes ont été privilégiées parce qu'elles rompent avec l'atmosphère formelle et approximant l'auteur du lecteur, avec un langage plus accessible et subjective. Le premier chapitre mis en évidence la formation du profil du critique-théoricien dans les années 1970 et s'analyse de l'intelligentsia nationale. Dans le deuxième chapitre, nous avons l'intention de présenter les notions de documentalism, mémoire et autobiographie en sa ouvre afin de comprendre comment ces questions sont abordées par le aucteur du point de vue spéculatif et du point de vue de l'action. Le troisième et dernier chapitre analyse comment le profil intellectuel de Luiz Costa Lima est construit, à travers de la lecture de sa position dans le champ, ses contributions en l'université brésilienne et sa réception par ses pairs.

Mots-clés : Luiz Costa Lima. *Persona* intelectual. Système intellectuel brésilien. Critique biographique.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Introdução | 10 |
| 1. O sistema intelectual brasileiro e a formação do crítico-teórico | 18 |
| Outro salto sobre a própria sombra | 19 |
| Do campo de batalha à formação da crítica moderna | 20 |
| Do rodapé à cátedra: novas estratégias em prol do processo de especialização da crítica | 24 |
| A formação do crítico-teórico | 27 |
| O sistema intelectual brasileiro: por uma definição do campo | 36 |
| A crítica literária na década de 1980, <i>agora não mais severa e ríspida.</i> | 41 |
| Por uma <i>guinada subjetiva</i> | 50 |
| 2. Máscaras do eu: o discurso autobiográfico em Luiz Costa Lima | 58 |
| Os discursos documental e ficcional | 59 |
| Quando a memória não confessa, inventa | 65 |
| A leitura de um percurso intelectual: nas tramas do autobiográfico | 71 |
| De frente com Luiz Costa Lima: a entrevista como um exercício autobiográfico | 84 |
| 3. A construção das posturas de um <i>intelectual</i> | 89 |
| A leitura de um percurso na universidade brasileira | 90 |
| A formação de uma <i>persona</i> intelectual | 97 |
| Considerações finais | 111 |
| Referências | 117 |

INTRODUÇÃO

O que é um sistema intelectual? Como ele se constitui? Quais os fatores e condições necessários para a construção da intelectualidade em um país como o Brasil, marcado pelas cicatrizes da colonização? Quais as instituições envolvidas neste processo? De que forma agem? Quem são os agentes responsáveis por fundar e movimentar o campo? Quais os interesses envolvidos no jogo intelectual? Existe, hoje, no Brasil, um sistema intelectual?

Começo pelas dúvidas que tenho a respeito do assunto, pois não encontrei caminho melhor. As perguntas, às vezes mais que as respostas, ajudam-nos a pensar, auxiliando-nos no exercício crítico, fundamental e anterior a qualquer resposta. Pergunto-me, ao mesmo tempo, a partir da instituição que me formou, qual o real objetivo de um curso de mestrado. Encontrar respostas? Provar, metodológica e teoricamente, as hipóteses? Solucionar problemas milimetricamente recortados? Aprofundar, ao longo de dois anos, entre cumprimento de créditos e estágio docente, conhecimentos propostos pelo currículo? Formar pensadores? Articular saberes? Produzir conhecimento? Antes de seguir, julgo ser fundamental definir o objetivo da minha escrita: pensar. Pensar sobre as perguntas, sobre as respostas, sobre as posturas, sobre o tema em destaque, sobre as possíveis relações com outros assuntos e esferas. Pensar, inclusive, o processo de escrita, de onde me pronuncio. A reflexão, tão necessária à construção do saber, nasce da curiosidade humana. A intuição transmuta-se em intenção. É um exercício que se pretende consciente, autocrítico. A vontade de estudar, conhecer e me inscrever no campo em que pretendo atuar motiva, finalmente, o estudo, a voz e a escrita em construção.

O impulso para este trabalho aconteceu em uma disciplina que cursei durante a graduação em Letras Vernáculas, *A crítica literária no Brasil*, ministrada pela minha então orientadora, a professora Rachel Lima. A proposta final da disciplina era que fizéssemos um ensaio sobre a atividade intelectual de um crítico literário brasileiro em exercício. Sem o mínimo conhecimento sobre quem seria Luiz Costa Lima e de como faria uma espécie de “biografia intelectual”, optei por estudá-lo por uma sugestão da própria professora, uma vez que lhe tinha falado sobre meu interesse em trabalhar a crítica e a literatura em interface com a produção latino-americana, intenção que logo se desfez. Não por não julgar pertinente o diálogo entre o Brasil e a América Hispânica e sua recepção em termos de discurso literário e construção de nacionalidade, mas por vislumbrar no estudo de um crítico uma modesta

contribuição para as discussões sobre a crítica literária contemporânea, o que constitui o foco do projeto de pesquisa em que me insiro.

Na tentativa de delimitar bem o trabalho, inicialmente buscou-se pesquisar os textos em que Costa Lima discute as questões relacionadas à formação do sistema intelectual no Brasil, procurando levantar também suas concepções sobre literatura e crítica. Para tanto, buscou-se mapear, na internet, textos, sobretudo, de cunho metacrítico, tais como entrevistas, resenhas, depoimentos e polêmicas. A pesquisa nos sítios virtuais proporcionou grandes frutos ao trabalho, destacando-se a composição de um arquivo com textos teóricos e críticos do autor e demais estudiosos, que será disponibilizado virtualmente no *Observatório da Crítica*, página do grupo Núcleo de Estudos da Crítica, coordenado por Rachel Lima, onde, também, provavelmente, publicarei este trabalho.

A ideia da construção de um ensaio biográfico sobre a atividade intelectual de Luiz Costa Lima dialoga com a perspectiva da crítica biográfica, que abre novas possibilidades para a análise da interface vida-obra de um autor. Diferentemente do que ocorria com a crítica tradicional – pautada na noção de causalidade, impulsionada pelas teorias científicas do século XIX –, esta mais recente vertente busca compreender o sujeito a partir das mais variadas intervenções: publicações teóricas, críticas, metacríticas, atuação em sala, atuação na sociedade e instituições de que faz parte, bem como através de seu comportamento entre os pares e a maneira como constrói e dissemina seu locus enunciativo. Nessa perspectiva, busca-se entender como uma postura intelectual é erigida dentro do campo de atuação e como este discurso é incorporado, tanto através das obras quanto a partir de seu comportamento o espaço onde exerce sua profissão.

Para a escrita do trabalho, tentou-se priorizar textos de cunho autobiográfico em que o autor discutisse questões relacionadas à problemática que lhe deu destaque na década de 1970, no cenário acadêmico e literário: o sistema intelectual brasileiro. Além disso, buscou-se privilegiar, através de seus textos teóricos e críticos, e em diálogo com outros especialistas no assunto, a discussão sobre memória, documento e autobiografia, bem como à forma como a figura do crítico se elabora, a partir da recepção dos pares e da maneira como se enxerga na esfera intelectual. Os textos metacríticos, nesse sentido, a exemplo da entrevista, são um prato cheio para se observar o exercício de uma postura autorreflexiva.

A dissertação foi dividida em três capítulos, assim organizados:

O Capítulo I, intitulado “O sistema intelectual brasileiro e a formação do crítico-teórico”, dedica-se, em um primeiro momento, a historiar o processo de constituição da crítica literária no Brasil e, posteriormente, a delinear a maneira como Luiz Costa Lima se insere no debate intelectual, suas ideias e principais publicações, em diálogo com as exposições mais

recentes. Com vistas a perceber como o crítico maranhense-pernambucano se posiciona frente a conceitos operatórios básicos na área dos estudos literários, apresenta-se, então, suas concepções de crítica, literatura e sistema intelectual. Esta primeira parte apropria-se predominantemente de discussões já conhecidas pelos interessados na área, servindo-nos, entretanto, como uma via descritiva fundamental para situar a esfera profissional a que pertence o crítico em estudo.

No Capítulo II, “Máscaras do eu: o discurso autobiográfico em Luiz Costa Lima”, são discutidos aspectos teóricos relacionados ao documento, à memória e à autobiografia, sobretudo, a partir de seus textos teóricos e metacríticos, a exemplo de entrevistas, no intuito de observar a maneira como o autor pensa sobre tais problemáticas.

O Capítulo III, denominado “A construção das posturas de um *intelectual*”, atenta para a constituição de um possível perfil através de seu posicionamento no campo, suas intervenções na universidade brasileira, bem como para a recepção de sua obra pelos pares. A formação do campo intelectual esbarra nas insistentes problemáticas da cordialidade e da política de favores, às quais o crítico é absolutamente contrário, ainda que, como se verá, nelas se esbarre durante toda a sua trajetória.

Na conclusão, apresenta-se uma síntese dos problemas enfrentados na esfera intelectual por aqueles que zelam pela *deontologia* de sua profissão.

Ademais, fruto da rapidez e precocidade com que as novas gerações de pós-graduandos aspirantes a pesquisadores vêm sendo formadas, sou ciente das várias lacunas que este trabalho pode vir a apresentar. Por outro lado, entendo que nenhum trabalho, por mais que se pretenda enciclopédico, é capaz de tal feito. O saber é lacunar e está em permanente devir, em constante transformação. Ele não pode ser capturado e encadernado. Ele toma forma a partir das reflexões de um sujeito, que, por sua vez, é parcial, localizado, interessado, formado em determinada instituição e por certas circunstâncias. Por isso mesmo, o ensaio que aqui se elabora se apresenta como uma seleção, uma opção crítica, um recorte do que, dentro da vasta atuação e produção de Luiz Costa Lima, me interessou e que julguei relevante para a compreensão do campo da crítica na contemporaneidade.

Pensar sobre a atuação de um sujeito público é, também, refletir sobre o seu espaço de produção, o seu “campo”, como sugerira Pierre Bourdieu, e como ele se apresenta. Em *As regras da arte*, o sociólogo francês, na tentativa de historiar o cenário literário francês do século XIX, revela uma série de acontecimentos e personagens que teriam favorecido o desencadeamento da autonomia do campo. Ao trazer à tona o contexto histórico, os sujeitos e as instituições envolvidos, rompe-se com a concepção romântica de genialidade, admitindo-se que há um conjunto de fatores que ajudam não a determinar, mas a construir um cenário ou

um campo, espaço simbólico em que os agentes lutam em defesa de seus discursos e pela legitimação de sua autoridade.

A construção de papéis parece ser inerente à vida em sociedade, haja vista as mais diversificadas identificações que assumimos rotineiramente em nossas relações interpessoais, na família, na escola, no trabalho, dentre outras esferas de que um sujeito faz parte. Para tanto, a circulação e o reconhecimento no campo simbólico exigem de seus membros a criação de uma figura que se harmonize com tal ambiente. A criação de uma *persona* é, consciente ou inconscientemente, uma maneira encontrada para instituir um sujeito, imprimir um discurso. A *persona*, em sua origem, designava as máscaras utilizadas pelos atores de teatro, na Grécia, tanto para darem feições às diversas personagens que deveriam encenar aos espectadores como para *per sonare*, isto é, fazerem ressoar as vozes. Ou seja, a *persona* era um instrumento necessário ao trabalho do ator, já que, além de ser imprescindível para a amplificação da voz (que se direcionava a plateias enormes), na época, apenas homens representavam e eles tinham de encenar também papéis femininos, o que demandava, portanto, o uso das máscaras. Uma acepção contemporânea do termo é a formulada pelo psicanalista Carl Gustav Jung, que “pode se referir à identidade sexual, um estágio de desenvolvimento (tal como a adolescência), um *status* social, um trabalho ou uma profissão. Durante toda uma vida, muitas *personas* serão usadas e diversas podem ser combinadas em qualquer momento específico”.¹ De acordo com a psicologia junguiana, as *personae* são arquétipos² criados pelo sujeito para atender às convenções coletivas, tais como o modo de falar, expressar-se fisicamente, vestir-se, comportar-se diante dos demais. A patologia seria constatada a partir do momento em que o indivíduo não conseguisse lidar com tais máscaras e assumisse para si apenas uma faceta, um comportamento social, desviando-se, assim, de seu caráter holístico. Entende-se, portanto, que a “completude do sujeito” apenas é possível como construção, a partir das suas mais diversas personagens ou papéis em que os homens atuam, e este processo, como é social, perpassa toda a vida. Jérôme Meizoz, ao discutir os atuais modos de inserção e recepção de um autor no campo literário, destaca a importância da “máscara” para fazer ressoar uma voz. Segundo ele, “no palco da enunciação da literatura, o autor apenas se apresenta e se exprime quando munido de sua *persona*, sua postura”,³ porque, afinal, essa é uma das regras do jogo. Construir-se como sujeito dotado de um discurso implica a consciência do processo de ficcionalização do eu, seja ele artista ou não, já que o representar é uma competência inerente

¹ DICIONÁRIO CRÍTICO de Análise Junguiana. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/persona.htm>>. Acesso em: 15 abr 2012.

² Pretende-se, aqui, antes discutir os arquétipos enquanto padrões de comportamento mais próximos da noção de *habitus*, de Pierre Bourdieu, que o caráter universal dos arquétipos junguianos.

³ MEIZOZ, Jérôme. *Postures littéraires: mises en scène modernes de l'auteur*. Genève: Slatkine Érudition, 2007, p.19. Tradução nossa.

à condição humana. A observação de Stuart Hall sobre o assim-chamado sujeito pós-moderno também nos leva a pensar no homem como um sujeito fraturado, fragmentado, que assume os mais variados papéis ao longo das situações que a vida lhe apresenta. Segundo o autor,

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.⁴

Com isso, nota-se que a noção de *persona* vem atrelada à harmonização da subjetividade ao convívio social. Em “Persona e sujeito ficcional”, Costa Lima atenta justamente para a diferença do homem em relação a outras espécies, já que, ao contrário das demais, nós, seres humanos, não nascemos biologicamente aptos para a vida em sociedade e temos que construir uma carapaça simbólica, a partir da qual se estabelecerão as relações sociais. Segundo o teórico,

a *persona* não nasce do útero senão que da sociedade. Ao tornar-me *persona*, assumo a máscara que me protegerá de minha fragilidade biológica. Se nossa imaturidade biológica não nos entrega prontos para a vida da espécie, então a convivência social será direta e imediatamente marcada pela constituição variável da *persona*. Sem esta, aquela se torna impensável. Não custa entender que a *persona* só se concretiza e atua pela assunção de papéis. É pelos papéis que a *persona* se socializa e se vê a si mesma e aos outros como dotados de certo perfil; com direito, pois, a um tratamento diferenciado.⁵

Com isso, quer-se dizer que a elaboração da *persona* gira em torno da execução de papéis sociais e da convivência com os demais. E esses papéis seguem, também, determinados protocolos, que vão exigir uma espécie de pacto entre os pares. Nesse sentido, a proposta de leitura da postura intelectual de Costa Lima dialoga com os pressupostos teóricos da crítica biográfica, que está atenta às questões relacionadas à vida do sujeito e ao seu modo de inserção no campo onde atua.

Para tanto, buscou-se caminhar pelas vias do ensaio. Antes por seu caráter inacabado, sua perspectiva subjetiva e por reproduzir “os traços da provisoriedade e da abertura ao novo”⁶ que pela tentativa de unir a escrita acadêmica à linguagem literária, “a teoria e a linguagem artística”,⁷ pela própria incapacidade poética da autora. Diante da impossibilidade de lidar com um objeto fora de seu contexto histórico e frente à necessidade de romper com um gesto meramente contemplativo, colocando-me enquanto intérprete e como crítica de

⁴ HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade.

⁵ LIMA, Luiz Costa. Persona e sujeito ficcional. In: _____, p.43.

⁶ LIMA, Rachel. O ensaio na crítica literária contemporânea. P. 36

⁷ LIMA, Rachel. O ensaio na crítica literária contemporânea. P. 38

minha própria escrita, acolhi o desafio ensaístico como uma maneira não apenas de refletir sobre as questões propostas, mas, sobretudo, de me pronunciar como sujeito de uma escrita localizada, interessada, parcial, subjetiva e histórica. Buscou-se, nesse sentido, vincular o recorte estudado ao seu contexto de produção e de recepção, relacionando a análise dos textos em que Luiz Costa Lima reflete sobre o sistema intelectual à época de produção e à forma como essas ideias foram recebidas por seus pares. Também, procurou-se discutir as noções de memória e documento que ele aborda, ao lado de sua própria produção autobiográfica, como as entrevistas.

A partir da visada propiciada pela crítica biográfica, cuja proposta incide sobre a análise da relação vida e obra do escritor, buscou-se relacionar dois pontos teóricos abordados pelo autor (a noção de sistema intelectual e as discussões sobre memória e autobiografia) às suas vivências e aos seus posicionamentos, como professor e crítico, dentro da esfera intelectual, na tentativa de observar a maneira como teoria e prática se relacionam na produção de Luiz Costa Lima. Conforme ressalta Eneida Maria de Souza, “a crítica biográfica não pretende reduzir a obra à experiência do autor, nem demonstrar ser a ficção produto de sua vivência pessoal e intransferível”.⁸ É importante salientar que, no presente trabalho, houve uma tentativa de adequar a abordagem da crítica biográfica ao objeto de estudo, já que se trata de um crítico e de não um escritor de literatura. Tomou-se como base a ficcionalização de um sujeito (crítico literário e professor universitário) que, ao longo de seu percurso intelectual, consolidou uma *persona* a partir de suas intervenções na academia e na sociedade. Por isso, buscou-se privilegiar sua produção autobiográfica (entrevistas, polêmicas e depoimentos), já que este é um gênero que “se impõe de modo exemplar para se refletir sobre as subjetividades contemporâneas e a relação que aí se estabelece entre os domínios do público e do privado”.⁹ Tendo em vista a “guinada subjetiva” ocorrida nos estudos humanísticos – que, apoiando-se teoricamente nos estudos culturais, põe em evidência os discursos da memória –, considero fundamental refletir sobre a forma como um intelectual se constitui em e se enuncia, a partir de seu campo de atuação, como um sujeito histórico e localizado. O retorno do sujeito à esfera intelectual implica considerar que, por trás da figura do autor, do professor, do crítico, há um homem dotado de preferências políticas, culturais e sociais, além de observar que todas essas identificações são construções diárias. Isso significa dizer que as amizades e desafetos que lhe abriram e fecharam caminhos, as opções políticas, ideológicas e estéticas, as instituições por que passou como estudante e professor, a formação tradicional e autodidática a que se

⁸ SOUZA, Maria Eneida de. A crítica biográfica. In: _____ .Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p.21.

⁹ SOUZA, Maria Eneida de. Janelas indiscretas. In: _____ .Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p.30.

submeteu passam a importar, sendo relevantes para ampliar o horizonte de leitura e compreensão do percurso de um intelectual na contemporaneidade. Ao contrário do que tradicionalmente costumou-se pensar, essa visada não pretende determinar ou limitar a produção de um autor à sua biografia, mas por em diálogo a obra e a vida de um sujeito para observar em que medida ele, como teórico, crítico e professor de literatura, mantém uma coerência entre o que publica na teoria e o que desenvolve na prática. Tome-se, especialmente, como exemplo as seguintes situações: suas considerações sobre a lógica do favor, sobre a inexistência de um sistema intelectual no Brasil e sobre a utilização dos elementos autobiográficos nos discursos literários e acadêmicos. Quanto ao primeiro, observar-se-ão, ao longo do texto, as recorrentes situações em que os laços afetivos lhe beneficiarão profissionalmente, ainda que pareça não manter com eles uma relação de débito. O segundo diz respeito ao que eu considero uma das maiores contradições que um intelectual pode manter: empreender, durante décadas, um trabalho em prol do desenvolvimento da teoria, da crítica e da intelectualidade no país e, ao mesmo tempo, reiterar um discurso que rejeita a existência de um sistema intelectual brasileiro, quando ele próprio, ao lado de muitos outros que com ele dialogam ou dele discordam, é um agente deste campo. Em relação ao último ponto, observa-se seu empenho em distinguir os discursos histórico, literário e autobiográfico. Não obstante pareça acreditar no status diminuto do discurso memorialístico, Luiz Costa Lima, em seus escritos, apropria-se de suas memórias para a construção de seus argumentos (observe-se o memorial “Esboço de uma autobiografia intelectual” que compõe o primeiro capítulo de seu *Vida e mimesis*, memorial para concurso de titular redigido de forma bem tradicional, além dos textos teóricos e das recorrentes entrevistas em que relata suas experiências ao longo de seu percurso acadêmico).

Além dos três episódios acima pincelados, um outro nos chama bastante atenção. Seu total descrédito aos estudos culturais, a meu ver, é mais um indício de que o campo simbólico se constrói através de brigas pelo direito de fala, ou seja, pela autoridade discursiva. Entretanto, o que julgo mais curioso é que, na década de 1970, quando o crítico-teórico apresenta uma nova proposta teórica e metodológica para lidar com o objeto literário, ao divulgar o estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss, ele foi o alvo de descrédito e desconfiança por parte dos pares, que já possuíam uma voz legitimada e já tinham como “certa” a maneira como estudavam literatura, a partir de critérios “menos teóricos”. De vítima a algoz, Costa Lima, hoje, defronta-se com o novo, com a abertura a novas vertentes de pensamento, com a ampliação do terreno teórico, a que ele denomina “vale-tudo” e “oba-oba”, e se depara, igualmente, com a crise da crítica literária e dos estudos literários frente às novas tendências, como a crítica cultural e os estudos culturais, além dos novos suportes e

meios de circulação das produções intelectuais (como a internet). Creio que ele, inclusive, desconheça uma comunidade no site de relacionamentos *Orkut*,¹⁰ criada, em 2005, por seus alunos para discussão e divulgação de suas obras. A página, que está desatualizada desde outubro de 2011, conta com 85 membros, os quais formulam comentários sobre seus livros e eventos. Um tópico, intitulado “Mordam-se de inveja” e, particularmente, interessante diz respeito à felicidade de um estudante em ter encontrado, em um sebo, a primeira obra de Costa Lima, o *Por que Literatura?*. O caráter “egóico” e “fetichizante” com que lida com o crítico logo se torna o alvo do debate. Enquanto uns entram no jogo proposto pelo autor do *post*, parabenizando-o pela aquisição de um livro raro do intelectual brasileiro, e se gabando por terem fotos e outros livros tão raros quanto, outros desmerecem o conteúdo do comentário, por considerarem-no “banal”. Ainda parece haver uma distância enorme entre ser apreciador de um escritor de literatura e um escritor de crítica e teoria. É como se houvesse, no senso comum, uma permissão para admirar um literato, e não um teórico, pelo próprio conteúdo e linguagem específicos ao discurso de cada um. A meu ver, admiração é distinta da mera atitude contemplativa. A primeira tem a ver com o reconhecimento de um sujeito dentro campo, independentemente de se concordar ou não com suas ideias e pressupostos; já a segunda, isenta de criticidade, tem mais a ver mesmo com uma aura de adoração, de intocabilidade. Creio que, tanto para a leitura do discurso literário quanto para a do crítico, a reflexão deve estar equilibrada teoricamente com os mais variados aspectos que possam motivá-la, seja afinidade com o tema, com o escritor, ou devido a gosto, desgosto, admiração, discordância. Nesse sentido, impulsionado por um aglomerado de fatores, o exercício do ensaio biográfico sobre o perfil intelectual de Luiz Costa Lima nos motiva a refletir tanto sobre o objeto de estudo quanto o nosso próprio processo de escrita – ambos, dadas as recorrentes atualizações no campo, bem como os retornos autocríticos dos sujeitos, em constante devir.

¹⁰ Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=4444019>>. Acesso em 15 abr 2012.

1 O SISTEMA INTELLECTUAL BRASILEIRO E A FORMAÇÃO DO CRÍTICO-TEÓRICO

Outro salto sobre a própria sombra¹¹

Este primeiro capítulo pretende, através do estudo de textos teóricos e críticos, apresentar e discutir o conceito de sistema intelectual forjado por Luiz Costa Lima desde a publicação de “O sistema intelectual”,¹² na Revista *José*, na década de 1970, e sua revisão em “Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro”,¹³ no decênio posterior. O *corpus*, que também privilegia os textos mais recentes do autor, sobretudo os de caráter metacrítico, como as entrevistas, ajuda-nos a perceber como esse conceito tem sido trabalhado ao longo de quatro décadas de pujante produção do crítico. A partir de uma leitura comparativa entre os dois textos teóricos, bem como dos textos metacríticos mais recentes, busca-se entender os argumentos levantados pelo autor no que diz respeito à caracterização do sistema intelectual brasileiro. Para tanto, recorreremos não apenas à leitura de suas publicações, como também às reflexões de outros teóricos contemporâneos, relacionando-as, sempre que possível, aos contextos de produção. Procuramos mapear as noções de literatura e crítica na produção de Luiz Costa Lima, visando observar em que medida elas interferem no conceito de sistema intelectual proposto pelo autor. Não obstante, para chegar às reflexões propostas, antes, julguei necessário percorrer um caminho que nos possibilita, contemporaneamente, discutir essas questões.

Walter Benjamin, no singular texto “A técnica do crítico em treze teses”, chama-nos a atenção para o caráter bélico do campo literário, que exige de seus guerrilheiros posicionamento, tomada de partido. Atuando como “um estrategista na batalha da literatura”,¹⁴ o filósofo possui um papel relevante na construção de um pensamento sobre o papel da crítica, que nos possibilita compreender o funcionamento do campo não apenas como um lugar de diálogo e reflexão sobre literatura, mas também como uma zona de embate dos discursos de seus agentes.

Pretende-se, pois, com este breve panorama, mapear a maneira como a crítica vem, desde seus primórdios, sendo concebida e que perfis críticos ela vem produzindo. Neste

¹¹ O título faz referência à máxima de Araripe Junior, retomada por Flora Süssekind no primeiro capítulo de seu livro *Papéis Colados*, de que o exercício metacrítico (“criticar a crítica”) corresponderia a um salto sobre a própria sombra.

¹² LIMA, Luiz Costa. *O sistema intelectual brasileiro*. Revista *José*. 31 jul 1976. Disponível em: <<http://www.revistaautomia.com.br/volumes/Ano2-Volume2/revista-jose-parte2/lclima.html>>. Acesso em: 20 jul 2011.

¹³ LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro. In: _____. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. A técnica do crítico em treze teses. In: *Rua de mão única*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.32-33. (Obras Escolhidas, II).

percurso, conforme aponta Flora Süssekind, constituem-se e circulam, no campo, basicamente, três modelos, distribuídos, respectivamente, entre a “geração de 1870” até os anos 1950, entre as décadas de 1960 e 1970 e a partir do decênio de 1980: “o de rodapé (ora mais próximo do noticiarista, ora do cronista), o universitário de modo geral, e o teórico, desdobramento do personagem anterior e tendo como marca distintiva indescartável a autorreflexão”.¹⁵ O mapeamento do cenário nos ajudará a compreender a maneira como Luiz Costa Lima, a partir de sua formação, publicações e intervenções no campo, assume uma nova atitude crítica, a do crítico-teórico citado por Süssekind.

Do campo de batalha à formação da crítica moderna

Pensemos na crítica literária no Brasil, em seus primórdios, realizada pelo que se convencionou chamar de “geração de 1870”, até sua fase de profissionalização, na década de 1980. Muito embora destaques o período acima citado para refletir sobre o processo de formação da crítica literária no Brasil, o recorte foi pensado a partir do conceito de sistema proposto por Antonio Candido, já que é a partir de meados do século XVIII, com a circulação e o consumo dos bens simbólicos, que se começa a formar um campo favorável para a produção crítico-literária. Segundo Candido, o sistema tem seus primórdios na Academia dos Seletos e dos Renascidos e nas primeiras publicações de Cláudio Manuel da Costa, que revelaram o desejo de produzir uma literatura nacional, de acordo com os costumes locais. Essa pretensão foi percebida pelos primeiros românticos, que seguiram a “vontade de fazer literatura” dos árcades, a partir do predomínio do Indianismo, numa tentativa de capturar a realidade local e construir a nacionalidade brasileira, durante toda a fase oitocentista. Conforme o crítico,

é com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais ilustrados, que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer *literatura* brasileira. Tais homens foram considerados fundadores pelos que os sucederam, estabelecendo-se deste modo uma tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações.¹⁶

Noventa e quatro anos antes da publicação da *Formação*, que busca historiar, através da noção de *sistema*, o processo de formação da literatura nacional, em 1865, Machado de

¹⁵ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: *Papeis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p.34.

¹⁶ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (momentos decisivos). 3ed., v.1. São Paulo: Martins Fontes, s.d., p. 25.

Assis, em “O ideal do crítico”, já expunha seu interesse e sua preocupação com o campo ao afirmar que “a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes”¹⁷ e administrada conforme as vontades da publicidade, que, na época, limitava-se aos jornais, aos cafés, às repartições públicas e editoras em expansão. Machado acreditava em uma crítica capaz de “reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos”,¹⁸ buscando na figura do “crítico do futuro” um sujeito capaz de, unindo ciência e consciência, autoridade e independência, imparcialidade e tolerância, moderação, urbanidade e perseverança, fundar “as condições, as virtudes e os deveres dos que se destinam à análise literária”.¹⁹ A ideia é que um bom crítico produziria uma crítica eficaz, que, por seu turno, garantiria o “florescimento” e a “prosperidade” da literatura.²⁰ Para ele,

a falta de uma crítica assim [doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países] é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.²¹

A partir da citação, infere-se que predomina em Machado o ideal do crítico como um guia, responsável por conduzir a literatura e seus leitores a um caminho elevado, em sintonia à sua ocorrência em outros espaços urbanos. Um crítico que, atuando, sobretudo, nos jornais, buscaria formar moralmente um público em crescimento. Ressalte-se, ainda, que o período em questão, marcado pelos embates entre os defensores da monarquia e da república, reacende o instinto de nacionalidade, que ultrapassa os limites da esfera política, resvalando na produção artístico-cultural. O próprio Machado, que se declarava avesso ao engajamento nacionalista na produção literária – sofrendo, por isso, críticas por parte dos críticos da época, a exemplo de Sílvio Romero –, pinta, à sua maneira, as “cores do país” no romance *Esau e Jacó*,²² de 1904, ao discutir, a partir da rivalidade dos gêmeos Pedro e Paulo e da “indecidibilidade” de Flora, a questão política por que passava o País:

A problemática amorosa de Flora assentava sobre uma base social anterior a seu texto – o que obviamente não significa que a sua escolha da não escolha fosse *determinada* por aquela base. Os gêmeos eram-lhe indistintos não por efeito de uma mera incapacidade pessoal

¹⁷ ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: *Crítica & Variedades*. São Paulo: Globo, 1997, p. 11.

¹⁸ Id. Ibid., p.12.

¹⁹ Id. Ibid., p.15.

²⁰ Id. Ibid., p.16.

²¹ Id. Ibid., p.21.

²² ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: FTD, 2002. 312p. (Coleção Grandes Leituras).

sua. O lastro social funcionava como um *sensibilizador contextual* que ‘orientava’ sua resposta.²³

Os dilemas por que Flora passava, ainda que não “refletissem” diretamente os dramas da sociedade brasileira da época, dado o caráter ficcional do livro, alimentam-se, segundo Luiz Costa Lima, das mesmas “características das instituições sociopolíticas do Brasil da época”.²⁴ Sílvio Romero – que aloca Machado no âmbito da produção nacionalista com a ressalva de que “a inspiração nacionalista não é, ao que se repete vulgarmente, *a que é mais pegada à vida nacional*”²⁵ – acredita que a chama nacional não está absolutamente relacionada à escolha do tema, mas que se encontra “na índole, na intuição, na visualidade interna, na psicologia do escritor”.²⁶

A temática nacional vai ocupar espaço privilegiado nas discussões relacionadas às produções crítica e literária no século XIX. A história literária produzida à época, vista como “esboço ou síntese do desenvolvimento histórico de um povo”,²⁷ relacionava-se, assim, “ao fortalecimento das línguas e dos Estados nacionais”.²⁸ O diálogo entre literatura e sociedade, crítica e história, e temas como progresso e modernização ocuparam as discussões centrais entre os homens de letras do século XIX. Os críticos desta geração, representados nas figuras de Sílvio Romero, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior e José Veríssimo, privilegiando uma visão laica do mundo ao ideário religioso, acabam por defender para o Brasil uma cultura modernizante, “que unia naturalismo e evolucionismo à causa da abolição e da república”,²⁹ promovendo desdobramentos da discussão literária no cenário político. A simbiose entre ambos os campos pode ser observada a partir da ocorrência de um gênero bastante desafiador, que mobiliza a *batalha*. As polêmicas literárias, que se tornaram populares com a politização proporcionada pelo movimento abolicionista, tornaram-se uma singularidade dos críticos da “geração de 1870”, as quais

incorporavam um código de honra tradicional que entrava em conflito com as propostas de modernização. Deu-se a interação entre o *oral* e o *escrito*, entre os desafios da poesia popular e tais debates culturais, entre os pressupostos evolucionistas da ‘luta pela existência’ e as disputas entre grupos rivais, de ordem tópica ou regional, dominantes

²³ LIMA, Luiz Costa. Machado dribla o veto. In: *Trilogia do Controle*. Topbooks, 2007, p. 208.

²⁴ Id. *Ibid.*, p. 212.

²⁵ ROMERO, Sílvio. Século XIX (Fase Romântica) 1830-1880. In: BARRETO, Luiz Antonio. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, Universidade Federal de Sergipe, 2001, p. 280.

²⁶ Id. *Ibid.*, p.280.

²⁷ VENTURA, Roberto. História e crítica em Sílvio Romero. In: BARRETO, Luiz Antonio (org.). *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, Universidade Federal de Sergipe, 2001, p.9.

²⁸ Id. *Ibid.*, p.9.

²⁹ Id. *Ibid.*, p.10.

nas sociedades em que o espírito rural sobrepuja a mentalidade urbana.³⁰

Por vezes, alguns destes debates chegaram às vias de fato, como no caso de Raul Pompeia, por exemplo, que, não querendo desfazer-se de sua honra, suicidou-se após ser afastado da Biblioteca Nacional e ser acusado de covarde por Luís Murat ao ter se negado a combater, à espada, Olavo Bilac. Percebe-se, ainda nos primórdios da crítica literária no Brasil, uma indistinção entre as esferas pública e privada, situação que, contemporaneamente, reaparece nesse cenário. A crítica, dirigindo-se à produção de determinado autor, afetava direta e intimamente também o indivíduo, produzindo-se o que Machado de Assis considerou como “as três chagas”,³¹ à época: o ódio, a camaradagem e a indiferença. Sob a chancela da polêmica, que “se torna uma versão folhetinesca e seriada da crítica literária e filosófica”,³² veiculada, principalmente, nos jornais e revistas, a crítica produzida pela “geração de 1870” erigia-se entre o subjetivismo impressionista e a pretensão cientificista e disciplinar crescente. Seus agentes, sujeitos combativos, utilizando-se da argumentação jurídica, buscavam convencer conquistando leitores e derrubando oponentes, em uma batalha cujo prêmio era a autoridade e a ocupação do espaço do “homem de letras”. Roberto Ventura destaca a relevância da produção desses críticos: “por meio do engajamento intelectual, a ‘geração de 1870’ procurou intervir nas transformações históricas que resultaram na abolição da escravidão e na proclamação da República, trazendo o despontar de uma sociedade urbana de tipo moderno.”³³

Tal “engajamento” também ocupará espaço nos anos posteriores, com o advento da modernidade e suas contradições em solo nacional. Segundo João Luiz Lafetá, a crítica modernista pode ser observada conforme a “consciência estética e as interferências recíprocas do ideológico e da concepção da literatura”³⁴ de seus agentes. O Modernismo, com seus dois grandes projetos – revolução estética e revolução ideológica –, encontram na figura de Mário de Andrade um de seus maiores representantes. Mais uma vez, a discussão nacional encontra nos terrenos da crítica e da literatura um campo favorável a seu florescimento, estando em jogo “a renovação dos procedimentos literários e a redescoberta do país, a linguagem da

³⁰ Id. Ibid., p.14.

³¹ ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: *Crítica & Variedades*. São Paulo: Globo, 1997. p. 12.

³² VENTURA, Roberto. Do desafio à polêmica. In: *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.148.

³³ VENTURA, Roberto. História e crítica em Sílvio Romero. In: BARRETO, Luiz Antonio (org.). *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, Universidade Federal de Sergipe, 2001, p.15.

³⁴ LAFETÁ, João Luiz. A consciência da linguagem. In: *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p.115.

vanguarda e a formação de uma literatura nacional.”³⁵ Os críticos das décadas de 1920 e 1930 vivem o dilema de, enquanto artistas, produzirem e expressarem sua escritura de forma autônoma, e, enquanto intelectuais, auxiliarem no processo de fundação da nação. Tomando o exemplo de Mário para se pensar uma parcela dos produtores de literatura e crítica da época, cabe salientar o que Lafetá caracterizou como “consciência da linguagem”, que se erige através de três pilares que se suplementam: o estético, o psicológico e o sociológico. O primeiro diz respeito à própria organização da obra de arte; o segundo expressa o enfoque psíquico do indivíduo; já o terceiro possui relação com a vida social. Ainda que houvesse um privilégio deste ou daquele aspecto na produção de um autor, as três visadas proporcionaram um alargamento na concepção de literatura, que passa, conscientemente, a ser produzida e observada conforme ângulos distintos e complementares. Essa proposta revelava a tensão vivida à época, que cobrava dos produtores de cultura uma postura que levasse em consideração tanto os anseios artísticos quanto as demandas do momento social. O crítico e o literato, neste sentido, como intelectuais, carregavam o fardo de repensar e reconstruir a nação através de suas obras, assumindo, ao mesmo tempo, os compromissos com a escrita e com a formação da identidade nacional, em incessante tensão com o que era produzido aqui e nos grandes centros de cultura da época.

Do rodapé à cátedra: novas estratégias em prol do processo de especialização da crítica

Entre as décadas de 1940 e 1950, a crítica literária enfrenta uma série de mudanças que dizem respeito aos critérios de validação dos que a exerciam. Nesse momento, ainda sendo realizado, predominantemente, por bacharéis não-especialistas, o exercício crítico encontra nos rodapés um espaço privilegiado. Como caracteriza Flora Süssekind, a “crítica de rodapé” tem algumas peculiaridades fundamentais, que dizem respeito à maneira como é feita, à autoria e ao local onde é veiculada. Os jornais, espaço privilegiado da crítica desde o início, com o desenvolvimento da imprensa, passam a acolhê-la atendendo também a novas demandas. A adaptação às novas exigências do mercado, ao “ritmo industrial da imprensa”³⁶ e a uma publicidade cada vez mais crescente caracterizam a produção dos antigos “homens de letras”, que, como uma herança dos anos anteriores, apostam nas polêmicas, utilizando-se, ainda, de uma linguagem eloquente, “entre a crônica e o noticiário puro e simples”,³⁷ uma vez

³⁵ Id. Ibid., p.115.

³⁶ SÜSSEKIND, Flora. *Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna*, p.17.

³⁷ Id. Ibid, p.17.

que se pretendia “convencer rápido leitores e antagonistas”.³⁸ A batalha continua a caracterizar o campo, que parece já haver nascido sob a crise de que tantos hoje se queixam. Como se disse, entre estas duas décadas, o campo passará por uma transformação substancial no que diz respeito, sobretudo, ao lugar de produção, ao perfil de seus agentes, ao público a que se direciona, alterando os “critérios de validação daqueles que exercem a crítica literária”.³⁹ A constituição de uma nova geração de críticos, advindos das universidades de Filosofia do Rio de Janeiro e de São Paulo, “interessados na especialização, na crítica ao personalismo, na pesquisa acadêmica”⁴⁰ cria uma tensão com o antigo modelo, o qual, valendo-se de uma postura impressionística e autodidática, acreditava-se como porta-voz da verdade, responsável por guiar escritores e leitores no caminho adequado. A criação das universidades e a transferência do lugar de produção e divulgação para este espaço favorecem a mudança dos rumos da crítica, que se reformula entre a tensão personalista do saber-e-falar-sobre-tudo e o crescente desejo de especialização, que habilita, através da formação acadêmica, apenas aos preparados para o exercício deste ofício. Segundo Süsskind,

especialização implicaria, pois, inevitáveis restrições tanto nos assuntos a serem abordados pelos críticos, quanto nos critérios mesmos de reconhecimento de sua qualificação. Ou seja: parecia indicar iminente perda de poder, no que se referia ao crítico, e necessária delimitação de campo tanto para a produção crítica, quanto para a ficção [...].⁴¹

O poder de fala e a ocupação deste lócus enunciativo parecem, a todo instante, motivar a batalha da crítica. A substituição do rodapé pela cátedra implicava, pois, a definição de quem está autorizado a falar sobre literatura, a ensiná-la e a formar outros profissionais nos cursos secundários e faculdades. Percebe-se que o campo está em constante processo de reconfiguração conforme os interesses do jogo intelectual, que talvez tenha mais a ver com quem vai falar do que sobre o que se vai falar. O nome, os círculos de amizade, o lugar de onde provém, os espaços de formação, nesse sentido, exerceriam influência na situação do crítico e em sua produção. A “caça aos amadores” de que são vítimas os críticos, à época, revelaria um conflito, ou até mesmo uma intolerância – elemento propulsor de qualquer tipo de enfrentamento bélico – no campo. Os críticos da nova geração lutam para construir um perfil que esteja condizente com os reclames da modernidade (desenvolvimentismo, tecnologização, cientificidade etc.), e o lugar de atuação do “homem de letras” é transferido

³⁸ Id. Ibid, p.17.

³⁹ Id. Ibid, p.17.

⁴⁰ Id. Ibid, p.17.

⁴¹ Id. Ibid., p.21.

para a academia. A criação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por Afrânio Coutinho, após a Reforma Universitária, em 1967, vem consolidar tais aspirações. Conforme Roberto Corrêa dos Santos,

a chamada *crítica de rodapé* que antes vigorava, de natureza jornalística, com colunas permanentes e identificada pela autoridade de quem assinava, acabou por ser rechaçada, em virtude dessa força crítica em gestação, e também pelo confronto direto, firmado, em modos mais ou menos polêmicos, por estudiosos respeitáveis que procuraram definir o papel do crítico, distinto do “reviewer”, em função do apelo à importância de se formar para o estudo literário uma base coerente de valores, uma compreensão mais global dos fenômenos estéticos, um escopo filosófico mais delineado, de maneira que as pesquisas tivessem em conta o necessário intercâmbio entre os fundamentos do saber teórico e o exame, minucioso e detido, das obras concretas.⁴²

As discussões sobre crítica e literatura passam, portanto, a encontrar no espaço universitário seu terreno fértil. A autoridade acadêmica vence a batalha. As disputas que ocorriam entre os jornais e a universidade, os críticos de rodapé e os críticos universitários, as resenhas e os tratados, entre os decênios de 1940 e 1950, cedem às querelas internas no seio da própria academia. Os embates entre os pares tornam-se cada vez mais comuns. Mas a guerra entre os dois grandes grupos de críticos ainda não acabou. E continua no que Flora Süssekind denominou como “vingança do rodapé”, que, nos anos posteriores, por um lado, caracteriza-se pela expulsão dos críticos universitários dos veículos de grande circulação, e, por outro, pelo desenvolvimento de uma crítica mais reflexiva.

Os chamados “anos universitários”, ocorridos entre as décadas de 1960 e 1970, são marcados “pela redução do espaço jornalístico para os crítico-*scholars*” e “por uma espécie de autoconfinamento” ao espaço acadêmico,⁴³ propiciados, em parte, pela expansão das universidades e dos cursos de pós-graduação. Apesar do diálogo entre a produção acadêmica e o jornal, através dos suplementos culturais nele publicados, a linguagem técnica (sintonizada com as novas teorias e os procedimentos metodológicos), os temas tratados e a formação de um público especializado acabam por restringir o alcance da crítica universitária a seu espaço de produção. Aliada às queixas referentes às especificidades da linguagem acadêmica, a regulamentação do jornalismo como profissão, em 1969, é decisiva para o afastamento dos críticos-professores dos jornais, ficando esses confinados à esfera das publicações acadêmicas (livros e revistas especializadas) que, por sua vez, têm divulgação,

⁴² SANTOS, Roberto Corrêa dos. Crítica literária, anos 70 e 80. In: *Matéria e crítica*. In: _____. *Matéria e crítica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. (Col. Escritas Universitárias, v. 1), p.15.

⁴³ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna, p.30.

circulação e consumo menores. Isolada em seu desejo de cientificidade, a produção acadêmica torna-se um corpo estranho, rejeitado pelos jornais e pelo “leitor médio”.

Os decênios de 1960 e, sobretudo, o de 1970, caracterizados pela enxurrada de “métodos-modas”⁴⁴ que circularam no País, na tentativa de atualizar as reflexões locais, encontram na temática da dependência uma reformulação para as questões referentes à nacionalidade. Tendo como fio condutor “a discussão da dependência cultural, a do descentramento das ideias importadas em relação à especificidade histórica do país [...]”,⁴⁵ autores como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Silviano Santiago, Roberto Schwarz e o próprio Luiz Costa Lima buscavam repensar os desdobramentos e as condições da literatura brasileira. A querela nacionalista volta à cena do debate. A atividade crítica realizada na universidade que, então, separava o amadorismo, pretendia-se, cada vez mais, científica, buscando nos métodos e teorias importados uma instrumentalização controversa, mas necessária, para os novos rumos da crítica no País. A década de 1970, em especial, encontrou na querela estruturalista o auge da discussão teórica, que teve Luiz Costa Lima como uma figura de destaque.

A formação do crítico-teórico

Como ressaltou Flora Süssekind, o desdobramento do crítico de rodapé e do crítico universitário resultou na formação de um terceiro perfil, o do crítico-teórico, que tem a autocrítica como uma de suas características mais profícuas. É este, pois, um “terceiro personagem que, ao se voltar sobre sua própria linguagem, se desdobra de novo”.⁴⁶ Tais sujeitos, que então adotam o ensaio como gênero discursivo, passam a desenvolver uma atitude politizada frente às demandas socioculturais, incorporando-as à sua própria escrita.

Nos anos 1970, o Brasil enfrenta uma série de acontecimentos de ordem política que alteram o modo de vida e a produção dos artistas e intelectuais, assim como a circulação dos bens simbólicos. O sentimento nacionalista, fortalecido pelo tri-campeonato da seleção na Copa de Futebol e pela propaganda dos regimes militares, reacende, no campo, o debate sobre a nacionalidade, tendo como plano privilegiado a arte. A música, o cinema, o teatro, as artes plásticas, a literatura, reintegram as discussões sociopolíticas – o que vai ocasionar uma

⁴⁴ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna, p.33.

⁴⁵ WEBER, João Hernesto. Os anos 70 e a dialética da dependência. In: *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997, p. 130.

⁴⁶ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna, p. 34.

“discórdia entre a classe artística brasileira no início da ditadura militar”,⁴⁷ deixada parcialmente de lado, posteriormente, em virtude do combate à censura. Delineiam-se, frente aos acontecimentos de ordem política, duas grandes vertentes nesse momento: uma voltada para a construção da nacionalidade e outra relacionada às discussões da revolução estética. Em meados da década de 1970, a partir do governo de Geisel, quando acontece uma relativa abertura na ditadura, “houve a retomada das atividades oposicionistas, lentamente organizada pelas bases dos movimentos sociais, enquanto crescia o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), ainda o único partido de oposição consentido pelos militares”.⁴⁸ já copiando-se o modelo norteamericano democratas *versus* republicanos, foi sancionado o bipartidarismo.⁴⁹ Nesse momento, muitos dos artistas que, até então, se opunham em termos de suas opções estéticas (observem-se as distinções entre os movimentos musicais Tropicalismo, Jovem Guarda, Bossa Nova, MPB, Música de Protesto e, inclusive, Música Brega, por exemplo),⁵⁰ voltam-se para a defesa da causa democrática, engajando-se estética e/ou politicamente a partir de suas obras e, inclusive, em favor das candidaturas da oposição.⁵¹ Seja individual (a partir de letras de canções, poemas, etc.) ou coletivamente (através de filmes, peças, manifestos etc.), os artistas integram a causa como cidadãos politizados e, parafraseando Caetano Veloso, alguns deles viriam, numa via de mão dupla, “cotidianizar a política e politizar o cotidiano”.

Tais perspectivas também vão orientar os trabalhos acadêmicos realizados e defendidos nos recentes cursos de pós-graduação em Letras do País. Durante a década de 1970, momento em que muitas universidades criam e/ou incrementam seus cursos e programas, a especialização, o rigor teórico e a cientificidade aparecem como marcas peculiares ao ensino superior. Os métodos rígidos, voltados para uma análise imanente do texto, cedem passo, aos poucos, à história e ao exercício da subjetividade. Isto porque “as pressões do movimento estudantil haviam conseguido dessacralizar um pouco os cursos, através da conquista de uma maior autonomia na escolha das matérias de interesse dos alunos e da disseminação da prática dos seminários e dos trabalhos em grupo”.⁵² Dois eixos parecem assumir tais posturas: Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto a UFRJ e a PUC-RJ mantinham-

⁴⁷ SÜSSEKIND, Flora. Assaltos à razão? In: *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.48.

⁴⁸ RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política nos anos 1970: o fim do ciclo das vanguardas no Brasil*. Disponível em: < www.brasa.org/_sitemason/files/kxT4dO/Ridenti%20Marcelo.doc>. Acesso em: 21 mar 2012.

⁴⁹ HISTÓRIA DO PMDB. Disponível em: <<http://www.pmdb.org.br/historia.php>>. Acesso em: 21 mar 2012.

⁵⁰ BLOG Música e Política na ditadura militar. Disponível em: <<http://musicaepolitanaditadura.blogspot.com.br/2010/05/musica-e-contestacao-politica.html>> Acesso em: 21 mar 2012.

⁵¹ RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política nos anos 1970: o fim do ciclo das vanguardas no Brasil*.

⁵² LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1997. Tese de Doutorado em Letras – Literatura Comparada. p.131.

se vinculadas a uma abordagem mais estética, estrutural e analítica do texto literário (tanto é que, naquela instituição, criou-se um Programa de Pós-graduação chamado Ciência da Literatura), a USP buscava associar sua leitura à interface literatura-sociedade. Segundo Rachel Lima, deve-se notar que a própria orientação dos trabalhos acadêmicos defendidos na USP

mostra-se coerente com a tentativa, empreendida por Antonio Candido, de se construir uma visão sistêmica da literatura brasileira, em que as obras sejam avaliadas em função de sua vinculação com as séries social e literária, através do estabelecimento de uma causalidade interna capaz de garantir a formação de uma tradição literária brasileira autônoma.⁵³

O mote nacionalista, associado às discussões sobre a dependência e o atraso cultural do País, à época, sob um governo que implementava um processo de modernização conservadora, faz-nos repensar o modo de vida brasileiro, entre a importação de produtos estrangeiros (e sua rejeição) e a produção de uma expressão nacional. Segundo Eneida Maria de Souza,

Nas discussões sobre dependência cultural, retomadas em grande escala nas décadas de 1960 e 1970, a formulação de Paulo Emílio Salles Gomes – o mal-estar da sociedade brasileira diante do processo de modernização – respondia pelo movimento simultâneo de identificação e de dissolução do outro e do mesmo. O entrelaçamento paradoxal dessas categorias dialéticas provoca o sentimento permanente de inadequação de quem está condenado a oscilar entre dois níveis de cultura, em virtude de nossa sina de país periférico.⁵⁴

Tal questão também se estende à produção intelectual que, tal qual a classe artística, terá de suportar o peso do regime de exceção. A importação de novas teorias e metodologias, a exemplo da expansão do estruturalismo no pensamento brasileiro, durante o mandato de Geisel, divide a *intelligentsia*, marcando a década e inserindo, de uma vez por todas, a voz cortante de Luiz Costa Lima na discussão intelectual do País. A polêmica estruturalista, que mobilizou, principalmente, escritores, docentes, estudantes dos cursos de Letras da PUC do Rio e da UFRJ, “se transformaria em verdadeiro combate à teoria da literatura, disciplina que se tornara obrigatória nos cursos de Letras desde a ‘resolução de 19/10/1962’ do Conselho

⁵³ Id. Ibid., p.245.

⁵⁴ SOUZA, Eneida Maria de. O discurso crítico brasileiro. In: *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.49.

Federal de Educação”.⁵⁵ A coletânea de textos organizada pelo teórico, *O estruturalismo de Lévi-Strauss*, em 1968, é considerada um dos marcos da divulgação das premissas teórico-metodológicas desta corrente entre nós, que vem se consolidar com a publicação da sua tese, *Estruturalismo e teoria da literatura*, em 1973, pela Editora Vozes. Em defesa do rigor teórico para o estudo da literatura, a partir da instrumentalização estruturalista, Costa Lima acreditava ampliar o acesso aos que pretendiam falar sobre literatura, já que comungariam de uma linguagem comum (propiciada pelas técnicas e metodologias da teoria estruturalista), derrubando, assim, o privilégio dos que se autodenominavam mais habilitados a fazê-lo, como poetas, bacharéis e jornalistas. Dessa forma, “o crítico-teórico se defrontaria [...] com representantes tardios do impressionismo crítico. O pretexto: o estruturalismo. A questão, mais uma vez, descobrir quem tem *autoridade* para falar de literatura”.⁵⁶

Tendo se manifestado contra a abordagem estruturalista para a leitura de um poema seu, no livro *O observador no escritório*, em 1971, Carlos Drummond de Andrade, quatro anos depois, publica, no *Jornal do Brasil*, seu grito de guerra. O poema *Exorcismo*, construído tal qual uma ladainha, apropriando-se dos termos estruturalistas, ironizava a ilegibilidade dos termos utilizados para o estudo da literatura, quaisquer que fossem eles, e, romanticamente, o aprisionamento do literário nas malhas da teoria:

Das relações entre topos e macrotopos
Do elemento suprasegmental,
Libera nos, Domine.

[...]

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock
De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser
De Zolkiewsky, Jacobson, Barthes, Derrida, Todorov
De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva*
*Libera nos, Domine.*⁵⁷

Além de literatos, a facção anti-estruturalista, contou com a participação de acadêmicos e jornalistas que defendiam a liberdade poética e uma abordagem menos cientificista, tais como Emanuel de Moraes, Antônio Houaiss, Carlos Nélon Coutinho, Antônio Carlos de Brito, Ana Cristina Cesar e Ledo Ivo. Em geral, os textos “criticofóbicos”⁵⁸ erigiam-se em prol do prazer da leitura, livre das amarras metodológicas da crítica. Conforme Eneida Maria de Souza, a cientifização dos estudos literários provoca,

⁵⁵ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna, p. 33.

⁵⁶ Id. Ibid., p. 34-5.

⁵⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Exorcismo*. Disponível em: <<http://www.alfredobraga.pro.br/discussoes/exorcismo.html>>. Acesso em: 6 set 2011.

⁵⁸ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna, p.35.

durante o período, um descontentamento entre poetas e críticos, os quais passam a questionar os

caminhos tortuosos da crítica literária, picada pelo veneno do estruturalismo. Grande parte da intelectualidade brasileira sentia-se na obrigação de decidir sobre os destinos da crítica [...]⁵⁹

Um episódio curioso e que movimenta o debate, à época, diz respeito a uma espécie de decágono elaborado por Roberto Schwarz, em 1970. Um dos protagonistas da assim-chamada querela estruturalista, o crítico de nacionalidade austríaca tem como principal ponto de divergência do Costa Lima estruturalista o fato de compreender o literário como um reflexo da sociedade. Nos *19 princípios para a crítica literária*, texto de abertura do número 2 da Revista *Almanaque*, datado de 1976, Schwarz alfineta a muitos de seus pares, numa espécie de afronta generalizada.

Desse modo, ele apresenta, “numa caricatura ferina, a superficialidade de uma crítica sem método, redação ou coerência, que adere à última teoria como moda, rejeitando o marxismo”.⁶⁰ O quinto mandamento,⁶¹ que se repete mais duas vezes no decálogo, é exemplar no que diz respeito à sobreposição dos novos métodos e teorias ao marxismo, uma crítica que se direciona, inclusive, às propostas teóricas de Luiz Costa Lima. Tanto que Roberto Schwarz, no último item, sugere, ironicamente, a documentação estatística e o uso de gráficos para a elaboração teórico-crítica, comumente praticados nos trabalhos estruturalistas. Neste mix bastante sugestivo, portanto, “os dezenove pontos do manifesto igualam estruturalismo, crítica estética, moda fácil, recalçamento do social e incompetência, num golpe implacável e indiscriminado”.⁶²

O auge do debate ocorre em 1975, “quando uma série de artigos de diferentes intelectuais foram publicados na imprensa diária ou semanal”,⁶³ a exemplo do texto do

⁵⁹ SOUZA, Eneida Maria de. Querelas da crítica. In: *Traço crítico*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/ Editora UFRJ, 1993, p.1.

⁶⁰ TELLES, Renata Praça de Souza. *A colaboração de Roberto Schwarz em Almanaque*. NELIC: Boletim de Pesquisa da UFSC. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1056>. Acesso em: 6 dez 2011.

⁶¹ “5. Não esqueça: o marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética, pela lingüística e pela filosofia das formas simbólicas”. SCHWARZ, Roberto. *19 princípios para a crítica literária*. In: *Almanaque* n.2. Disponível em: http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz_30.html. Acesso em: 06 dez 2011.

⁶² TELLES, Renata Praça de Souza. *A colaboração de Roberto Schwarz em Almanaque*. NELIC: Boletim de Pesquisa da UFSC. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1056>. Acesso em: 6 dez 2011.

⁶³ FARIA, Regina Lúcia de. *A polêmica do Estruturalismo ou “Quem tem medo de teoria?”*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em:

próprio Costa Lima. Em 21 de novembro de 1975, o crítico, em resposta ao poema de Drummond, publica, no caderno *Opinião*, seu emblemático texto-manifesto “Quem tem medo de teoria?”,⁶⁴ promovendo, por um lado, um questionamento na maneira como se estudava literatura e, por outro, a fúria de seus pares. Nesse breve e polêmico ensaio, o crítico elenca alguns dos frequentes queixumes dirigidos à teoria da literatura, contrapondo-se ferinamente a eles.

Sem meias palavras, o autor inicia o ensaio levantando um argumento que será, posteriormente, desdobrado nos textos em que aborda o sistema intelectual brasileiro: “quando uma comunidade não tem prática da discussão, o uso da linguagem crítica sempre lhe parece ameaçador”.⁶⁵ A ausência de senso crítico, fundamental na elaboração teórica, impediria o desenvolvimento de um debate fecundo no campo do saber. Ao que parece, isto se deve, em grande medida, à forma como o intelectual foi, entre nós, reconhecido. Baseando-se nos estudos de Antonio Candido, Costa Lima aponta que o *status* do escritor, desde o romantismo, firma-se a partir de suas aparições em empreitadas patrióticas, no exercício das funções de tribuno ou jornalista, as quais, em função de seu público mediano e das crescentes demandas do mercado, exigiam, paradoxalmente, uma oratória fácil e ligeira. Segundo Costa Lima, “a idéia do ‘escrever difícil’ que se enraizou entre nós resultou da fixação da tradição retórica e nada tem a ver com um pensamento que fosse difícil porque profundo”.⁶⁶

As condições por que passavam os escritores, ainda associados, até por uma questão de sobrevivência, aos cargos políticos e repartições públicas, acentuava a ausência de autonomia de que necessitam os escritores e críticos para sua produção intelectual – o que acabava por afetar a reflexão. Apesar de relevar os avanços econômicos e sociais do País, que alteravam o modo de vida e de produção deste profissional (com a expansão das universidades, o que, por sua vez, contribui para a formação de um público especializado; a ampliação do mercado e a abertura de novos espaços para o escritor, etc.), para Luiz Costa Lima, “seria ingênuo supor, se então encaramos o momento atual [a década de 1970], que a situação tenha drasticamente mudado”.⁶⁷ Considerando os saltos alcançados pela produção literária, Costa Lima sustenta a ideia de que, no terreno crítico, a preocupação tenha sido antes metodológica que teórica – algo contra o que, com esse manifesto, ele começa a enfrentar, desenvolvendo “o pensamento crítico até à dimensão da teorização sobre a própria literatura,

<http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/041/REGINA_FARIA.pdf>. Acesso em: 15 nov 2010.

⁶⁴ LIMA, Luiz Costa. *Quem tem medo de teoria?* Revista de Cultura Vozes, nº9/1975/Ano69. p. 5-9. Disponível em: <<http://www.cesargiusti.ddfnet.com.br/ufpe/crt2/hps/lcl/quem.pdf>>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

⁶⁵ Id. Ibid.

⁶⁶ LIMA, Luiz Costa. *Quem tem medo de teoria?*

⁶⁷ Id. Ibid.

como um discurso entre outros muitos”,⁶⁸ na tentativa de superar o estigma da dependência cultural. Livrar-se das amarras da dependência, aqui, significa refletir sobre a importância das correntes importadas, contextualizando-as às demandas locais. “Nem tanto ao céu nem tanto à terra” parecia reclamar, ocupando nosso crítico-teórico um controverso entre-lugar. Seu disparo era certo àqueles que, por um lado, sob o rótulo de críticos, apresentavam resumos ou comentários desta ou daquela teoria, constituindo-se, por vezes, como porta-vozes locais de determinados pensamentos ou autores, e, por outro, em um rompante de rejeição ao estrangeiro, desejavam instituir uma teoria chauvinista. Ao que parece, Luiz Costa Lima desponta como uma nova atitude intelectual no campo, posicionando-se a favor da sistematização teórica para o estudo de literatura, conferindo-lhe o atestado de cientificidade frente aos demais discursos das ciências humanas.

O crítico assume, neste momento, o papel quixotesco a que se refere em alguns seus textos.⁶⁹ No ímpeto de superar as condições que atravessam o sistema intelectual, e sabendo-se amarrado às instituições que fomentam nossa *intelligentsia* (estado, universidade, mercado, publicidade etc.), este cavaleiro da triste figura, sem o menor indício de loucura, aposta, em um primeiro momento, na consciência da situação. Para ele, “se então compreendemos a possibilidade de maior ruptura que se tenta, entenderemos a irritação que acompanha frequentes artigos, comentários, entrevistas e poemas contra o que se chama a excessiva teorização a que a literatura estaria sendo sujeita”.⁷⁰

Em sua análise, o crítico reúne em um conjunto de sete pontos o sentimento anti-teórico que se propagava à época, nos jornais, universidades e cafés do Rio de Janeiro – o que nos mostra a maneira como a atividade crítica vinha sendo feita desde seus primórdios, em um dos principais centros urbanos do País. Em geral, os queixumes diziam respeito à fruição do literário. A teorização estaria acabando com o prazer do texto, afastando o leitor da literatura, haja vista sua linguagem cifrada, comungada apenas pelos iniciados. A livre intuição, a emoção desinteressada e a aventura da personalidade, juradas de morte por Costa Lima, estavam, pois, sendo brutalmente violentadas pela teoria – acusada de destituir a obra de seu caráter orgânico e de torná-la fragmentada e caótica. Além do mais, atribuía-se ao teórico o papel de “escritor frustrado”, mergulhado em sua incompetência poética, só lhe restando falar mal da obra alheia, destruindo-a e, assim, comprometendo, novamente, o prazer

⁶⁸ Id. Ibid.

⁶⁹ O referido tom pode ser observado em LIMA, Luiz Costa. *A praga do beletrismo*. Blog Universidade para quem? Educação, mídia e política. Disponível em: <<http://universidadeparaquem.wordpress.com/2010/01/04/luiz-costa-lima-a-praga-do-beletrismo/>>. Acesso em: 20 jul 2011.

⁷⁰ LIMA, Luiz Costa. *Quem tem medo de teoria?*

do texto. O descendente dos *chato-boys*⁷¹ responde tópico a tópico, defendendo sua posição. Para ele, “a ciência, a reflexão teórica não substituem coisas e objetos, mas lhe acrescentam outras dimensões. Ninguém está obrigado a interessar-se por elas. Mas por que tencionam ridicularizá-las, senão mesmo sufocá-las?”⁷²

Dentre as respostas, esta é a que melhor nos possibilita enxergar o grande motivo da querela teórica. A estratégia do silenciamento – seja pelos ataques personalistas, seja mesmo pela indiferença – reforça a tese de Costa Lima sobre a incipiente existência de um debate intelectual no País. Estava em jogo, como se disse, o surgimento de um novo “homem de letras”, ou seja, aquele habilitado teoricamente a falar sobre literatura, sem que isso fosse escamoteado. De um lado, os defensores das *belles lettres*, de outro, os que acreditavam na teoria como uma forma de conferir cientificidade aos estudos literários, equiparando-a aos demais discursos das humanidades, dentre os quais, além do próprio crítico nordestino, Antonio Candido e Roberto Schwarz. Luiz Costa Lima deixa nítido seu entendimento das forças que atuam sobre o campo:

À primeira vista, o combate à teoria se faz a partir de uma não-teoria. Na verdade, o é por outra teoria, que se escamoteia, que não se formula, que faz o elogio da imprecisão para esconder melhor sua própria insuficiência. Ou será que a idéia de unicidade ou organicidade do poema não faz parte de uma (não explicitada) teoria do poema?⁷³

O crítico, defendendo que toda leitura é realizada com base em uma teoria, ainda que, por vezes, isso não seja declarado, questiona o privilégio da análise de alguns que, por não revelarem seus parâmetros, continuavam orientados pelo intuicionismo, pela subjetividade e autoridade conferida pelos pares. Ao que parece, foi isso que motivou, em 1975, a escrita de “Quem tem medo de teoria?” Nesse texto, o crítico manifesta seu desacordo com a forma como a literatura vinha sendo estudada, segundo critérios não assumidamente teóricos, demasiado personalistas – o que feria os princípios da Teoria Literária, que fora institucionalizada, no Brasil, na década de 1960, “com o objetivo de retirar a literatura do domínio das análises impressionistas, conferindo à crítica literária o estatuto de prática

⁷¹ Esta foi uma expressão balofa e, ao mesmo tempo, crítica cunhada por Oswald de Andrade para designar os organizadores da Revista *Clima* (Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado, sobretudo), na década de 1940 – todos jovens universitários oriundos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, que buscavam estudar as artes baseando-se em metodologias e teorias que fornecessem um grau de cientificidade e, portanto, credibilidade ao discurso acadêmico. A associação é feita aqui devido à formação especialista de Luiz Costa Lima, realizada no espaço universitário, haja vista sua vontade de estudar a literatura a partir de critérios bem delimitados – o que gerou, também, na década de 1970, certo desconforto na comunidade crítica e literária.

⁷² LIMA, Luiz Costa. *Quem tem medo de teoria?*

⁷³ LIMA, Luiz Costa. *Quem tem medo de teoria?*

científica”.⁷⁴ Costa Lima, apoiado no estruturalismo antropológico, tenta, portanto, abrir caminhos para uma tradição teórica no Brasil que instrumentalizaria a reflexão sobre literatura. Tal querela aponta para uma batalha reincente no campo intelectual, cujo troféu é a autoridade acerca de um discurso. Segundo Flora Süssekind,

A reação à formalização à teoria estaria ligada, pois, segundo Costa Lima, ao medo de perder o próprio poder, de ver ameaçada uma ‘autoridade intelectual’ pouco acostumada a discussões que não se transformem em duelos, à argumentação que não seja apenas retórica e a encarar o texto como algo diferente de um espelho onde se projetaria a imagem ampliada do próprio crítico.⁷⁵

Ressalte-se, contemporaneamente, as reiteradas considerações de Costa Lima, em entrevistas e depoimentos, sobre sua produção anterior à década de 1980. Em carta escrita a Eneida Maria de Souza, na ocasião da publicação de *Querelas da crítica*, Costa Lima, ao reafirmar suas posições e discordâncias, é consciente de que a corrente estruturalista, com todos seus excessos, “consistia em iniciar uma via de fato reflexiva, nos palcos de tropicalidade”,⁷⁶ fugindo da mera aplicabilidade de métodos que vinha sendo feita até então. Reconhecendo a importância do estruturalismo neste aspecto, Eneida Maria de Souza, em “O discurso crítico brasileiro”, registra o esforço do colega que, apesar das diferenças teóricas, consta como “um dos principais responsáveis pelo fortalecimento de uma tradição teórica no Brasil”.⁷⁷ Entretanto, melancolicamente, comparando a reflexão teórica realizada no Brasil e nos outros centros, em 2008, no caderno *Mais!* da *Folha de S. Paulo*, o crítico reduz o alcance do seu investimento, à época, já que a interlocução era preterida em relação ao silenciamento:

Internacionalmente, o auge da reflexão teórica dos estudos literários teve um curto apogeu: concentrou-se entre 1960 e 1980. Baste-me aqui a constatação. O mesmo faço com seu complemento: do ponto de vista brasileiro, aquele apogeu teve uma repercussão mínima, sendo antes freqüente (sic) a incompreensão e hostilidade que causou.⁷⁸

Dessa maneira, em meio a polêmicas e enfrentamentos, formava-se o perfil do moderno crítico brasileiro, que surge da superação e do desdobramento dos dois modelos

⁷⁴ LIMA, Rachel Esteves. *Ainda a tradição do impasse*. In: Alea: Estudos Neolatinos. Programa de pós-graduação em Letras Neolatinas. v.2, n.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p.132

⁷⁵ SÜSSEKIND, Flora. Assaltos à razão? In: *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.58.

⁷⁶ LIMA, Luiz Costa apud SOUZA, Eneida Maria de. *Querelas da crítica*. In: *Traço crítico*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/ Editora UFRJ, 1993, p.11.

⁷⁷ SOUZA, Eneida Maria de. O discurso crítico brasileiro. In: *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.51.

⁷⁸ LIMA, Luiz Costa. *Discurso no limbo*. Mais! Folha de São Paulo, domingo, 1 de junho de 2008. Disponível em: < <http://historiafunbbe.blogspot.com/2008/06/discurso-no-limbo.html> > Acesso em: 20 ago 2011.

anteriores – o crítico-cronista (de rodapé) e o crítico-scholar (o universitário) –, e tem na autorreflexão sua peculiaridade. Nomes como Roberto Schwarz, Haroldo de Campos e o próprio Luiz Costa Lima despontam, na década de 1970, ao defenderem, em seus estudos, o lastro teórico com os aportes da crítica dialética, da teoria da tradução e da teoria da ficção,⁷⁹ respectivamente.

O sistema intelectual brasileiro: por uma definição do campo

Em 31 de julho de 1976, a Revista *José* publica em sua edição um texto que incluiria a voz cortante de Luiz Costa Lima nas discussões acerca da intelectualidade nacional, “O sistema intelectual brasileiro”. Em tom melancólico e desesperançoso, o crítico, ao longo do ensaio, elenca elementos que, a seu ver, viriam compor a *intelligentsia* brasileira. Nesse primeiro texto, que será aprimorado, cinco anos depois, no ensaio “Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro”, o autor, em um misto de protesto e iniciativa, apresenta seis tópicos em que discute as características problemáticas de nosso campo intelectual. Seu manifesto inicia-se sem a menor cerimônia: “Cada geração literária que passa entre nós parece lançar um mesmo grito de renovação”.⁸⁰ Ao apresentar um traço presente no pensamento brasileiro, o ensejo constante por renovação – segundo ele, uma renovação descuidada, marcada pela negligência à produção de gerações anteriores –, Costa Lima afirma estar a intelectualidade nacional, naquele momento, na “estaca zero”, uma vez que, numa mão dupla, ignora e combate seus precursores. Estes, por sua vez, segundo o autor, posicionam-se também no campo em defesa de seu espaço, desconfiando dos novos candidatos ao ofício intelectual, submetendo-os a uma espécie de cooptação, ao fazer uma

rigorosa triagem, abrindo-lhe[s] as portas da instituição ou grupo a que pertence[m] se o recém-chegado mostrar-se dócil, maleável, dotado de um estilo onde sempre haja lugar para substituir o não por um sim ou capaz de abrigar um adjetivo mais dadivoso.⁸¹

A aversão a cordialidades, confessada em alguns de seus discursos autobiográficos, contribui para a construção da imagem de alguém que se situa à margem de conchavos e

⁷⁹ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p.34.

⁸⁰ LIMA, Luiz Costa. *O sistema intelectual brasileiro*. Revista José. 31 jul 1976. Disponível em: <<http://www.revistaautomia.com.br/volumes/Ano2-Volume2/revista-jose-parte2/lclima.html>>. Acesso em: 20 jul 2011.

⁸¹ Id. Ibid.

“panelas”, estando, assim como outros, “entregues às pedras”.⁸² Sem as facilidades que as amizades proporcionam, Costa Lima, como sempre reitera em depoimentos, vê-se limitado aos interesses dos editores, de seus escassos leitores e ao descaso da universidade, que, segundo ele, só confere valor ao já legitimado em outros centros de produção.

Os dramas que ele então identifica no “jogo intelectual”, permeado de “mútua ignorância, breve beligerância e demorada convivência”,⁸³ são atrelados às nossas condições de país periférico. Por essa via, consideram-se não apenas as reflexões e questões próprias ao campo (como a discussão de temáticas e as disputas travadas entre os pares), mas também os fatores sociais, políticos e econômicos de formação da nação brasileira. Isto é, as conjunturas do país vão, em maior ou menor grau, definir como vão se realizar os estudos literários entre nós (observe-se que a própria discussão de Costa Lima sobre o sistema intelectual encontra suporte no processo de formação nacional, em aspectos como a lógica do favor, da cordialidade, da interface público-privado, dentre outros). Essa discussão é crucial para a elaboração de uma proposição mais apurada acerca das condições de estabelecimento de um pensamento intelectual autônomo no País. Ainda que, ao final de seu argumento, explicita seu descrédito em relação a uma mudança a curto ou médio prazo, Costa Lima procura viabilizar soluções que têm mais a ver com a conscientização de nossa condição, ressaltando mecanismos práticos capazes de revertê-la, como a construção de uma universidade eficiente com poder de decisão e intervenção frente às demais instituições sociais. O valor conferido à relação entre o campo intelectual e o campo político-econômico a que o crítico recorre para refletir sobre nossa dependência reitera uma posição que pretende fazer dialogar duas grandes áreas das assim-chamadas ciências humanas: a literatura e a história. Em entrevista concedida a estudantes do curso de pós-graduação da PUC-Rio, em 2010, Costa Lima afirma encontrar na história um subsídio necessário ao estudo da literatura. Questionado sobre a dupla tentativa de considerar a literatura a partir de seu panorama social e o diálogo entre os discursos ficcional e histórico, o teórico, ao defender uma e outra perspectivas, justifica sua opção: “Para mim, porém, sempre pareceu que levar a literatura a sério significaria dotá-la de lastro histórico. Por isso me interessa a história: como base para o estudo da literatura”.⁸⁴

Conforme aponta, duas são as condições para a existência de um sistema intelectual: a produção de bens simbólicos e, vinculada a ela, a capacidade para julgá-los, através de uma

⁸² Id. Ibid.

⁸³ Id. Ibid.

⁸⁴ LIMA, Luiz Costa. *Luiz Costa Lima: história, discurso, vida*. Entrevista concedida a Aline Magalhães Pinto, Laíse Helena Barbosa Araújo, Mannuella Luz de Oliveira Valinhas, Victor de Oliveira Pinto Coelho. Revista História da historiografia. Ouro Preto: set de 2010. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/100>>. Acesso em: jun 2010.

crítica especializada – fatos que, no Brasil, não teriam encontrado um solo favorável, visto a incipiente aptidão reflexiva para nossas próprias produções, reduzindo-se elas à mera reprodução das tendências e autores importados. Segundo o autor,

Inexiste no sistema intelectual brasileiro um centro de decisões, capaz de gerar o reconhecimento de produtos que ou não sigam ou não sejam comparáveis a produtos já externamente reconhecidos. Assim, à semelhança do que sucede no campo econômico, no melhor dos casos nos tornamos exportadores de matéria-prima simbólica e importadores desta mesma matéria-prima, depois de elaborada.⁸⁵

Nessa perspectiva, a ausência de um centro próprio de decisões implica a necessidade de uma voz legitimadora, que nos forneça subsídios e arquétipos a serem seguidos acriticamente por nós, meros seguidores e repetidores das ideias de outrem. Aos que buscam outra alternativa a essa postura, o que parece ser seu caso em anos de luta em defesa de mais leitores e da expansão de seu trabalho, “a infelicidade de propor alguma linha não classificável no já plenamente reconhecido, correrá o risco imediato de não conseguir editor ou de não alcançar a mínima repercussão”.⁸⁶ Ressalte-se aqui, à luz do depoimento, que o seu empreendimento, na década de 1970, de divulgar o Estruturalismo de Lévi-Strauss, no Brasil, gerou, como se viu, uma série de embaraços entre seus pares. Mas, se, por um lado, a queixa ininterrupta de não pertencer a nenhum grupo, de pesquisar algo “menos comum” ou por um viés diferenciado, coloca em evidência as dificuldades e privações que os que nadam contra a corrente enfrentam ao longo de suas escolhas, por outro, contribui para a construção de uma figura que se quer autônoma e ex-cêntrica, reiterando um discurso heroico. Estando à margem, sem as facilidades (de edição, divulgação, bolsas e financiamento para estudo e desenvolvimento de projetos etc.) que uma confraria proporciona, sem as relações cordiais que assim vão se forjando, remando contra a maré das novidades importadas e da repetição desenfreada em solo nacional, Costa Lima, em sua aventura quixotesca, constrói seu (des)prestígio.

Questiona-se então a capacidade de reflexão acerca dos pensamentos apropriados à nossa *intelligentsia*. Isentando-se de tomar partido, seja para concordar ou discordar, o pensador brasileiro paira em uma zona de conforto, na qual a opção por não se desvincular das ideias importadas aparece como uma atitude menos arriscada e mais cordial. As condições sociais em que vive, ainda que não determinem o estado de coisas, contribuem para manter um *establishment*, pautado na “anemia cultural à opressão em que vivemos”, diz o crítico,

⁸⁵ LIMA, Luiz Costa. *O sistema intelectual brasileiro*.

⁸⁶ Id. *Ibid.*

referindo-se ao período ditatorial por que passava o Brasil.⁸⁷ A isenção de responsabilidade sobre o que se diz, de tomada de posição, o conformismo com nossa condição de país periférico, o desprezo pela cultura livresca, bem como o modismo e a pseudoerudição (“servilismo envergonhado”) são elementos que, contrapostos a uma visão chauvinista, ajudam a compor, segundo a visão de Costa Lima, o estado de nosso sistema intelectual, que guardaria, no desenvolvimento sócio-econômico, um fio longínquo de esperança.

Tal esperança esbarraria, ainda segundo nosso autor, em questões decisivas. A primeira diz respeito à exígua quantidade de leitores interessados nos temas os quais aborda, que não acompanhou substancialmente o crescimento das universidades no País. Este fator, que, de certa forma, vincula-se à referida ausência de um centro próprio de decisão, acaba por produzir, diluir e divulgar apenas o já legitimado e “tudo então favorece o círculo vicioso da dependência mental”.⁸⁸ A ausência de um público efetivo compromete, segundo o crítico, a produção e a publicação dos autores que pretendem, para além do valor simbólico, sobreviver de suas ideias, já que

Ninguém deseja escrever para as gavetas ou para receber amigáveis palmadinhas. Se entretanto ousamos uma reflexão mais elaborada e se ela não se expuser sob a rubrica de uma corrente já aceita, o receptor terá dificuldades em colocá-la em seus escaninhos e o editor se arrependerá de seu gesto.⁸⁹

Afeito a uma postura contrária à considerada, por ele, usual no meio intelectual brasileiro, conforme se observa nas pitadas autobiográficas que emite ao longo de seus textos, Luiz Costa Lima lamenta a ausência de leitores e, particularmente, é claro, de leitores de seus livros. Essa situação diz respeito também à forma como, no Brasil, o intelectual é historicamente concebido, situado em meio ao que João Alexandre Barbosa denominou como “a tradição do impasse”, em 1974. Essa expressão aparece na primeira tese defendida no programa de Teoria Literária da USP e parece, ainda hoje, fazer sentido no campo. Tal formulação teórica, frente à tensão causada pela crítica de José Veríssimo, que oscilava “entre a defesa da autonomia da obra de arte e a valorização de sua função referencial”,⁹⁰ apontava, como se vê, para uma dicotomia que se pretendia superar a partir de pressupostos teóricos pautados no rigor científico, materializado a partir de fórmulas, gráficos e uma análise imanentista do texto, reduzindo o elemento histórico “à prática da metalinguagem dos

⁸⁷ LIMA, Luiz Costa. *O sistema intelectual brasileiro*.

⁸⁸ Id. *Ibid.*

⁸⁹ Id. *Ibid.*

⁹⁰ LIMA, Rachel Esteves. *Ainda a tradição do impasse*, p.131.

escritores-críticos”.⁹¹ Percebe-se com isso que a USP, nesse momento, lança mão de duas vias para o estudo do literário. A primeira, sob tutela de nomes como Antonio Candido, Alfredo Bosi e José Aderaldo Castello, buscava, a partir da visada sociológica, vincular o estudo da obra à autonomização do literário. Já a segunda, apostava na análise formalista da obra literária, e tinha como principais representantes os professores Boris Schnaiderman e o próprio João Alexandre Barbosa, que foram “responsáveis pela orientação de um significativo número de dissertações e teses que se dedicam a analisar os autores que privilegiam a autorreflexão da linguagem”.⁹² Costa Lima, que se identifica, especialmente, com a condição de crítico literário, expõe: “[...] este impasse [interface história-literatura] especialmente me toca, pois diz respeito à incapacidade de fundir a abordagem histórica com a abordagem interna das obras e estas com a preocupação sócio-política”.⁹³

Apostando na consciência de nossa condição para superá-la, Luiz Costa Lima, ao traçar um panorama do cenário intelectual de que é integrante, estende críticas e restrições a tudo e a todos – à universidade, ao Estado, a seus pares, aos leitores –, os principais responsáveis pela alteração do quadro. Esta visão vai permear as reflexões do crítico até mais recentemente, conforme se observa no artigo “Marginais aqui e lá”, publicado na *Folha de S. Paulo*, em 2000:

De todo modo, a saída da indigência intelectual depende da existência de um leitor que já não se satisfaça com os clichês correntes e de um público que entenda que papel se reserva para a universidade que pretenda crescer. Pois só quando leitor e público deixarem de ser, respectivamente, uma minoria insignificante e uma massa amorfa, políticos e empresários da cultura escutarão sua demanda.⁹⁴

Ainda em entrevista concedida a Murilo Bonadio, estudante de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, em 2008, Costa Lima, ao ser questionado sobre as principais dificuldades por que passam os críticos literários frente às constrições mercadológicas dos suplementos, contemporaneamente, responde que os jornais ampliam apenas o que ocorre dentro das próprias universidades, “fábricas de diplomas ou de centros de afilhadismo”,⁹⁵ haja vista a “pouca preocupação dos professores, influenciada pela falta de interesse dos alunos

⁹¹ Id. Ibid., p.131.

⁹² LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*, p. 246.

⁹³ LIMA, Luiz Costa. *O sistema intelectual brasileiro*.

⁹⁴ LIMA, Luiz Costa. *Marginais aqui e lá*. São Paulo: Folha de São Paulo, 4 jun 2000. Disponível em: <www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/l/lima1.doc>. Acesso em: 20 jul 2011.

⁹⁵ LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro. In: _____. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p.25.

sobre as indagações realmente sérias e profundas”.⁹⁶ A lente de aumento desse problema é, em certa medida, proporcionada pela expansão editorial e pelas exigências mercantis da década de 1980.

A crítica literária na década de 1980, *agora não mais severa e ríspida*.

Roberto Corrêa dos Santos, em “Matéria e Crítica”, apresenta a transição por que passam a crítica e seus agentes no início do decênio de 1980, estando aquela mais aberta e dialógica e se reconfigurando frente aos imperativos dos avanços econômicos e tecnológicos, à ampliação e às novas formas de atuação do mercado e ao aumento significativo de interlocutores:

Se na década de 70 firmou-se a Crítica de cunho predominantemente universitário, enquanto produção presa às regras do trabalho acadêmico, dificultando – pelo próprio exercício inicial de novos modos de escrita e pela busca de valores – o diálogo com os veículos mais diretos de comunicação, na de 80 surge um outro gesto, mais aberto e mais fluente, de intervir na vida social como um todo.⁹⁷

A década de 1980, *agora não mais severa e ríspida*, conforme os versos de Ana Cristina Cesar, é, como atesta Flora Süssekind, em “Agora sou profissional”,⁹⁸ marcada por um posicionamento cada vez mais empresarial. Devido ao processo de profissionalização do campo, alguns escritores passam, enfim, a sobreviver de sua produção. Viver de literatura significaria, portanto, assumir uma vida literária, como tão perspicazmente captou a autora no título que deu a seu livro, *Literatura e vida literária*, para expressar a simbologia e a concretude do campo, que passa a conviver com os novos critérios estabelecidos pelos imperativos mercadológicos, baseados menos em fatores estéticos que no volume de vendas. Para pensar o perfil de um intelectual desta época é fundamental levar em conta tanto o momento de redemocratização do País, como a expansão da industrialização, que impulsiona o mercado e multiplica os lugares de circulação de suas produções. Um intelectual, para viver de sua produção, tem de atuar nas mais variadas esferas – acadêmica, jornalística, editorial e,

⁹⁶ LIMA, Luiz Costa. *Entrevista concedida a Murilo Bonadio*. Faculdade Cásper Líbero: diálogos & entrevistas. Disponível em: <<http://www.facasper.com.br/cultura/site/entrevistas.php?tabela=&id=18>>. Acesso em: 29 nov 2008.

⁹⁷ SANTOS, Roberto Corrêa dos. Crítica literária, anos 70 e 80, p.16.

⁹⁸ SÜSSEKIND, Flora. Agora sou profissional In: *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.149.

inclusive, virtual, se estendermos a reflexão aos dias atuais. Com este novo panorama, que se inicia nos anos 1980,

criou-se, então, e não apenas na área de ficção, um novo tipo de intelectual: com um pé no verniz acadêmico e outro na dicção jornalística. Um intelectual de divulgação, figura que prolifera com extraordinária rapidez à medida mesmo que se ampliam os espaços para resenhadores de livros na grande imprensa e que aumenta a solicitação de textos de fácil compreensão, e ao mesmo tempo com mínima aparência competente, por parte das coleções de estudos e biografias de bolso que se multiplicam no panorama editorial brasileiro recente.⁹⁹

Não é a toa que muitos acadêmicos encontram nos suplementos literários e culturais um espaço para o exercício da crítica. O próprio Costa Lima, a partir da década de 1990, passa a escrever na *Folha de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*, ampliando o seu círculo de leitores e colocando em prática uma dicção mais ensaística e mais acessível, em contraponto à linguagem usada em seus textos teóricos, que, por vezes, haja vista a ilegibilidade apontada por Wlad Godzich, chegam a soar como traduções. Tal característica, objeto de elogio de um Haroldo de Campos, é levantada pelo teórico alemão não apenas como um traço singular do crítico brasileiro, mas também em função de, no exercício de sua profissão, atuar ele como tradutor poliglota. Seu “português peculiar, nem opaco nem transparente” é fruto de uma escrita que se inscreve “num processo interativo no qual a origem é uma ilusão e a originalidade, um equívoco”.¹⁰⁰

O tom ensaístico, que assume a subjetividade e a arbitrariedade no trato com o objeto literário,¹⁰¹ ciente da vulnerabilidade do terreno literário, quebra a barreira da cientificidade, marcando a década. É interessante pensar que o próprio Costa Lima passa a assumir essa escrita, flexibilizando-se os limites de uma crítica que assume uma forma mais tradicional, baseada na diacronia, na linearidade e nas inúmeras cadeias explicativas que tornavam o texto teórico um tratado. Pode-se observar a dicção ensaística do crítico até mesmo no texto em que ele discute questões relacionadas ao seu próprio espaço de produção, “Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil”, de 1981.

Nele, assumindo o ensaio como uma revisão de si mesmo, numa espécie de retorno autocrítico, o autor registra seu interesse em indagar-se sobre seu campo de atuação, ou como diria, a “família” a que pertence. Para ele, “o interesse do intelectual por seu segmento

⁹⁹ Id. Ibid., p.153.

¹⁰⁰ GODZICH, Wlad. A ilegibilidade de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*, p.345.

¹⁰¹ LIMA, Rachel Esteves. *O ensaio na crítica literária contemporânea*. Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, out. 1995, p.41.

manifesta, portanto, a dificuldade de saber situar-se, a sensação de falta de solo e, ao mesmo tempo, a premente necessidade de conhecê-lo”.¹⁰² Vivendo um período de recém-abertura democrática, o Brasil de 1980 enfrenta ainda uma série de problemas que dizem respeito à própria reestruturação política, econômica e cultural do país e afetam diretamente o modo de produção nas esferas de produção dos saberes. O próprio Costa Lima sofreu o peso de suas escolhas políticas no início de sua carreira. Sendo de esquerda, o autor, dias antes da defesa de sua tese, foi capturado, tendo sofrido aposentadoria precoce por parte do AII.¹⁰³ A censura, que passa a regular não só a percepção criativa, atinge, segundo o autor, a crítica, motivando-o a questionar-se sobre o estado ou mesmo a existência da esfera intelectual no Brasil, no período. Para remontar o panorama de formação de um campo intelectual no País, ele revisita muito brevemente os períodos históricos em que ocorrem os movimentos literários barroco, arcadismo, romantismo e modernismo – isto porque, segundo ele, o legado cultural de nosso sistema intelectual advém, sobretudo, da cultura literária. Para tanto, recorre à noção de “sistema” forjada por Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira*,¹⁰⁴ e afirma haver um germe de intelectualidade já em Gregório de Matos, apesar de, efetivamente, o sistema intelectual só se configurar a partir do século XIX, com a circulação dos bens simbólicos, propiciada pela imprensa e pela formação de um público leitor.¹⁰⁵

Segundo Costa Lima, é o Boca do Inferno, no século XVII, quem sente e inaugura uma das principais peculiaridades de nosso sistema intelectual: “a sensação, ingênua ou fraudulenta, conforme o caso, que têm seus participantes de não pertencerem a nenhum grupo social, de estarem como soltos no espaço dos interesses sociais”.¹⁰⁶ Baseando-se na noção de “sistema”,¹⁰⁷ que supõe a existência da tríade autor/público leitor/meio de circulação, Costa Lima afirma que, até o início do século XIX, não existindo um público leitor e sendo a imprensa proibida, inexistia propriamente um sistema intelectual. Dessa forma, as condições para a sua existência no Brasil passam a se dar apenas a partir do século XIX, com a produção e a circulação de bens simbólicos.

¹⁰² LIMA, Luiz Costa. *Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro*, p.3-4.

¹⁰³ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual. In: *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p.15-57.

¹⁰⁴ CANDIDO, Antonio. Introdução. *Formação da literatura brasileira* (momentos decisivos). 3ed. V.1. São Paulo: Martins Fontes, s.d., p. 23-39.

¹⁰⁵ LIMA, Luiz Costa. *Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro*, p. 3-29.

¹⁰⁶ Id. *Ibid.*, p. 5.

¹⁰⁷ Segundo Candido, o sistema implica “a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais uma obra não vive; um mecanismo transmissor [...]. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico [...]”. CANDIDO, Antonio. Introdução, p. 23.

Para ele, “o intelectual foi, entre nós, aceito não enquanto agente de ideias e de aprofundamento da linguagem, mas apenas enquanto especialista do verbo fácil, na palavra comovente e, daí, enquanto orientador de caminhos”¹⁰⁸ – premissa que veio a ser reiterada pelas escolas de Direito que funcionavam em Olinda e São Paulo, desde 1827. Embora constassem como “as primeiras instituições que poderiam se contrapor à unanimidade da palavra oralizada, estabelecendo o hábito do texto escrito e a paciência de sua decifração”,¹⁰⁹ tais unidades reafirmavam a postura que encarnava a grandiloquência do púlpito e da tribuna, sendo este, como aconselha, em *Teoria do medalhão*, Janjão a seu filho, “um modo de convocar a atenção pública”.¹¹⁰ O conto machadiano, através do diálogo entre pai e filho, lido como uma crítica ferrenha à ocupação em destaque – o medalhão –, traz à baila a discussão sobre um modelo bem-sucedido, à época. Para alcançar destaque entre os demais, há uma série de etapas a serem seguidas pelo jovem aprendiz que dizem respeito mais à sua *performance* de “boa-praça” que ao seu intelecto propriamente dito. Bem relacionado, dotado de humor balofo, seu estilo deve ser, estrategicamente, adornado, vasto e raso:

Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. Caveant consules é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! - E esta frase sintética,

¹⁰⁸ LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro, p. 8.

¹⁰⁹ Id. *Ibid.*, p.8.

¹¹⁰ ASSIS, Machado. *Teoria do medalhão*. Disponível em: <

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1940>. Acesso em 6 set 2011.

transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.¹¹¹

A passagem do texto literário de Machado de Assis invoca a imagem de um sujeito que pretende construir uma carreira sob os pilares da boa-figura, do ornamento, da grandiloquência e da repetição acrítica.

Roberto Gomes, em *Crítica da razão tupiniquim*, inicia uma saga semelhante à de Luiz Costa Lima no que diz respeito à busca de uma genealogia do pensamento brasileiro, dadas as singularidades de abordagem e do lócus enunciativo de cada um. Este, estudioso da literatura e adepto às cadeias demonstrativas para lidar com os temas de sua escolha; aquele, estudioso da filosofia e afeito a uma linguagem precisa. O filósofo, ciente da inexistência, adormecimento ou mesmo pulverização de uma “Razão Brasileira”, concebe sua publicação como uma tentativa de inventá-la.¹¹² Em contrapartida, consciente de seus limites e de que “uma Razão não se faz com um livro”,¹¹³ Gomes revela, tal qual Costa Lima em alguns de seus textos, seu empreendimento quixotesco: “pensar o que se é, como se é”,¹¹⁴ dilema que parece habitar o intelectual contemporâneo. Roberto Gomes sintetiza, em uma assertiva, seu argumento: “A questão de um pensamento brasileiro deverá brotar de uma realidade brasileira – não do ‘pensamento’ e da ‘realidade’ oficiais. Deve inventar seus temas, ritmo, linguagem. E inventar seus pontos de vista”¹¹⁵. Em um de seus capítulos, “A razão ornamental”, o autor ressalta as peculiaridades e realidades da intelectualidade tupiniquim, a começar pela ideia de que, no Brasil, impera a figura do sujeito “que sabe brilhar através das palavras” em um combinado de “rapidez mental” e “uso desenvolvido da linguagem”.¹¹⁶ Mas não para por aí: adicionando-se “pitadas de sábia malandragem”,¹¹⁷ que reitera a esperteza do herói nacional, constrói-se uma imagem popular que agrada seja através das frases de efeito seja a partir de sua simpatia. Lembre-se aqui, mais uma vez, dos excepcionais conselhos paternos para o alcance de uma brilhante carreira como medalhão, expostos no conto de Machado.

Outra característica ressaltada pelo autor é a frequente adesão aos *ismos*, às novidades da metrópole, produzindo uma sucessão de modas que nos “revela uma de nossas alienações básicas: o deslumbrismo dos colonizados”.¹¹⁸ O autor sustenta o argumento em três frentes principais. A primeira diz respeito à posição de colonizado, que extrapola a esfera econômica;

¹¹¹ ASSIS, Machado de. *Teoria do medalhão*.

¹¹² GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. Curitiba: Criar edições, 2006, p.9.

¹¹³ Id. *Ibid.*, p.12.

¹¹⁴ Id. *Ibid.*, p.12.

¹¹⁵ Id. *Ibid.*, p.12.

¹¹⁶ Id. *Ibid.*, p.69.

¹¹⁷ Id. *Ibid.*, p.70.

¹¹⁸ Id. *Ibid.*, p.71.

a segunda tem a ver com o nosso arrivismo, isto é, o interesse constante em se equiparar ao outro; já a última, que aborda um dilema imortalizado na máxima de Paulo Emílio Salles Gomes, relaciona-se com o fato de, por rejeitarmos a produção nacional, não conhecermos nem a nós mesmos nem aos outros. Constitui-se, desta maneira, a razão ornamental, que, tendo como aliados “o jeito, a conciliação, a concórdia, o homem cordial, as revoluções sem sangue”,¹¹⁹ torna-se servil e incapaz de fazer pensar.

Cabe salientar a maneira como o ensino foi introduzido no Brasil. A chegada dos jesuítas, em 1549, acarretou muito além da mera divulgação e conversão à fé católica. A pretexto de espalhar pelo Novo Mundo o catolicismo e coibir a expansão do protestantismo, a Igreja, através da Ordem de Jesus criada por Inácio de Loyola, quinze anos antes, envia seus padres com vistas a fundar escolas e missões. Ou seja, os missionários não se limitam à esfera religiosa, como passam, também, a fundar e administrar as instituições de ensino e demais órgãos da metrópole na colônia. Evidentemente, a metrópole não pretendia incentivar a autonomia de sua colônia e acaba por mantê-la dependente tanto econômica quanto política e culturalmente. Por isso, a educação a que se tinha acesso, até meados do século XVIII, restringia-se aos cursos secundários ministrados pelos jesuítas, “obrigando-se as elites locais a concluírem os seus cursos superiores em Portugal, principalmente na cidade de Coimbra, onde predominava, até a Reforma Pombalina, uma formação clássica e conservadora, submetida aos interesses da Igreja Católica”.¹²⁰ Defendendo uma espécie de base comum para o ensino, os jesuítas alicerçaram em trinta conjuntos de preceitos uma espécie de manual, o *Ratio Studiorum*, que, respeitando-se minimamente as particularidades de algumas regiões, “fora pensado para ordenar as instituições de ensino de uma única maneira, com vistas a permitir uma formação uniforme a todos que frequentassem os colégios da Ordem Jesuítica em qualquer lugar do mundo”.¹²¹ Através das normas de conduta estabelecidas para o programa de estudos, e “em coerência com os preceitos e os interesses da Igreja Católica”,¹²² o manual oferecia, basicamente, três cursos: Letras ou Humanidades, Filosofia e Ciências (também denominado Artes) e Teologia ou Ciências Sagradas. Ressalte-se o primeiro: tendo duração média de sete anos, o curso secundário de Letras primava pelo estudo da gramática para desenvolvimento da eloquência, com vistas a “formar o perfeito orador, com uma expressão enérgica e convincente”.¹²³ Oratória, estilo e erudição eram, portanto, aliados aos

¹¹⁹ Id. Ibid., p.79.

¹²⁰ LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*, p.21.

¹²¹ BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva. *O Ratio Studiorum e a missão no Brasil*. Revista História Hoje. São Paulo, 2003, p.1. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=24>. Acesso em: 15 out 2011.

¹²² Id. Ibid.

¹²³ Id. Ibid.

conhecimentos de história, geografia e cronologia, os conteúdos destacados pelo *Ratio Studiorum*.

Se, em seu primeiro momento, os cursos secundários e as instituições de ensino priorizavam o ensino de cunho religioso, pautado na arte do bem expressar-se, a partir da Reforma Pombalina, em 1772, elas passam a se reestruturar. O advento de instituições voltadas para a área técnico-científica e para o ensino superior que produzia profissionais liberais promove um deslocamento no processo de formação que vinha sendo feito no País. O ensino, que passa a privilegiar as Ciências Naturais, volta-se para sua aplicabilidade,

de forma a promover a superação do atraso econômico em que o país se encontrava, através do melhor aproveitamento de seus recursos naturais. Essa visão seria repassada às instituições criadas a partir do início do século XIX no Brasil: tratava-se de fazer com que os novos profissionais se dotassem com as técnicas necessárias à exploração econômica.¹²⁴

A crítica a esse modelo de ensino no Brasil é recorrente na produção de Costa Lima, o qual acredita que o nosso sistema intelectual já nasce sob a égide do fracasso. Conforme o autor,

Vemos, portanto, que nossos primeiros cursos superiores ofereceram, não uma resistência, mas uma via de enlace entre a oralidade vinda de trás e a praticidade que ora se explicita. O intelectual brasileiro por assim dizer receava (e receia) a sua própria profissão e procura a curva de menor resistência quanto à audiência que o espera.¹²⁵

Fazendo um levantamento dos períodos históricos no Brasil, a começar pelo século XVII, o autor delinea alguns traços que se repetem, apresentando três impedimentos para o florescimento de uma tradição crítica no País: a existência de uma cultura auditiva, voltada para fora e sem um centro próprio de decisão. Tais fatores convergem para um pensamento que tem como principal eixo o processo de formação nacional – dependente, desde o berço, de outra cultura – que acumula problemas de difícil resolução, como a lógica do favor. A perpetuação dos laços de dependência para com a “metrópole” é um fator que estaria na origem da inexistência do sistema intelectual autônomo no Brasil, configurando-se nossa vida cultural pela ausência de um emprego reflexivo e crítico, pelo receio de ser original e pela submissão à lógica do clientelismo.

Quanto ao primeiro traço, cabe ressaltar a diferença que o teórico apresenta entre oralidade e auditividade. Aquela ocorre como registro corrente legítimo das sociedades não-

¹²⁴ LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*, p.22.

¹²⁵ LIMA, Luiz Costa. *Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro*, p. 9.

letradas. Já a cultura preponderantemente auditiva é alvo de crítica justamente por acontecer em uma sociedade letrada. Para ele, uma cultura de dominância oral numa civilização da escrita “significa que, no caso, a palavra é escolhida e a frase composta de maneira a suscitar um efeito que se quer o mais imediato possível”.¹²⁶ Isso implica em escolha de palavras que causem um efeito de impacto entre os que as ouvem. Ressalte-se, como se viu, o caráter do ensino jesuítico, cujo efeito de impacto produzido “consistia em impressionar o auditório, em esmagar a sua capacidade dialógica, em deixá-lo pasmo e boquiaberto ante a perícia verbal e a teatralização gesticulatória, maneiras de rapidamente subjugar o auditório”.¹²⁷ O caráter auditivo vincula-se, dessa maneira, a uma cultura da persuasão – remota estratégia de comunicação que se orienta por parâmetros legítimos, ou não, com vistas a induzir e/ou convencer alguém sobre algo, a partir do uso dos mais variados recursos. No caso específico, o predomínio do oral no seio de uma civilização escrita pretere o entendimento em favor da sedução, da submissão através do encantamento – que, segundo o autor, dispensa as demonstrações, princípio metodológico por onde se desenvolve a criticidade. Por isso é que, conforme afirma Costa Lima, gêneros como a crônica foram bem acolhidos em solo nacional, por seu caráter de “beira da rede ou ao pé do fogo, de conversa despreocupada” e “sem cadeias demonstrativas”.¹²⁸ Para o crítico, impera na base da cultura auditiva um círculo vicioso, o qual se mantém a partir de uma lógica político-econômica, relacionada à dependência:

[...] se nossa caracterização do *auditivo* for pertinente, sua consequência é de que ela se baseia e, ao mesmo tempo, fomenta instituições e práticas políticas cujas armas são fundamentalmente *não demonstrativas*, ganhando dividendos por efeitos que poderiam ser empiricamente constatados: a paz nacional, a capacidade de transigência do brasileiro, seus milagres econômicos. A *auditividade* é, por conseguinte, a chave dominante de um edifício (social) que se sustenta nas práticas antidemonstrativas, i.é., autoritárias. (Mesmo por aí se vê por que ela não se confunde com a vigência da cultura oral). Contudo ainda é preciso acrescentar: a *auditividade* supõe, não apenas o autoritarismo velado ou manifesto, mas ainda o culto prestado à sacação.¹²⁹

A respeito da segunda característica, a de que mantemos uma cultura voltada para fora, Costa Lima sustenta seus argumentos no estudo realizado pela historiadora M. B. Nizza da Silva sobre os hábitos e o modo de vida dos colonos. Para ele, a controversa combinação

¹²⁶ Id. Ibid., p.16.

¹²⁷ Id. Ibid., p.16.

¹²⁸ Id. Ibid., p.17.

¹²⁹ Id. Ibid., p.18.

“ostentação externa” e “desinteresse interno” advém de nossa formação colonial.¹³⁰ Isto porque, conforme a observação dos costumes senhoriais, nota-se um contraste entre o que se é, no plano do privado, e o que se é, em ocasiões especiais, em aparições na esfera pública. Privilegiava-se, conforme depoimentos de viajantes, a apresentação externa, a ostentação dos brasões da cultura, que contrastavam com os comportamentos e o uso de vestimentas e utensílios domésticos. Isto denunciaria o desejo constante por novidade, de estar em sintonia com o que está em voga nos centros culturais, para mostrar-se atualizado com as ideias novas, oriundas da metrópole. Construía-se, desse modo, uma cultura “para inglês ver”, na qual “o intelectual se fechava com seus livros e seus princípios e, do mesmo modo que, indiferente ao calor tropical, abafava o corpo entre casimiras e chapéus, encarava o seguidor doutros princípios como um inimigo à vista, a quem ou destruía ou por quem seria destruído”.¹³¹

O último traço, que se apresenta como um complemento dos outros dois, tem a ver com o fato de o sistema intelectual, no Brasil, não possuir um centro próprio de decisão. Nas palavras de Luiz Costa Lima, um sistema intelectual dotado de um centro próprio de decisão “julga originalidade, pertinência e/ou validade de certa obra, de certa corrente ou de certa teoria”¹³² – o que, para ele, não é uma realidade no País. Primeiro porque um sistema intelectual caracteriza-se por sua não-unicidade, englobando uma cadeia de áreas, depois porque tem, haja vista a heterogeneidade de seus membros, o desafio de superar “a intervenção de fatores subjetivos e das preferências ideológicas” de alguns representantes, os quais, justa ou inadvertidamente, “a comunidade acata como os mais autorizados”.¹³³ Segundo ele, a superação do quadro só se concretizará com a consciência das condições do nosso campo intelectual a partir de um labor crítico realizado nas universidades, através “de uma massa considerável de monografias sobre o modo de funcionamento, os critérios de recrutamento e as condições de trabalho das nossas diversas comunidades intelectuais”.¹³⁴ Para Costa Lima, o fato de o nosso sistema intelectual não possuir um centro legitimador tem, sobretudo, a ver com a precariedade da universidade, que deixa a desejar em suas condições e funções:

Dizemos que nos falta um pensamento original, não só por não termos as indispensáveis condições materiais – bases financeiras para o exclusivo trabalho intelectual, existência de equipes capazes -, como *porque as instituições legalmente capacitadas para julgar das produções intelectuais tendem a não acatar senão os produtos*

¹³⁰ Id. Ibid., p.22.

¹³¹ Id. Ibid., p.11.

¹³² Id. Ibid., p.23.

¹³³ Id. Ibid., p.23.

¹³⁴ Id. Ibid., p.24.

*seguidores de uma linhagem suficientemente legitimada nos centros que reconhecemos.*¹³⁵ (grifos do autor)

Explicitamente remetendo-se à ideia de “torcicolo cultural”¹³⁶ cunhada por Roberto Schwarz, caracteriza seu terceiro argumento como um fenômeno cujas raízes são de ordem socioeconômica e política. Dependêríamos, assim, ideologicamente da metrópole, estando subordinados apenas ao que por ela foi legitimado – postura que, segundo ele, acontece justamente no espaço que deveria, por suas funções, combatê-la: a universidade. A queixa em relação à universidade e a ininterrupta crítica à crítica que tem (ou não tem) sido realizada no País são recorrentes em sua produção mais contemporânea, em alguns de seus textos, sobretudo nas entrevistas por ele concedidas. Tal descrença de Costa Lima para com a crítica, a universidade e, de uma maneira mais ampla, com a intelectualidade brasileira talvez tenha a ver com o estabelecimento do suposto “vale-tudo” (isto é, abertura e diversificação de teorias e metodologias e objetos para o estudo da literatura) a que o crítico vez ou outra se refere e que daria fim à hegemonia da Teoria da Literatura. A crença de que os Estudos Culturais ilustrariam esse cenário isento de teoria, por exemplo, parece apontar para uma espécie de ressentimento de alguém que vê sua “luta” em prol de um rigor teórico (ou seria, uma unidade teórica?) não se concretizar.

Por uma *guinada subjetiva*

Em entrevista concedida a Lima Trindade e a Sandro Ornellas, em 2009, Costa Lima, ao ser indagado sobre o espaço reservado à crítica especializada na sociedade brasileira, questiona a sua existência na própria universidade, haja vista a formação e o incipiente lastro teórico, que, segundo o autor, impede os corpos docente e discente de abandonarem a perspectiva meramente histórica no trato com o objeto literário. Volta-se, portanto, ao “impasse” que o intelectual enfrenta: o desafio de equilibrar a ambivalência “entre a defesa da autonomia da linguagem e o seu engajamento na leitura do contexto histórico”.¹³⁷

Segundo ele, o lugar da crítica deveria ser a universidade, mas há duas grandes barreiras que impedem o florescimento de uma crítica fecunda: “o fato de que os professores de literatura pouco se indaguem sobre a natureza de seu próprio objeto ou que se contentem

¹³⁵ Id. *Ibid.*, p.24.

¹³⁶ SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar. Ao vencedor as batatas; forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1981, p.22.

¹³⁷ LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*, p.294.

com soluções fáceis e insatisfatórias”¹³⁸ e “a formação em letras, entre nós, não ter acompanhado as mudanças profundas na própria concepção de literatura que o Ocidente conheceu, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970”.¹³⁹

Em entrevista a Angelo Mendes Corrêa, em 30 de abril de 2011, o crítico cita os autores responsáveis por constituírem, para ele, uma base teórico-reflexiva, que terá “um papel decisivo” no que ele julga como sua “fase de maturidade”¹⁴⁰: Thomas Merton, E. Auerbach, Lévi-Strauss, Wolfgang Iser e Kant, sobretudo. Com exceção do primeiro, que era um frade trapista convertido, os demais autores obrigaram-no a circular entre as ciências humanas e sociais: filologia, antropologia, filosofia, estética da recepção – formação que, sem dúvida, o distingue como um profissional de Letras. O contato com a filosofia, sobretudo a partir da estética da recepção alemã, através de suas leituras e de sua vivência por lá, entre 1976 e 1979, terá contribuído para moldar a sua *persona* intelectual¹⁴¹. Mas não apenas. Sua formação de base alemã talvez tenha contribuído para a construção de uma imagem diferenciada – e até mesmo esnobe – no campo. Isso porque, enquanto boa parte dos docentes da universidade brasileira discutia teorias vinculadas às escolas francesa e norte-americana, Costa Lima propunha, mais uma vez, difundir, a partir de seus trabalhos e suas aulas, algo, até então, estranho à comunidade acadêmica: a estética da recepção alemã e os conhecimentos de filosofia que julga necessários para a formação teórica dos estudantes universitários.

Ao falar sobre a estrutura dos currículos de Letras, em “A praga do beletismo”, texto de 2004, Luiz Costa Lima pergunta-se: “como desenvolver uma reflexão teórica sobre alguma área do conhecimento sem ao menos apontar para o horizonte do pensamento filosófico?”.¹⁴² Bem, alegando que sua maturidade intelectual só se inicia com a Estética da Recepção, o que se percebe é que a controversa superação do complexo do “torcicolo cultural” é sempre tentada por Costa Lima a partir de teorias importadas – como ocorre também nas suas duas fases anteriores: a sociológica, baseada na fenomenologia e no marxismo, e a estruturalista, como se viu, pautada na antropologia de Lévi-Strauss.¹⁴³ As condições de reflexão no Brasil

¹³⁸ LIMA, Luiz Costa. *Entrevista concedida a Lima Trindade e Sandro Ornellas*. 18 jun 2009. Verbo 21: cultura e literatura. Disponível em:

<http://www.verbo21.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=455:luiz-costa-lima&catid=149:entrevista-junho2009&Itemid=146>. Acesso em: 1 out 2010.

¹³⁹ Id. *Ibid.*

¹⁴⁰ LIMA, Luiz Costa. *Erudição e argúcia de um mestre*. Entrevista concedida a Angelo Mendes Corrêa. 30 abr 2011. Verbo 21: cultura e literatura. Disponível em:

<http://www.verbo21.com.br/v5/index.php?option=com_content&view=article&id=187:luiz-costa-lima&catid=57:entrevista-abril-2011&Itemid=84>. Acesso em: 17 jun 2011.

¹⁴¹ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p.41.

¹⁴² LIMA, Luiz Costa. *A praga do beletismo*. Blog Universidade para quem? Educação, mídia e política. Disponível em: <<http://universidadeparaquem.wordpress.com/2010/01/04/luiz-costa-lima-a-praga-do-beletismo/>>. Acesso em: 20 jul 2011.

¹⁴³ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p.32.

encontrariam no diálogo com outras instituições do ensino superior, mundo afora, e na sua relevância em solo nacional, uma saída. Mas, segundo o autor, as intervenções não são possíveis, haja vista as atuais condições dos cursos de Letras, que “parecem piorar com os anos”,¹⁴⁴ já que, ainda hoje, “a palavra ‘teoria’ equivale a um palavrão” e “tratar de autores estrangeiros – a menos que façam parte do tabu dos intocáveis – será correr o risco de ser chamado de elitista, antinacionalista e/ou repetidor de afirmações muito sabidas”.¹⁴⁵ O tão lembrado horror à teorização se daria, dessa maneira, pelo fato de, no Brasil, só vingar a teorização alheia, aquela “duradouramente dependente doutras culturas”¹⁴⁶, que apenas adapta ou representa os grandes nomes reconhecidos, mantendo-se, assim, o estatuto colonial do pensamento brasileiro.

A estrutura do currículo e a mudança do público dos cursos de Letras também parecem frear o avanço de uma reflexão menos incipiente. Segundo o teórico,

se o currículo de letras nos parece escandalosamente incompetente é porque ele mantém uma visão beletrista da literatura. Por isso mesmo o curso de letras não sabe o que fazer com a reflexão teórica e os ditos teóricos da literatura não sabem o que fazer com seu objeto.¹⁴⁷

Para ele, esta situação se alastrou principalmente entre as décadas de 1960 e 1970, quando há uma enxurrada de novas correntes teóricas, advindas sobretudo da Alemanha, da França e dos Estados Unidos, as quais possibilitaram uma nova abordagem do objeto literário. Não havendo, para ele, uma capacidade crítica para dialogar com as novidades, devido à ausência da base filosófica, no Brasil, acontece uma espécie de vale-tudo, o qual, contemporaneamente, está sob o comando do que ele considera uma outra praga, os Estudos Culturais. Costa Lima acredita que os Estudos Culturais, como “uma extensão do sensacionalismo oba-oba que domina a linguagem mediática”,¹⁴⁸ são uma grande mistura amadorística de dados históricos, sociológicos, antropológicos, usada para abordar um tema que se pretende literário. A rejeição aos estudos culturais revela o enfraquecimento dos estudos literários, representado, sobretudo, pela recusa à Teoria da Literatura, diante de seu

¹⁴⁴ LIMA, Luiz Costa. *O lugar da poesia hoje*. Entrevista concedida a Régis Bonvicino e Luis Dolhnikoff. Régis Bonvicino website. Disponível em: <<http://regisbonvicino.com.br/catrel.asp?c=12&t=339>>. Acesso em: 20 jul 2011.

¹⁴⁵ Id. Ibid.

¹⁴⁶ LIMA, Luiz Costa. *Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro*, p. 15.

¹⁴⁷ LIMA, Luiz Costa. *A praga do beletrismo*.

¹⁴⁸ LIMA, Luiz Costa. *Conexão história e literatura: ensaios sobre o horror*. Entrevista concedida a Cláudia Nina. Mil folhas Jornal & Literatura. Disponível em: <www.claudianina.com.br/entrevistas/ent10.html>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

objeto. Mais uma vez, estamos diante de uma nova batalha pelo poder, uma disputa na qual o “controle epistemológico em relação ao objeto de estudo”¹⁴⁹ está em jogo.

Diante das novas demandas sócio-econômicas e culturais e frente às novas mídias, que ampliam os espaços de produção e circulação de saber, demandando um novo trato com o objeto literário, a pergunta retorna: quem pode falar, legitimamente, hoje, de literatura? Eneida Maria de Souza, em “A teoria em crise”, ao levantar a remota discussão sobre a importação e efeitos que determinadas teorias causam na academia brasileira, ressalta a importância do alargamento das fronteiras disciplinares, na contemporaneidade:

a crescente diluição das fronteiras disciplinares e dos objetos específicos de estudo provoca reflexões mais abrangentes na área das humanidades, abalada pela abertura epistemológica e pelo enfraquecimento de territórios. Estudiosos brasileiros, acostumados a conviver com a chegada, hoje muito rápida, de teorias estrangeiras nos lares acadêmicos, veem-se em conflito frente aos caminhos da crítica. Os estudos culturais de origem anglo-saxônica, e atualmente desenvolvidos nos Estados Unidos, estariam ameaçando os estudos literários, corrompendo o objeto de análise e distorcendo a teoria da literatura.¹⁵⁰

Notadamente contrária ao argumento de Luiz Costa Lima, a autora ressalta que a multiplicidade de teorias e correntes, baseadas em “categorias que propiciem a identificação do objeto e a particularização das associações feitas”,¹⁵¹ é relevante para o florescimento da crítica, apontando menos para uma espécie de *vale-tudo* a que remete o crítico do que para uma pluralidade de abordagens no trato com a literatura. Os Estudos Culturais propiciam um aparato teórico para lidar com temáticas antes desconsideradas pela Teoria, como por exemplo, as literaturas marginal, feminina, homoafetiva e negra. A aversão de Costa Lima a esta “nova praga” provavelmente advém de sua concepção de literatura e de crer na Teoria da Literatura como único caminho para o estudo do discurso ficcional, ou “como saída para o caos” por que atravessa a crítica.¹⁵² É preciso, entretanto, lembrar que essas novas tendências apontam para uma necessidade de considerar (para além dos critérios estéticos e beletristas, contra os quais o próprio Costa Lima se pronuncia) a literatura a partir das demandas que se apresentam, contemporaneamente. Ressalte-se que o discurso de Costa Lima direciona-se para a legitimação da Teoria da Literatura, entendendo-a como uma disciplina que vê a Literatura em seu caráter autônomo, deixando de levar em conta que outras perspectivas analíticas não são destituídas de fundamentação teórica, a exemplo dos Estudos Culturais. Assim, talvez não seja gratuito o fato de que sua defesa agora não seja mais a da relação da

¹⁴⁹ SOUZA, Eneida Maria de. *A teoria em crise*, p.66.

¹⁵⁰ Id. *Ibid.*, p. 64.

¹⁵¹ Id. *Ibid.*, p. 69.

¹⁵² Id. *Ibid.*, p.69.

Teoria com a história, disciplina que forçosamente nos leva a lidar com os liames do texto com o espaço cultural em que ele se produz, mas com a filosofia, principalmente naquelas vertentes que ainda se ligam a algum senso de universalidade.

As questões que se colocam nos motivam a pensar a trajetória desse intelectual singular – o que significa, em certa medida, remontar ao percurso de sua formação, a partir da relação vida-obra proposta pela crítica biográfica, compreendida como uma nova alternativa metodológica propiciada pela abertura teórica decorrente do que se convencionou chamar de “guinada subjetiva”¹⁵³ nos estudos humanísticos. Essa visada põe em evidência discursos até então desconsiderados, a partir da narração das experiências de um sujeito, revalorizando-se a primeira pessoa do discurso, através dos relatos, memórias e documentos. Conforme observa Eneida Maria de Souza, a partir dessa proposta, que “desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise e expande o feixe de relações culturais”,¹⁵⁴ constroem-se a figura do escritor e a do intelectual – “entidades que se caracterizam não só pela assinatura de uma obra, mas que se integram ao cenário literário e cultural recomposto pela crítica biográfica”.¹⁵⁵

O retorno do sujeito à esfera dos estudos literários e humanísticos, nesse sentido, recupera a opção pelo ensaio como forma privilegiada para a elaboração dos trabalhos críticos, em virtude de esse gênero assumir-se como parcial, em dois sentidos: no primeiro, propõe-se a recusa do viés totalizante normalmente adotado pelos tratados e textos monográficos, optando-se, por uma outra via – a do fragmento e da experimentação; e, no segundo, considera-se a impossibilidade de se realizar um trabalho analítico que não seja produto de uma posição subjetiva determinada, o que faz com que a interpretação seja inevitavelmente considerada como comprometida com os valores e ideologias próprios ao intérprete. Além do mais, através do ensaio,

busca-se a proximidade com o leitor, numa prosa que se coloca entre a teoria e a linguagem artística, da qual extrai inúmeros procedimentos que visam tornar a leitura um ato prazeroso de absorção de conhecimento, deixando de dirigir-se ao leitor especializado, para encontrar-se com o leitor comum.¹⁵⁶

¹⁵³ Segundo Beatriz Sarlo, entende-se por *guinada subjetiva* o “reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e de seus personagens, que se concentra nos direitos e na verdade da subjetividade”, que “sustenta grande parte da iniciativa reconstituidora das décadas de 1960 e 1970”. SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. In: *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras/ Belo Horizonte: UFMG, 2007, p.9-22.

¹⁵⁴ SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 105.

¹⁵⁵ Id. A teoria em crise, p. 110.

¹⁵⁶ LIMA, Rachel Esteves. *O ensaio na crítica literária contemporânea*, p.38.

Embora discorde da ainda distante realidade que diz respeito à expansão das discussões acadêmicas ao público comum (mesmo sendo “facilitado” pelo tom discursivo) e me desagrada, em particular, a utilização da expressão “absorção de conhecimento”, por acreditar que o saber vai sendo produzido a partir das trocas simbólicas, acredito na potência criativa do ensaio, que “se impõe, então, como a forma adequada à manifestação de um conhecimento que se mostra transitório e vinculado ao seu agente produtor”.¹⁵⁷

A trajetória e as intervenções de Luiz Costa Lima, como se viu, são marcadas pela forma ruidosa como ele se pronuncia no campo dos estudos literários desde suas publicações iniciais, nos anos 1970, quando se tornou um dos principais responsáveis pela divulgação de novos aportes da teoria literária no Brasil. Conforme Regina Lúcia de Faria— que desenvolve, desde 2008, no Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes, um projeto que busca investigar a trajetória crítico-docente de Costa Lima e Silviano Santiago enquanto professores nos programas de mestrado e doutorado da PUC-RJ —, o polêmico pronunciamento do crítico em defesa de uma teorização mais incisiva para os estudos sobre literatura, na época, “provocou reação não só imediata, mas uma reação irada”¹⁵⁸ por parte dos pares. De sua produção, como se observou, um aspecto aparece em relevo: a discussão sobre o processo de formação da intelectualidade nacional, inaugurada mais sistematicamente no ensaio “Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil”. Desde sua publicação, o crítico tem sido referência no debate que tematiza o processo de constituição e consolidação do campo intelectual brasileiro. Tais afirmações convergem para um pensamento que tem como principal eixo o processo de formação nacional – dependente, desde o berço, de outra cultura – que acumula problemas de difícil resolução, como a lógica do favor. Curiosamente, em “Esboço de uma autobiografia”, texto que introduz o livro *Vida e Mimesis*,¹⁵⁹ Luiz Costa Lima, ao discorrer sobre o seu percurso acadêmico, revela um problema comumente discutido em torno do sistema intelectual no Brasil: a referida lógica do favor. Dessa prática, evidentemente, nem ele escaparia. Impossibilitado de ser aceito na UFRJ devido à sua posição política e à sua aposentadoria precoce pelo AI/1, o crítico foi ensinar, como substituto, na Escola de Desenho Industrial, onde conheceu Ana Luísa Escorel, filha de Antonio Candido, que acabou por mediar a relação entre ambos. Foi graças a essa intervenção que Luiz Costa Lima conseguiu continuar na carreira universitária e, devido às suas publicações anteriores, a congregação da USP lhe deu o direito de fazer diretamente o doutorado em Teoria Literária e

¹⁵⁷ Id. Ibid., p.40.

¹⁵⁸ FARIA, Regina Lúcia de. *A polêmica do Estruturalismo ou “Quem tem medo de teoria?”*

¹⁵⁹ LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p.15-57.

Literatura Comparada, sob a “orientação apenas formal”¹⁶⁰ do próprio Antonio Candido, de quem ele divergia teoricamente desde aquela época, o que nos leva a pensar que, paradoxalmente, o autor talvez buscasse, com a exposição desses fatos e dessas divergências, romper com a relação intrínseca entre o favor e a dependência intelectual, tão criticada por ele como elemento fundador do sistema intelectual brasileiro. Da mesma forma, ao contrário do que normalmente ocorre nos diversos textos que têm sido publicados em obras em homenagem aos críticos da primeira e da segunda geração universitária, o autor fez questão de discordar do sentido elegíaco adotado por seus pares no que se refere à apreciação da obra de seu ex-orientador, Antonio Candido, no livro *Dentro do texto, dentro da vida*.¹⁶¹ Não obstante, foi ao mestre paulista que Costa Lima dedicou uma de suas principais obras – *Sociedade e discurso ficcional*. Além desses episódios, um outro convida-nos a refletir sobre as ambigüidades que recorrentemente parecem permear o seu percurso. Trata-se, como se viu, de sua contundente crítica ao grande sucesso alcançado pelos Estudos Culturais no Brasil, quando o Estruturalismo, corrente teórica por ele introduzida no meio literário, já apontava para um descentramento das práticas analíticas que se sustentavam sobre a noção de sujeito universal, chamando a atenção para a noção de diferença, crucial para o desenvolvimento posterior dos Estudos Culturais. Amparando-se, no presente, na defesa do estudo da filosofia, aparentemente em detrimento da nova antropologia cultural, que consolida a abordagem das manifestações simbólicas produzidas pelos grupos marginalizados, o crítico viria a campo para combater a associação entre política das minorias e Estudos Culturais, chamando a atenção para a fragilidade teórica que ele considera inerente a essa nova corrente de estudos que, por outro lado, segundo George Yúdice, apresenta-se como “uma série de perspectivas teóricas e críticas que pretendem desconstruir as bases dos critérios nos quais se baseiam os valores sociais”.¹⁶²

Diante desse panorama, é fundamental analisar a participação do autor no cenário da crítica literária brasileira, buscando-se compreender em que medida suas convicções teóricas se sustentam em sua prática e a forma como ele exerce a autocrítica em relação às posições por ele assumidas no meio intelectual brasileiro. Nessa proposta analítica, buscou-se averiguar a forma como o autor se relaciona com as ideias em vigor nos diversos momentos de produção de sua vasta obra. A proposta aqui delineada procura lançar luzes sobre a atividade de um nome que atua em várias frentes, que vai da crítica às atividades como professor

¹⁶⁰ Id. Ibid., p.34.

¹⁶¹ D’INCAO, Maria Angela; SCARABOTOLLO, Eloísa Faria. (Org.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹⁶² YÚDICE, George. *Debates atuais em torno dos Estudos Culturais nos Estados Unidos*. Salvador, ANPOLL, GT de Literatura Comparada, 1997, p.7.

universitário e ensaísta, que atua em meios midiáticos, como jornais, e que está atento ao que se produz também em outros espaços, como ocorre com os *blogs*, por exemplo. Como, pois, pensar a *persona* intelectual de um crítico como Luiz Costa Lima, construída a partir de uma leitura por ele efetuada do seu campo profissional, das publicações recorrentes sobre o tema, bem como dos seus incessantes retornos autocríticos? É o que se busca responder nos próximos capítulos desta dissertação.

**2 MÁSCARAS DO EU: O DISCURSO
AUTOBIOGRÁFICO EM LUIZ COSTA LIMA**

Os discursos documental e ficcional

Em *Sociedade e discurso ficcional*, Luiz Costa Lima, ao desenvolver suas reflexões sobre o estatuto e a instituição da Literatura na América Latina, dedica, especialmente, um capítulo – “Júbilos e misérias do pequeno eu” – à discussão sobre a problemática da autobiografia. A escolha do título já indica a inclinação do crítico¹⁶³ a ser contra este gênero. Segundo ele, “desde que o Ocidente converteu a individualidade em valor, a impaciência de viver aumentou a impaciência de se contar. E a narrativa real ou fingida da própria vida se tomou como um tipo de história, mais confiável que o enredo de romances e novelas”.¹⁶⁴

Segundo Costa Lima, são dois os caminhos possíveis para a elaboração de uma autobiografia: através da reconstituição de uma vida ou da reambientação das condições que possibilitaram o sucesso de determinado sujeito. Enquanto que a primeira opção se pretende totalizadora, a segunda joga com a parcialidade, recortando e elegendo cenas relevantes para a construção do perfil do autobiografado. Consideradas as diferenças entre literatura e crítica, é sob essa segunda via que Costa Lima constrói o seu “Esboço de uma autobiografia intelectual”, redigido como memorial para o concurso de professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1995, pretendendo por em prática a máxima de Collingwood: “A autobiografia de um homem cujo ofício é pensar deve ser a história de seu pensamento”.¹⁶⁵ Contrariando a noção de biografia como “retrato de corpo inteiro”,¹⁶⁶ advinda com a ascensão da individualidade na Idade Média, quando autor e sujeito fundem-se na mesma *persona*, Costa Lima enxerga o gênero como algo além das idiosincrasias do indivíduo. Ele, diferentemente do diário, supõe uma via de mão dupla, considerando “como o eu reage ao mundo e como o mundo experimenta o eu”.¹⁶⁷

Nesse sentido, o crítico, na tentativa de definir os limites do gênero autobiográfico, investe, como se pode observar em sua produção, no diálogo entre os discursos histórico e literário, que jogam, respectivamente, com a “verdade factual” e as possibilidades de verdade que os acontecimentos e as memórias propiciariam ao imaginário. Costa Lima, dessa maneira,

¹⁶³ Quando questionado sobre a tensa situação de habitar um país cordial, em que, segundo ele, há a recorrente necessidade de se estabelecer a partir de relações pessoais ou institucionais, Costa Lima nega sua participação em grupos e o uso do personalismo no campo profissional, afirmando que “a própria obrigação de falar em primeira pessoa não me agrada. Sei que isso não tem nada a ver com meu modo de ser. Essa é apenas a *persona* que desenvolvi”. Cf. BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.316

¹⁶⁴ LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In.: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 455.

¹⁶⁵ COLLINGWOOD, R. G.: 1939, VII. Apud LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In.: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 455.

¹⁶⁶ LIMA, Luiz Costa. *Júbilos e misérias do pequeno eu*, p.455.

¹⁶⁷ Id. *Ibid.*, p. 465.

tenta delimitar o terreno e o objeto de cada profissional (memorialista, historiador e ficcionista), através da maneira como eles se apropriam de seus discursos:

O memorialista se põe entre os dois. Em relação ao historiador, não pode dizer senão que apresenta um testemunho de boa fé; i.e., que é assim que sente haver sido em certa situação ou haver presenciado certo acontecimento. As memórias apresentam uma versão personalizada da história. Em relação ao ficcionista, não pode declarar senão que seus direitos são outros; mais limitados por um lado, pois que não pode “inventar” o que não se tenha passado; mais personalizados por outro, porque trata do que viveu na carne. Entre a ficção e a autobiografia, o eu se impõe como barra separadora. Entre a história e a autobiografia, a barra separadora são suas pretensões diversas à “verdade”. Ou seja, esses territórios vizinhos supõem a interrelação (sic) necessária entre sujeito e objeto, a impossibilidade de definir-se cada um destes termos senão por seu contato com o outro. Se as áreas discursivas contudo não se confundem é porque tal inter-relação (sic) comum é presidida por requisitos diferenciados. O eu e a “verdade” são os traços que, por presença, modo de presença ou ausência, definem os discursos vizinhos.¹⁶⁸

A relativa autonomia que a autobiografia mantém em relação aos outros discursos/gêneros diz respeito à tentativa de o próprio sujeito selecionar, interpretar e construir a história e a própria existência a partir de suas memórias. Ao contrário do que se costumava pensar tradicionalmente na crítica literária, é impossível se capturar, ainda que haja uma infinidade de dados, a memória de uma vida inteira. Seleciona-se o que mais importa para a construção de uma figura mítica do autobiógrafo. Assim, a autobiografia, como um retalho, é estrategicamente pensada, diferenciando-se da história e da ficção, embora mantendo uma relação com elas. A diferença entre o discurso histórico e o memorialístico é menos problemática: no primeiro, há uma coletividade que confere aos dados um caráter factual, cabendo ao historiador ajustá-los, interpretando-os conforme sua formação, concepção teórica etc. No caso da diferenciação entre memória e literatura, a problemática é acentuada. Não porque ambos lidem com o ficcional, mas porque, para Costa Lima, a literatura não se submete aos desígnios do documento, como a memória e a história, vinculados aos assim-chamados “discursos da realidade”, relegados à antinomia verdadeiro-falso. Para Costa Lima, a literatura, ou, como ele se refere, o discurso ficcional, ao contrário dos outros dois, não encontra no documento a sua matéria:

próprio ao contrário dos discursos que derivam da tematização do imaginário é não conterem uma verdade senão relativa ao desejo e aos valores de seu agente. Assim, o discurso ficcional aparece como a resultante de uma produção da diferença, sujeita a uma tematização do imaginário, que se caracteriza como uma territorialidade não

¹⁶⁸ Id. Ibid., p.506.

documental, prazerosa [...] e questionadora da “verdade” socialmente estabelecida.¹⁶⁹

Assim, sofrendo de uma “permanente instabilidade”, o gênero autobiográfico se constrói a partir de elementos da história e da literatura, sem, no entanto, pertencer a este ou àquele discurso. A autobiografia, nesse sentido, assume uma potência criativa diante do documento, uma ficcionalização do eu, fornecendo uma imagem elaborada e interessada de si ao outro.

Em 2004, Flora Süssekind retoma a discussão apresentada por Costa Lima nas décadas de 1980, a partir, sobretudo, dos desdobramentos da literatura brasileira pós-64, marcada pela *síndrome da prisão*, que produziria, entre as décadas de 1970 e 1980, duas vertentes em nossa produção literária: “de um lado, o naturalismo evidente dos romances-reportagem ou disfarçado das parábolas e narrativas fantásticas; de outro, a ‘literatura do eu’ dos depoimentos, das memórias, da poesia biográfico-geracional”.¹⁷⁰ As cenas detalhadas e o uso dos elementos referenciais serviriam para documentar uma época ameaçada pela censura, que prejudicaria o registro de certos fatos ocorridos. Tal literatura viria, portanto, a suprir uma lacuna deixada pelo regime de exceção, que diz respeito ao registro da história de quem sofreu a duras penas os efeitos do golpe militar. Para a autora, o limite está, mais uma vez, ancorado na utilização da “verdade” para a construção do texto literário. Numa espécie de exercício compensatório, muitos dos escritores apropriavam-se das demoradas e detalhadas cenas de tortura, privação e violência que vivenciaram os que resistiam ao regime para construir seu texto, com vistas a mostrar à juventude o que se passava naquela época difícil. Ademais, sob a vigilância dos censores, os meios de comunicação, sobretudo jornais e revistas, limitavam-se a publicar matérias do interesse estatal, havendo uma carência, nesse sentido, de material que remontasse à época. Exercendo tal função documental, segundo a autora, “a literatura opta por negar-se enquanto ficção e afirmar-se como verdade”,¹⁷¹ tendo como eixo antes a referência que o labor com a linguagem. Percebe-se ainda, tanto em Costa Lima quanto em Flora Süssekind, um discurso pautado na tradicional divisão entre o que é denotativo e o que se entende por conotativo. Está em jogo, então, a discussão sobre a matéria e a natureza da literatura sob o predomínio do estético. O discurso ficcional debruça-se sobre

¹⁶⁹ LIMA, Luiz Costa. *Júbilos e misérias do pequeno eu*, p. 508.

¹⁷⁰ SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMA, 2004. p. 72.

¹⁷¹ Id. *Ibid.*, p. 99.

os abismos¹⁷² da linguagem ao passo que a assim-chamada literatura-verdade recalca a ficcionalidade “em prol de um texto predominantemente documental”.¹⁷³

O referido “veto ao ficcional”, que responderia, portanto, à ausência da opinião pública e de uma atividade filosófico-reflexiva em toda a América Latina, promoveria outro descompasso observado por Costa Lima, referente ao clima de “vale-tudo” (que ele associa, principalmente, à abertura propiciada pelos Estudos Culturais), presente nos estudos literários, e que vai apontar para uma atitude controversa por parte do crítico. Conforme observa Rachel Lima no capítulo de sua tese de doutoramento em que analisa as ambivalências críticas a partir de seus agentes,

Pode-se pensar que o crítico insinua, agora, um movimento contrário ao iniciado por ele na década de 70, quando o estruturalismo antropológico ampliou o entendimento do conceito de texto, absorvendo a cultura popular, os mitos e a cultura de massa, etc., antes marginalizados.¹⁷⁴

Na década de 1970, como se viu, o crítico ajuda a construir a imagem de um intelectual teórico, capaz de interpretar cientificamente o objeto literário. Para tanto, no período, ele conta com o aporte do estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss, que fornece procedimentos metodológicos capazes de demonstrar as hipóteses estabelecidas. Emprestam-se aí também mecanismos das “ciências duras” para conferir cientificidade ao estudo da literatura, até então sob o domínio discursivo dos literatos e bacharéis não-especialistas. Se, durante essa fase, ele se apresentava como uma frente inovadora para o estudo da literatura, atualmente, ele mantém uma atitude reacionária, rejeitando os aportes teóricos de tendências menos canônicas, como os estudos culturais, por exemplo, que ameaçariam o tradicional terreno da Teoria da Literatura.

Como se disse, desde sua implantação na universidade brasileira, como parte da grade optativa, em 1962, com o parecer nº 283, que estabelecia um currículo mínimo para os cursos de Letras, a Teoria da Literatura tem se feito presente.¹⁷⁵ Para Costa Lima, no entanto, a Teoria, no Brasil, vê-se afastada de um elemento básico para sua constituição: a indagação reflexiva, a qual já sabemos que, para o crítico, inexiste, haja vista o projeto intelectual ter estado, tradicionalmente, vinculado à construção da nacionalidade brasileira. O processo de

¹⁷² Id. *Ibid.*, p. 114.

¹⁷³ Id. *Ibid.*, p. 104.

¹⁷⁴ LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1997. Tese de Doutorado em Letras – Literatura Comparada, p.207-8.

¹⁷⁵ LIMA, Luiz Costa. *A Teoria da literatura entre nós*. Especial: X Congresso Internacional ABRALIC. 29/08/2006. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0014_2.html>. Acesso em: 20 jul 2011.

fundação do nacional de que se ocupou a literatura no Brasil, a partir, sobretudo, de relatos e documentos, contribuiu para que se estabelecesse, em nossa expressão literária, um “veto ao ficcional”, presente, no Ocidente, sobretudo na América Latina, desde a assim-chamada Baixa Idade Média, quando o homem começa a se compreender a partir de sua individualidade:¹⁷⁶

Como, ademais, todo o continente desconhecia qualquer tradição filosófica de peso, a tendência geral fora confundir literatura com documentalismo. A literatura se tornava uma espécie de descrição retórico-sentimental da natureza ou, mais tarde, uma sociologia para amadores. Até hoje me pergunto, sem encontrar boa resposta, como Machado escapou da praga. Mas sua via de libertação lhe fora tão exclusiva que seu caminho viria a ser percebido por muito poucos. O resultado é até hoje continuar extremamente majoritária a afirmação da literatura como documentalismo. Como tal, a extrema dificuldade de distingui-la da escrita da história.¹⁷⁷

Costa Lima, observando a instituição do discurso ficcional em três espaços distintos – Europa, América Latina e Brasil –, a partir do exercício diacrônico possibilitado pela Estética da Recepção,¹⁷⁸ observa a existência de um veto que inibe a expressão literária e, concomitantemente, promove o caráter documental da literatura. Ciente de que “qualquer gesto, qualquer manifestação e, portanto, também qualquer texto envolve uma pluralidade documental”,¹⁷⁹ o crítico acredita que está no modo como se constroem os discursos o cerne da questão. Na tentativa de esclarecer os limites do discurso ficcional, o autor evoca uma expressão cunhada por Paul Valéry, “teatro mental”, encontrando em um dado biográfico um exemplo que possibilita um suporte para sua hipótese:

Há várias manhãs tenho sido acordado por meu filho de 4 anos, que se põe debaixo de meu cobertor e me diz que “o ratinho vermelho está chamando o papi”. Aceito o personagem e começamos a brincar. Mas, quando o jogo se prolonga além de sua vontade ou atinge um ponto de saturação, ele se põe a rir e comanda o retorno do próprio nome: “Agora não é o ratinho. É Dani.”¹⁸⁰

Com o relato da experiência pessoal, Luiz Costa Lima pretende delinear que o discurso ficcional é impulsionado por um jogo, que se utiliza, estrategicamente, de documentos, memórias e relatos para a construção de uma atmosfera em devir. A construção

¹⁷⁶ LIMA, Luiz Costa. Sociedade e discurso ficcional. In: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. p.413.

¹⁷⁷ LIMA, Luiz Costa. *Literatura: a questão renovada*. In: fórum virtual de literatura e teatro. Disponível em: <http://www.pacc.ufrj.br/literatura/arquivo/polemica_literatura_a_questao_renovada.php>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

¹⁷⁸ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual. In: _____. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 24, 1995, p. 41.

¹⁷⁹ LIMA, Luiz Costa. Sociedade e discurso ficcional. In: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. p.415.

¹⁸⁰ Id. *Ibid.*, p.417.

da voz ficcional – bem como a aceitação do diálogo – delimitaria, portanto, as arestas de um e outro. Desta forma, é possível pensar a literatura como um discurso que se nutre das vivências ocorridas ou possíveis de ocorrer, com vistas a reelaborar um espaço onde a documentação da vida como motivo literário cede espaço à ficcionalização da existência. Dessa forma, ressaltando as diferenças entre o historiador, cuja matéria é o argumento, e o ficcionista, que fabula, Costa Lima, em artigo, pondera:

a argumentação lida com ficções então naturalizadas e a fabulação é concebida a partir da realidade. Há um entrecruzamento entre as duas áreas que não dá lugar a formulações distintas absolutas. Sempre pois se há de contar com a sensibilidade do analista¹⁸¹

O uso e, mais especificamente, a interpretação conferida ao documento e às memórias do indivíduo seriam, portanto, fundamentais para a diferenciação dos discursos literário e histórico.¹⁸² Entretanto, deve-se levar em conta que, independentemente do gênero em questão, “não se duvida da importância de documentar a época em que certo autor viveu, as influências que recebeu, mesmo os ínfimos detalhes biográficos seus. Contudo nada disso já diz o que é a sua obra.”¹⁸³ A relação causa-efeito, praticada tradicionalmente pela crítica biográfica, obviamente, não mais atende às demandas da reflexão contemporânea sobre literatura. Os relatos de vida de um autor irão, juntamente com outros elementos (aporte teórico, fortuna crítica, o próprio texto, sua recepção, dentre outros), conferir uma leitura mais aberta e interessada da produção de um autor, na medida em que propicia a ficcionalização da existência de um sujeito que produz um discurso literário. Histórico, literário, documental, memorialístico, no texto pulsa o sujeito, por mais que se pretenda distante de seu objeto.

A opção pelo documental em detrimento do literário corresponde, segundo Costa Lima, ao ensejo patriota que circula não só no Brasil, como também nos demais países latino-americanos, dotados muito recentemente, em relação ao Velho Mundo, dos espíritos de independência e nacionalidade. A descrição da natureza e a captação da cor local logo viriam a compor o primeiro motivo da *intelligentsia* brasileira, encontrando nos românticos como Gonçalves de Magalhães a mola propulsora dessa literatura. Como a produção literária, no Brasil, dialoga com o empenho nacionalista, relacionando os campos intelectual e político, os autores assumem em seus escritos a voz patriótica, justificada pelos dois projetos:

¹⁸¹ LIMA, Luiz Costa. *Literatura: a questão renovada*.

¹⁸² “Dadas essas considerações, podemos então concluir: ao passo que o documento desempenha um papel decisivo na pesquisa histórica, na análise do discurso literário ele é um elemento secundário; secundário não significa que dispensável, mas apenas que o analista deve ter consciência da impossibilidade de, a partir dele, inferir”. Cf. LIMA, Luiz Costa. Sociedade e discurso ficcional. In: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. p.422.

¹⁸³ Id. *Ibid.*, p.421.

Politicamente, o empenho pela pátria “empregava” o escritor; literariamente, porque, sem a “natureza virgem”, sem a tropicalização de suas descrições e de suas personagens, ele corria o risco de ser confundido com os “colonizados” de antes, e, assim, de não poder pretender o tão cobiçado título de fundador da literatura nacional.¹⁸⁴

O labor documental, inaugurado pelos românticos,¹⁸⁵ parece ter tido seu impulso inicial com os cronistas (a própria carta de Pero Vaz de Caminha propõe uma discussão sobre a interface existente entre literatura-documento). Segundo Costa Lima, o registro dos fatos na expressão literária “terminava por empanar e comprometer a possibilidade de entendimento da literatura como forma discursiva”,¹⁸⁶ relegando-a ao estatuto do factual, que lhe conferiria antes seriedade e legitimidade que potência ficcional.

Quando a memória não confessa, inventa

Convidado a reconstituir sua memória intelectual, quando da ocasião do concurso para docente da UERJ, Costa Lima aponta como fator preponderante para sua “conversão” a leitura da tradução de uma autobiografia que, adolescente, e ainda com as atenções voltadas para as aulas de música e matemática, lera. Em entrevista concedida a Miguel Conde, em 2011, o crítico reitera o que já dizia no “Esboço de uma biografia intelectual”¹⁸⁷ sobre seu despertar para a literatura quando da descoberta pelo gosto de ler:

por volta dos 16 anos, eu só pensava em fazer matemática e estudava violino. A literatura não existia. Nessa época, em 1953 ou 1954, me caiu às mãos um exemplar de *A montanha dos sete patamares*, de Thomas Merton. É um romance que trata basicamente da conversão de um jovem de esquerda em monge trapista, após uma crise religiosa. O livro era simplesmente notável e provocou em mim uma conversão leiga. Eu disse “não é matemática que eu quero fazer, mas estudar literatura”. O curioso é que normalmente quem se interessa pela literatura tem pelo menos um período de boemia associado à vida literária. Eu saía à noite, bebia etc., mas para mim isso nunca teve nada a ver com literatura, que sempre levei tão a sério quanto levava antes a matemática. Muito tempo depois, quando fui estudar na Espanha e me tornei amigo de João Cabral de Melo Neto, fiquei sabendo que ele havia traduzido aquele livro do Merton. O crédito, no entanto, foi dado ao romancista José Geraldo Vieira, porque na época havia todo um movimento de perseguição política no Itamaraty, caça a comunistas, e o nome de João Cabral não podia aparecer.¹⁸⁸

¹⁸⁴ Id. Ibid., p.424.

¹⁸⁵ Id. Ibid., p.426.

¹⁸⁶ Id. Ibid., p.446.

¹⁸⁷ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p.32.

¹⁸⁸ LIMA, Luiz Costa. *O texto literário e seus vazios internos*. Entrevista concedida a Miguel Conde. Globo Universidade. 18 jul 2011. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/07/o-texto-literario-e-seus-vazios-internos.html>>. Acesso em: 20 jul 2011.

A conversão que se opera no jovem Luiz diz respeito à escolha de sua profissão, em 1953, quando está no penúltimo ano do ensino médio. Abandonando aos poucos a matemática e a música, ao descobrir, através da leitura, o fascínio pela letra e pela paixão intelectual que Thomas Merton trazia em seus escritos, o jovem leitor opta por trilhar os tortuosos caminhos da Literatura, escolhendo, entretanto, a Faculdade de Direito para cursar sua graduação, assim como o fizeram alguns de sua geração, a exemplo de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Eduardo Portella.¹⁸⁹

O desprestígio por que passavam, à época, os cursos de Letras do País, além do “bom senso pragmático”¹⁹⁰ aconselhado por seu pai engenheiro¹⁹¹ justificariam a escolha pelo curso de Direito, apesar de seu questionável interesse pela área. À época da decisão, como relata, houve uma sombra de dúvidas quanto à sua sexualidade por parte de seu pai, já que, como ainda hoje, “gostar de literatura era um negócio meio suspeito”,¹⁹² e também, paradoxalmente, como iria fazer para se manter e, futuramente, sustentar uma família, já que este era – e continua sendo – um curso cujo salário está muito aquém do seu valor. Com a decisão tomada, seu pai, que antes, quando da sua vontade em estudar matemática, garantiria uma “cobertura financeira suficiente para estudar no exterior”, vetara as verbas para o estudo da literatura, já que “não era coisa séria, que permitisse tais gastos”.¹⁹³ Antes de ingressar na faculdade, o jovem estudante cursara o Instituto Joaquim Nabuco, por intermédio de Paulo Freire e Gilberto Freyre – com quem romperia anos depois por incompatibilidades políticas – tendo se formado em ciências sociais, latim e filosofia.

Na década de 1970, já atuando como professor na universidade, Costa Lima ouve de Antonio Candido que, orientado por Mário de Andrade, também não optara pelo curso de Letras, mas sim pelo de Ciências Sociais, já que naquele, segundo seu conselheiro, só aprenderia “um pouco de gramática e de história literária”.¹⁹⁴ A formação difusa dos que viriam fundar o campo de Letras, durante os assim-chamados anos universitários, se, por um lado, propiciou uma generosa interdisciplinaridade para o trato com o objeto literário, por outro, trouxe a ininterrupta sensação de o curso sempre estar aquém das reflexões suscitadas no terreno das ciências humanas. A melancólica sensação é de que os cursos de Letras já despontam sob a insígnia da crise: professores formados em outras áreas, desconhecedores,

¹⁸⁹ Id. Ibid.

¹⁹⁰ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p.32-3.

¹⁹¹ LIMA, Luiz Costa. *Luiz Costa Lima: história, discurso, vida*. Uma entrevista com Luiz Costa Lima. Entrevista concedida a Aline Magalhães Pinto, Laíse Helena Barbosa Araújo, Mannuella Luz de Oliveira Valinhas e Victor de Oliveira Pinto Coelho. Set 2010. Revista História da Historiografia – UFOP. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/100>>. Acesso em: 09 nov 2011, p. 266.

¹⁹² LIMA, Luiz Costa. *O texto literário e seus vazios internos*.

¹⁹³ Id. Ibid.

¹⁹⁴ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p.33.

portanto, da natureza da literatura, estudantes que optam pelo curso ou como uma alternativa de ascensão social ou que, na perspectiva beletrista, fazem dele um mero ornato para sua formação cultural. O próprio Costa Lima, apesar de sua formação difusa e autodidata, bem como sua visão disciplinar e erudita, trai tal imagem na medida em que investe e propaga a necessidade urgente de desenvolvimento da reflexão e do rigor teórico. E, assim como ele, outros o terão feito. Estudando em um curso de elite, e, como ele mesmo disse, pautado na arte do bem-falar, o crítico é também formado pela geração de bacharéis oriundos das mais variadas Faculdades. Não obstante, é identificado como um grande estudioso e conhecedor da literatura, tendo transitado também, como docente, pelas Faculdades de Sociologia e História da PUC-RJ.

A queixa parece ser também a mesma no campo da crítica literária. Há, nos relatos observados ao longo das gerações de críticos no Brasil, uma nostalgia que remete a uma origem impossível de se delinear, a não ser por um *ideal* de crítica, como vimos em Machado de Assis. As constantes queixas de que a literatura e a crítica estão em decadência, desde as primeiras reflexões mais sistematizadas sobre o campo literário no Brasil até os dias de hoje, parecem indicar, sim, uma crise, mas não o fim das reflexões e das produções críticas. A crise, que tantos apontam como estado absoluto do caos por que passam os discursos humanísticos, constituindo-se como inerente à natureza da crítica, é responsável, ao contrário, pelo movimento do campo, pela adaptação às novas demandas sociais. Isso é extremamente válido, a não ser que se considere a literatura como um discurso etéreo, descolado das conjunturas sociais, históricas, econômicas e políticas. A crise aponta para as mudanças a que todos estão sujeitos: discursos, produções e agentes. A grande resistência às alterações nos procedimentos e concepções talvez advenha do relativo conforto que os modelos analíticos proporcionam a seus seguidores.

Um exemplo de mal-estar gerado pela alteração das premissas e dos procedimentos teórico-metodológicos para o estudo da literatura, a que Costa Lima designou “vale-tudo”, pode ser observado a partir da recepção dos Estudos Culturais no campo dos estudos literários. Esta “mais recente praga”,¹⁹⁵ de fato, corrói e abre espaço, na contemporaneidade, para a análise de novas formas de expressão literária, como as literaturas marginal, negra, feminina e homoafetiva, além do já referido memorialismo, dentre outras. A preocupação maior por parte dos defensores da Teoria da Literatura tem a ver com a “diluição do objeto de análise, mas também com a presumida ausência de rigor teórico e sistematização

¹⁹⁵ LIMA, Luiz Costa. *A praga do beletismo*. Blog Universidade para quem? Educação, mídia e política. Agosto de 2009 Disponível em: <<http://universidadeparaquem.wordpress.com/2010/01/04/luiz-costa-lima-a-praga-do-beletismo/>>. Acesso em 20 jul 2011.

metodológica”,¹⁹⁶ que ganha forças, sobretudo, com os estudos dos assim-chamados pós-estruturalistas, a saber, Deleuze, Guattari, Derrida, Foucault, a partir da releitura dos norte-americanos. Em entrevista concedida a Régis Bonvicino e Luis Dolhnikoff, o crítico atribui este referido estado de caos justamente à explosão de novos parâmetros teóricos-críticos, importados, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970, para o trato com o literário. Para ele,

não podemos saber se estamos vivendo uma entressafra, em que pululam frutos estéreis (os estudos culturais, os especialistas em minorias eróticas ou raciais, com a confusão evidente entre “correção política” e competência profissional), ou se a crise é bem mais profunda.¹⁹⁷

Talvez a atitude de Costa Lima em relação às novas tendências advenha de sua crença em um rigor teórico e de não abrir mão da especificidade e da autonomia do literário – o que vem por terra com os Estudos Culturais, uma vez que eles se apresentam como uma proposta interdisciplinar e rizomática. Desde sua inserção mais sistemática nas discussões sobre literatura, em 1998, quando a Associação Brasileira de Literatura Comparada – Abralic elege como tema “Literatura Comparada = Estudos Culturais?”, o terreno parece estar dividido. De um lado e outro, o que Raúl Antelo chamou politeístas e monoteístas literários. Estes, mais conservadores e pautados em critérios mais absolutos; aqueles, baseados em premissas mais diversificadas e imbuídos de uma motivação social, étnica e localizada.¹⁹⁸ E é justamente esse projeto político que singulariza os Estudos Culturais frente às demais disciplinas, se assim os podemos denominar, já que uma de suas singularidades é seu caráter interdisciplinar. Como um legítimo “monoteísta”, Costa Lima revela-se abertamente contra estes novos parâmetros, uma vez que eles

têm sido a chave para a feitura de ensaios e teses de autores que, tratando de temas literários, não sabem muito bem que diabo pode ser literatura; que, por isso, misturam amadoristicamente informações históricas, sociológicas, antropológicas a pretexto de escrever sobre um tema literário. Neste sentido, eles são uma extensão do sensacionalismo oba-oba que domina a linguagem mediática.¹⁹⁹

¹⁹⁶ SOUZA, Eneida Maria de. A teoria em crise. In: _____. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 65.

¹⁹⁷ LIMA, Luiz Costa. *O lugar da poesia e da arte hoje.* Entrevista concedida a Régis Bonvicino e Luis Dolhnikoff. Revista Sibila: poesia e cultura. Disponível em: < <http://www.sibila.com.br/index.php/critica/1019-o-lugar-da-poesia-e-da-arte- hoje>>. Acesso em: 09 jan 2010.

¹⁹⁸ CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais.* São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 2003, p. 173-4.

¹⁹⁹ LIMA, Luiz Costa. *Conexão história e literatura: ensaios sobre o horror.* Entrevista concedida a Cláudia Nina. Mil folhas Jornal & Literatura. Disponível em: <www.claudianina.com.br/entrevistas/ent10.html>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

Os espíritos de “vale-tudo” e “oba-oba”, segundo o autor, invadem o cenário literário. E, em meio a tantas abordagens, já não se sabe bem – e já se soube em algum momento? – o que é literatura. E isto traria novas perspectivas para o seu estudo, deslocando e ampliando o cânone e as abordagens tradicionalmente realizadas:

com isso, autores sem maior mérito adquiriam uma instantaneidade de brilho de cometas. Assim se reunia a ênfase ética própria da tradição saxônica com o documentalismo da crítica sul-americana. Tal “correctness” pretendia fazer justiça às literaturas pós-coloniais e pôr em xeque os cânones literários estabelecidos. A tal orientação se reuniram ensaístas, professores e publicações interessados ou “especializados” em híbridos curiosos como feminismo e literatura gay. Como costuma suceder, como essa direção combinava boas intenções com absoluta falta de especialização e, ademais, tinha o respaldo de universidades norte-americanas, ela conquistou uma certa territorialidade nos Estados Unidos e se estendeu pela América do Sul [...].²⁰⁰

Não é difícil constatar que o crítico “não hesita em escolher um *corpus* canônico”,²⁰¹ haja vista o caráter das discussões que perpassam toda sua obra relacionadas à *mimesis* e ao controle do imaginário. Mas se o termo literatura fosse imbuído de uma noção única, nosso trabalho não faria sentido. É justamente a multiplicidade de percepções e a possibilidade de reestruturá-las que movimenta o campo. Mais uma vez, está em jogo a autoridade discursiva, engendrada a partir da concepção de literatura. Curioso pensar que, na década de 1970, Luiz Costa Lima, declaradamente de esquerda, foi capturado, justamente por sua inclinação política, dias antes da defesa de sua tese que difundia o estruturalismo antropológico, vertente considerada praticamente como um elemento da ditadura, senão um “agente do SNI”, como ironizara Sússekind.²⁰² Em entrevista realizada em 2011, o crítico retoma este paradoxo, quando da defesa da sua tese de doutoramento na USP, sob orientação de Antonio Candido:

Eu estava tão por fora do ambiente acadêmico que nem me ocorreu que defender uma tese sobre estruturalismo na USP era quase uma ofensa. E o Antonio Candido, polidamente, não me pediu para mudar de tema, mas me avisou antes da defesa que eu me preparasse. A USP se tomava como bastião de resistência da esquerda à ditadura, o que era ótimo, mas havia uma peculiaridade nacional de associar o estruturalismo ao apoio à ditadura. É algo estranhíssimo, o único país do mundo em que essa identificação foi feita. O estruturalismo poderia ser associado com

²⁰⁰ LIMA, Luiz Costa. Lira e antilira (1968). Entrevista concedida a Ítalo Moriconi. In: BASTOS, Dau. (Org.) *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.66.

²⁰¹ BASTOS, Dau (org.). Um livro necessário. In: *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.12.

²⁰² SÚSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*, p.50

apoliticismo, neutralidade científica, mas com a direita... Isso foi propriedade nossa.²⁰³

Interessante pensar que a época da ditadura militar é caracterizada por um desejo crescente de tecnocratização com vistas a, sobretudo, legitimar as decisões políticas e sociais em vozes reconhecidas cientificamente. Além do mais, a partir dela, pretendia-se uma “relativa neutralidade política e ideológica, tal como se manifestaria na adesão aos princípios universais e, portanto, impessoais da ciência e da eficiência técnica”.²⁰⁴ Tendo em vista os ideais tecnocratas da direita conservadora, costumou-se vincular, na universidade, a novidade estruturalista, em decorrência de seus critérios fundamentalmente textuais e desvinculados da história, a esta opção política. Não obstante esta vinculação do estruturalismo às premissas direitistas, Costa Lima, que era declaradamente de esquerda, foi capturado durante o golpe.

Na ambivalente equação de ser subversivo para o Estado e mal visto pelos pares na época, Costa Lima, hoje, assume, ainda se considerando de esquerda,²⁰⁵ uma posição conservadora diante das inovações teóricas. Curiosamente, o crítico consegue um alcance no cenário graças à importação e à divulgação de uma nova corrente e à defesa de um rigor teórico para o estudo da literatura, sendo estigmatizado nos círculos habitados em parte por críticos e literatos ancorados em uma frente mais beletrista da literatura. Quando questionado sobre o lugar ocupado, atualmente, pelos Estudos Culturais – ora habitando o campo que era da teoria –, e sobre os possíveis ônus e bônus que esta nova vertente apresenta para os estudos literários, Costa Lima reitera seu argumento, em entrevista concedida a Evando Nascimento:

Tenho dúvidas que os estudos culturais estejam assumindo o papel que coube à teoria. Duvido porque os estudos culturais normalmente se apresentam... sem qualquer teoria; são guiados ou por um motivo político – freqüentemente justo, como a discriminação que sofrem os homossexuais, o tratamento desigual concedido às mulheres ou às pessoas de cor – ou pelo impacto de temas da atualidade. As boas intenções, contudo, mesmo quando sejam boas, não asseguram bons resultados. Podem até garantir o interesse do público, mas intelectualmente as questões não avançam. Os estudos culturais normalmente supõem uma sociologia amadorística e uma leitura grosseira da literatura. Qual o saldo positivo? Bem, creio que ele seja raro, mas quando haja estará em mostrar que o fenômeno literário não é apreendido por uma mera análise formal. Pois a análise formal não capta a integridade da forma. A forma, como já se disse há bastante

²⁰³ LIMA, Luiz Costa. *O texto literário e seus vazios internos*.

²⁰⁴ SOLA, Lourdes. Os técnicos e o sistema político, questões conceituais. In: *Ideias econômicas, decisões políticas: desenvolvimento, estabilidade e populismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 1998, p. 45. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 30 mar 2012.

²⁰⁵ MANIFESTO dos professores universitários pró-Dilma. 25 out 2010. Disponível em: <<http://josefranciscoartigos.blogspot.com/2010/10/manifeto-dos-professores.html>>. Acesso em: 05 nov 2011.

tempo, é o que há de social na obra. Saber mostrá-lo, contudo, não pode ser feito apenas com boas intenções e amorosismo.²⁰⁶

A expansão dos estudos culturais, juntamente com a Literatura Comparada, no Brasil, provocou uma sensação de substituição ou até mesmo degradação dos estudos literários por parte de alguns estudiosos,²⁰⁷ inclusive do próprio Costa Lima, que, independentemente de defender a Teoria da Literatura, apresenta um problema de ordem maior, que, como se viu, diz respeito à ausência de pensamento reflexivo no País. Tal queixa enfraquece a própria acusação que faz de que os estudos culturais são realizados sem qualquer embasamento teórico, uma vez que, para ele, com pouquíssimas exceções, tudo, aqui, é feito assim, haja vista a ausência de criticidade e capacidade de reflexão de nosso sistema intelectual. A ampliação dos objetos, das abordagens e das relações culturais – permitida pelo enfraquecimento dos limites disciplinares –²⁰⁸ aponta para uma multiplicidade de formas do saber contemporâneo, e a academia, para ser fecunda e não se isolar numa torre de marfim cujo acesso é dado através de uma senha conferida por uma teoria x ou escola z, deve acompanhar as mudanças. O duelo entre um e outro, pautado no descrédito e/ou na indiferença – que, geralmente, parte do lado mais conservador – só atrasa o desenvolvimento do campo, agora mais aberto do que nunca às novas produções e linguagens midiáticas. Isto porque, diante das novas demandas que se apresentam nas esferas social, política, cultural e intelectual, “a defesa de uma teoria que poderia se impor como única e exclusiva não se sustenta mais no atual espaço acadêmico, pela natureza plural das tendências críticas”²⁰⁹, tornando-se um perigo acreditar que a “verdade se define pela exclusividade e singularidade desta ou daquela disciplina”.²¹⁰

A leitura de um percurso intelectual: nas tramas do autobiográfico

O crítico, como se viu, mostra-se avesso ao tom autobiográfico adotado na produção literária e ensaística contemporânea. Apesar de reafirmar sua posição contra o gênero, em sua escrita, por vezes, o crítico, preso às malhas dos paradoxos intelectuais, rende-se às

²⁰⁶ LIMA, Luiz Costa. *Entrevista concedida a Evando Nascimento*. Revista Ipotesi. Dez 2000. Disponível em: <<http://www.revistaipotesi.ufjf.br/volumes/9/cap01.pdf>> Acesso em: 09 jan 2009.

²⁰⁷ CUNHA, Eneida Leal. Literatura comparada e estudos culturais: ímpetos disciplinares. In: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lucia de Barros; ANTELO, Raúl (org.). *Leituras do ciclo*. Florianópolis: ABRALIC; Chapecó: Grifos, 1999, p. 101.

²⁰⁸ SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica, p. 105.

²⁰⁹ Id. A teoria em crise, p. 72-3.

²¹⁰ Id. *Ibid.*, p. 73.

armadilhas da dicção autobiográfica. Embora o tom autobiográfico tenha sido percebido em alguns de seus textos teóricos, críticos e metacríticos (sobretudo, entrevistas), seu *Esboço de uma autobiografia intelectual* é o que melhor ilustra as tensões vividas pelo autor no que diz respeito à sua controversa rejeição ao exercício memorialista. Por mais que advirta seu leitor quanto às circunstâncias de produção e ao objetivo de tal texto, o tom utilizado é o do relato de uma caminhada profissional, que, por vezes, para exemplificar uma ou outra passagem, evoca situações de ordem privada. Suas amizades e inimizades são nominadas,²¹¹ suas preferências intelectuais e considerações por este ou aquele professor à época de sua formação no exterior também,²¹² suas aproximações com poetas e *bailaoras* espanholas são mencionadas,²¹³ bem como algumas referências ao seu estado melancólico quando da sua estada em Petrópolis.²¹⁴ Capítulo integrante de *Vida e mimesis*, livro que atende a uma exigência ao concurso para titular da UERJ,²¹⁵ no capítulo “Esboço”, Costa Lima assume-se enquanto leitor e intérprete de sua própria trajetória intelectual, destacando um conjunto de forças – dentre as quais, amizades, desafetos, encontros e episódios – que o ajudaram a firmar-se como um professor, teórico, crítico e ensaísta respeitado no cenário literário contemporâneo. O prefácio, “O lugar de Costa Lima”,²¹⁶ republicado, em 1999, em *Máscaras da mimesis*²¹⁷, é assinado por Haroldo de Campos, a quem nosso crítico-teórico dedica, na ocasião do falecimento do amigo, um depoimento²¹⁸ em que revela os saldos e dividendos que esta relação intelectual-afetiva lhe proporcionou. Campos, ao apresentar um brevíssimo panorama da produção costalimiana, categoriza o livro como o marco de “um trintênio de vida militante dedicada à paixão da teoria”.²¹⁹

A epígrafe²²⁰ que introduz a autobiografia, recorrente em algumas de suas produções, como se viu, já insinua os caminhos que o crítico pretende percorrer:

[...] fiz do memorial uma peça estrita de autobiografia intelectual, dela excluindo tudo que não concernisse ao contexto em que foram

²¹¹ LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p. 20.

²¹² Id. *Ibid.*, p. 20-1.

²¹³ Id. *Ibid.*, p.21.

²¹⁴ Id. *Ibid.*, p. 24-5.

²¹⁵ “O projeto deste livro seria insensato por precipitação se não houvesse sido imposto por pressão externa – seus dois capítulos foram originalmente compostos como peças para um concurso de titular em Literatura Comparada.” LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p.7.

²¹⁶ CAMPOS, Haroldo de. O lugar de Costa Lima. In: LIMA, Luiz Costa. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 9-13.

²¹⁷ CAMPOS, Haroldo de. O lugar de Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1999, p. 147-153.

²¹⁸ LIMA, Luiz Costa. *Sobre uma amizade*. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 190-194, setembro/novembro 2003. Disponível em: < www.usp.br/revistausp/59/17-costalima.pdf >. Acesso em: 09 jan 2011.

²¹⁹ CAMPOS, Haroldo de. O lugar de Costa Lima, p. 12.

²²⁰ “The autobiography of a man whose business is thinking should be the story of this thought” (R.G. Collingwood, *An autobiography*). Cf. LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p. 17.

pensados os livros que escrevi ou que não se referisse à sua matéria e à maneira como hoje os encaro. O mais, a família, relações e afetos, permanecerá no círculo privado, onde não corre o risco de servir à auto-estilização do autor.²²¹

Em entrevista recente, o crítico reafirma sua relutância quanto ao gênero autobiográfico devido à sua “constante desconfiança de ser um exercício de narcisismo”.²²² Logo, esquivando-se do relato do privado, situa-se ante um dilema que vai cercar toda sua reflexão: a consciência de habitar um país periférico e nele desenvolver o desafio de produzir uma reflexão crítica. Curiosamente, ainda que desconsidere a possibilidade de arbitrariedade, o próprio autor destaca o fato de ter recebido, sobretudo no início da carreira, maiores suportes e influências de pessoas que de instituições. Com o intuito de “verificar que forças ou elementos aí haveriam atuado”,²²³ Costa Lima divide seu percurso basicamente em três frentes: a etapa primeira corresponderia a uma visada mais sociológica; a segunda, ao predomínio do estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss; e, a última, diria respeito à sua vinculação à Estética da Recepção alemã.

Durante a fase inicial, de 1957 a 1964, o jovem pesquisador revela as condições e influências que ajudaram a fomentar, nele, “o período remoto de uma definição intelectual”.²²⁴ Nascido em São Luís do Maranhão, antes de completar um ano, migrou para Recife, onde se deu toda sua formação escolar e onde iniciou seus estudos universitários. Entre os anos de 1955 e 1959, o jovem estudante cursou a Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, onde também frequentou o curso de Filosofia – não o tendo terminado por conta de uma bolsa de estudos que ganhou pelo Instituto de Cultura Hispânica para estudar fora do país. Segundo ele, até então, nem em Recife nem em Madri, houve, por parte de seus professores, “alguma influência marcante”,²²⁵ recebendo, antes, auxílio de intelectuais de quem se tornara amigo no decorrer da vida: Paulo Freire, ainda em terras nordestinas, e João Cabral de Melo Neto, já no exterior. O convívio com Paulo Freire, anterior à sua decisão de estudar literatura, talvez até a tenha impulsionado, uma vez que moravam na mesma rua e mantinham o hábito de conversar na biblioteca da residência do educador. Ali recebeu do companheiro os primeiros conselhos, trocou algumas confidências e leu alguns dos primeiros livros de literatura nacionais e também, já dominando o inglês, estrangeiros:

Paulo, desde a saída da adolescência até quando os acontecimentos políticos o levaram ao exílio e interromperam nosso convívio cotidiano, foi meu primeiro grande mestre. [...] inúmeras vezes, à noite, eu saltava a janela do casarão em que morava e, com a roupa

²²¹ LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p. 18.

²²² LIMA, Luiz Costa. *Erudição e argúcia de um mestre*.

²²³ LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p. 18.

²²⁴ Id. *Ibid.*, p. 18.

²²⁵ Id. *Ibid.*, p. 19.

que me encontrasse, atravessava a rua mal iluminada e o pequeno jardim à frente de sua casa. Se a porta estivesse fechada, batia à janela de seu escritório. Quase sempre o encontrava.²²⁶

A gratidão se estende a João Cabral de Melo Neto, que o impressionara tanto pela “agilidade mental e a falta de cerimônias para conversar com um mero estudante”²²⁷ quanto pela maneira como se relacionava com a poesia e como falava de seus autores. A estada em Madri, em 1960, ainda sob os ecos de uma guerra civil, despertou em Costa Lima seu engajamento político, já que até então sentia-se pouco motivado a aderir aos grupos estudantis em Recife. Isso porque, diferentemente do potencial conscientizador da alfabetização proposta por Paulo Freire, com a qual possuía afinidade intelectual, para ele os “grupos de esquerda, encabeçados pela UNE, defendiam um teatro didático, uma arte didática, chata e intragável”.²²⁸

Tendo sua rota desviada – sua pretensão era continuar seus estudos na Alemanha, sob a orientação de Hugo Friedrich, mas um acidente com o professor impossibilitou tais planos, naquele momento –, Costa Lima deve ao solo espanhol uma aprendizagem que ultrapassa os limites do conhecimento formal. Naquela Espanha, cujos laços de afetividade foram descobertos sobretudo em Cabral, em parte de seus amigos escritores e em algumas *bailaoras* mais experientes, ele vivia “com uma intensidade sem precedente, no coração de uma cidade”,²²⁹ onde, longe dos cercos dos latifúndios, inclinações políticas, conivências e compadrios de uma família influente,²³⁰ poderia dar vazão a um sentimento esquerdista que, anos mais tarde, viria lhe comprometer.

De volta ao Brasil, em 1962, Costa Lima assume a cadeira de Literatura Brasileira na UFPE, tendo sido contratado, ao mesmo tempo, para assumir a secretaria da revista *Estudos Universitários* como funcionário da mesma instituição. Este era um momento de reorganização da universidade, que investia na criação de três frentes para modernizar o ensino: a criação de uma rádio cultural (dirigida por José Laurêncio de Melo); um projeto de extensão cultural (o qual, posteriormente, Paulo Freire, converte em centro de organização de seu método de alfabetização); e a referida revista. A articulação, principalmente, entre a revista e a rádio, provocava uma desconfiança por parte da direita política. Com o golpe inicial de Gilberto Freyre, através de insistentes artigos, começa-se a atacar os agentes e o projeto. Desse modo, a revista que o jovem professor dirigia se, por um lado, aumentava a responsabilidade e o prestígio por suas publicações, por outro, despertava, entre os pares,

²²⁶ Id. Ibid., p. 19.

²²⁷ Id. Ibid., 21.

²²⁸ LIMA, Luiz Costa. Por que literatura. Entrevista concedida a Lucia Helena. In: BASTOS, Dau (Org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.51.

²²⁹ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p. 21.

²³⁰ Id. Ibid., p. 22.

certo desconforto. Mas, segundo o próprio Costa Lima, não foram os “ciúmes e dissabores”²³¹ os principais responsáveis pelo fim da revista, em 1963:

A inexperiência humana e política de seu secretário foi entretanto responsável, antes mesmo do golpe militar, por sua paralisação. O reitor terminara por aceitar os clamores da imprensa conservadora, insuflada pelos artigos de Gilberto Freyre. Não o recorde senão para reconhecer como meu voluntarismo era canhestro. O pretexto final para a demissão do secretário fora dado pela seção de notícias que a revista continha. No quinto número, fora incluída uma nota, escrita e assinada por mim, intencionalmente cruel para a vaidade do sociólogo, em que comentava as queixas de Freyre contra a imprensa que o apresentava, dizia ele, em fotos desfavoráveis. A ironia por mim praticada, consistente em declarar que o protesto seria justificado se viesse de uma estrela de cinema, sendo ridículo ao partir de um projecto intelectual, se bem que não justificasse a decisão de retirar do número já impresso o caderno correspondente, era mesquinha, inconseqüente e grosseira.²³²

Costa Lima, que repreende as polêmicas por seu caráter personalista e anti-teórico, vê-se protagonista – ou antagonista – em uma intriga que lhe traria grandes consequências. O que motivou a nota de Costa Lima no jornal tinha a ver com a queixa de Gilberto Freyre sobre suas próprias fotos, que, segundo ele, não lhe eram muito favoráveis. Para Costa Lima, tal queixume não passava de uma espécie de vaidade que afrontava os propósitos de uma personalidade intelectual em atividade, já que sua matéria, diferentemente de um *movie star*, deveria ser outra: o saber. Entretanto, circulam, hoje, na internet, algumas fotos do próprio Costa Lima retiradas por ocasião de suas entrevistas e eventos, em que o crítico aparece entre poses e faces singulares.²³³ A vaidade questionada por Costa Lima, à época, hoje parece ser utilizada como artifício para a reiteração de sua própria *persona*. Nas fotos, geralmente, ele aparece ora sisudo, com um olhar imponente e sorriso irônico, ora dotado da leveza e da simpatia peculiares a um sujeito experiente e generoso que tem o que repassar aos mais jovens. A demissão da revista e a aposentadoria precoce pelo Ato Institucional nº 1, aliadas à quase nula possibilidade de emprego em Recife, fizeram-no deixar a terra natal em direção a um dos principais centros de produção e difusão da cultura, à época, o Rio de Janeiro. Nesse período, o crítico começa a vivenciar mais de perto o significado de “ser intelectual em um país de situações instáveis”.²³⁴ Passadas quase cinco décadas, Costa Lima rememora, em

²³¹ Id. *Ibid.*, p. 23.

²³² Id. *Ibid.*, p. 23.

²³³ Uma das mais curiosas é a que o crítico aparece com sua cadela. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01620>> Acesso em: 13 nov 2011.

²³⁴ LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p. 24.

entrevista concedida a estudantes da PUC-RJ – instituição que o acolheu, à época, por intermédio do padre Ozanan –,²³⁵ o ocorrido:

Um dia antes do golpe, voltava de uma partida de futebol, passando pela faculdade de direito, vejo-a, com assombro, cercada por soldados que lhe apontavam armas. Cheguei em casa, liguei para o Palácio das Princesas, contei para Violeta Arraes o que havia visto. Ela respondeu-me que, segundo seu irmão, Miguel Arraes [governador do Estado de Pernambuco, à época], houvera uma confusão em Minas, mas que já estava tudo resolvido, ou seja, eu podia dormir tranquilo. Enganados estávamos. Veio o golpe e, passados alguns dias, fui levado à prisão. Na prisão, soube que a realidade era que havia perdido o emprego de professor, estava cassado, e que – coisa que não é possível confirmar – Gilberto Freyre havia me denunciado. A antipatia de Gilberto fora despertada, pouco antes, por um episódio inusitado. Gilberto havia escrito um artigo dizendo que alguns jornalistas, por serem comunistas, publicavam as fotos dele sempre muito feias. Então, eu fiz uma nota na revista que dirigia [*Estudos Universitários*, UFPE], transcrevendo o comentário e acrescentando o meu: “nada demais se se tratasse de um artista de cinema, mas é um velho antropólogo que está escrevendo isso”. Isso deu um bafafá que resultou no fechamento da revista.²³⁶

Durante algum tempo, já em Petrópolis-RJ, trabalhou como revisor da Editora Vozes, o que talvez tenha facilitado a publicação de dois de seus livros²³⁷ no início da carreira. Durante seu percurso, ainda em andamento, o autor passeou por editoras de pequeno, médio e grande porte, em termos de reconhecimento, a exemplo de Eldorado, Imago, Graal, Francisco Alves, Brasiliense, Forense Universitária, Guanabara, Rocco, Editora 34, Editora da UFMG, Civilização Brasileira, Edusp, Planeta, Companhia das Letras e Topbooks, o que permite conferir ao crítico um conhecimento do heterogêneo campo editorial e suas dificuldades.

Com a publicação de *O Estruturalismo de Lévi-Strauss*, em 1968, o crítico, substituindo os aportes fenomenológicos e marxistas pelo estruturalismo antropológico, entraria no que ele denomina de segunda fase. Segundo ele, apesar de seu efetivo interesse pelo antropólogo francês, a antologia atendia também “à necessidade de, por um mês, aumentar o dinheiro de que dispunha”.²³⁸ Além do mais, a opção reinseriria o então profissional das letras, através dos esquemas matematicamente dispostos do estruturalismo, ao universo das ciências exatas o qual desejara na adolescência.²³⁹ Para ele, este era um caminho

²³⁵ LIMA, Luiz Costa. *Luiz Costa Lima: história, discurso, vida*. Uma entrevista com Luiz Costa Lima. Entrevista concedida a Aline Magalhães Pinto, Laíse Helena Barbosa Araújo, Mannuella Luz de Oliveira Valinhas e Victor de Oliveira Pinto Coelho. Set 2010. Revista História da Historiografia – UFOP. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/100>>. Acesso em: 09 nov 2011, p.268.

²³⁶ Id. Ibid., p.268.

²³⁷ LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1966; LIMA, Luiz Costa. *Estruturalismo e teoria da literatura*. Petrópolis: Vozes, 1ª e 2ª edições, 1973.

²³⁸ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p. 32.

²³⁹ Id. Ibid., p. 32.

para tornar-se “alguém que pensa, e não só opina ou julga, o objeto literário”.²⁴⁰ A partir daí já se pode entrever o germe de um engajamento teórico, pautado, à época, no excesso de demonstrações e argumentos extremamente encadeados. Durante a década de 1970, atuando como docente na PUC-RJ, integra, juntamente com Paulo Menezes e Eduardo Viveiros de Castro, um grupo que se propõe a estudar a série *Mythologiques*. Para ele, esta, sim, teria sido sua verdadeira graduação. Em livro de entrevistas, Viveiros revela que sua descoberta dos índios como uma problemática adveio justamente da leitura dos quatro volumes da série, os quais ele diz ter lido “com volúpia”,²⁴¹ e que seu interesse em seguir seus estudos na antropologia depois da graduação foi incentivado por seu então professor, Costa Lima. Observe-se o depoimento:

foi Luiz Costa Lima quem me convenceu a fazer antropologia no Museu [Nacional]. Em pensava, no fim da graduação, em fazer mestrado na área da Teoria da Literatura, Letras, por aí. Luiz me disse para deixar disso que eu tinha jeito mesmo era para antropólogo, e devia seguir por ali.²⁴²

Com um círculo de amigos restrito, um casamento desfeito, dois filhos pequenos para sustentar, o baixo salário que ganhava como professor da PUC e membro da equipe que, sob a supervisão de Antônio Houaiss e Otto Maria Carpeaux, redigia a *Enciclopédia Delta-Larousse*, o crítico ainda iria enfrentar os dissabores da ditadura. Nesse momento, em que havia a expansão dos cursos de pós-graduação, tornava-se cada vez mais crucial a formação acadêmica do professor universitário. Impossibilitado de inscrever-se no Programa de mestrado da UFRJ por sua posição política e pela aposentadoria precoce,²⁴³ outra alternativa lhe é apresentada. Ao substituir um colega na Escola de Desenho Industrial, como um golpe de sorte, “entra a boa estrela”.²⁴⁴ O contato de Costa Lima com Ana Luísa Escorel, sua aluna no curso e filha de Antonio Candido, possibilita uma aproximação entre ambos. Orientando apenas formalmente, Candido aceita a proposta de Costa Lima, apesar de pouco ou nada concordar com ela. E, como o crítico já possuía algumas publicações, inscreveu-se, por sugestão do próprio orientador, diretamente no doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada. Observem-se as palavras do autor:

²⁴⁰ Id. Ibid., p. 33.

²⁴¹ CASTRO, Eduardo Viveiros de. Vejo ao Araweté através da minha experiência com a antropologia. Entrevista concedida a Rafael José de Menezes Bastos e Carmem Rial. In: SZTUTMAN, Renato. (org.) *Encontros*: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008, p.58.

²⁴² Id. Ibid., p.59.

²⁴³ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p. 34.

²⁴⁴ Id. Ibid., p. 34.

desde que, a partir de março de 1965, retomara precariamente minha atividade acadêmica, como professor-horista da PUC, aprendera que a maneira de sobreviver ao estigma de aposentado pelo AI/1 dependeria de adquirir algum respeito acadêmico e não competir por cargos de direção. Era irrelevante que assim ignorasse as brigas pelo poder intelectual, pois, quase sempre, elas se davam entre figuras da direita.²⁴⁵

Conforme seu depoimento, a melindrosa situação em que se encontrava fazia-o redobrar a atenção em relação às suas atitudes e aos seus escritos – o que parece não ter funcionado muito bem porque, dias antes da defesa de sua tese, ainda que por engano, fora capturado e preso, sendo liberado pouco tempo depois. O susto não impediu que a tese estruturalista fosse defendida e aprovada na USP, lugar onde o vínculo estabelecido com essa corrente dizia respeito antes à crítica literária de um Barthes e um Todorov, por exemplo, que ao estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss. Tal descompasso provocou certo mal-estar entre os componentes da banca, sobretudo em Leyla Perrone-Moisés – indicada por Candido, talvez ingenuamente, como auxílio ao arguido e que, desde a época até hoje, é considerada uma das principais divulgadoras do pensamento barthesiano entre nós.²⁴⁶ Não obstante a confusão estabelecida e a desconfiança com que avaliaram a tese do crítico pernambucano, a máxima iluminista de um Voltaire²⁴⁷ exercitada pela banca examinadora possibilitou que a voz destoante de Costa Lima pudesse continuar ecoando na vida acadêmica.

Com a tese defendida, Costa Lima passa a se dar conta de que as cadeias demonstrativas, muito embora se apresentassem como um método analítico de fôlego, não eram “um fim em si”.²⁴⁸ Para o estudo da literatura, havia de se considerar também outros elementos que ampliariam a interpretação do texto, a exemplo da articulação com a filosofia e a história, dos aspectos sócio-culturais e, sobretudo, do leitor. E é a partir desta nova perspectiva que, em 1976, inicia-se sua terceira fase. Sendo apresentado, na PUC, ainda em 1971, quando da ocasião de uma conferência sobre o formalismo russo, a Wolf-Dieter Stempel, Costa Lima viu novas portas se abrirem, ao ser convidado a estudar, na Alemanha, a Estética da Recepção, vertente que desconhecia completamente. Até então, por conta de sua situação política, já havia perdido algumas oportunidades de lecionar fora do País. Como diz, “a sorte contudo resolvera mudar de lado”.²⁴⁹

De minha parte, não haveria objeção em aceitar seu convite, salvo que meu alemão continuava deficiente. O difícil e aparentemente intransponível era conseguir o passaporte, que me era negado desde o

²⁴⁵ Id. Ibid., p. 35.

²⁴⁶ LIMA, Luiz Costa. *O texto literário e seus vazios internos*.

²⁴⁷ *Posso não concordar com nada do que dizes, mas defenderei até a morte o direito de dizê-lo*.

²⁴⁸ LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p.38.

²⁴⁹ Id. Ibid., p. 40.

golpe. [...] Já não lembro quando o convite foi oficializado. Apenas recordo que já estava à beira da desistência quando a visita de um parente me abriu as portas de um figurão que, por suas relações estreitas com o diretor do Dops, resolveu em poucos dias problema com que me debatera durante anos.²⁵⁰

Mais uma vez, Costa Lima parece, conscientemente, beneficiar-se dos laços de amizade que tanto critica em seus textos quando fala sobre a constituição de nossa cultura nacional, presa, por suas condições histórico-sociais, às malhas da cordialidade. Já na Alemanha, conheceu figuras que viriam a ser, a partir de então, grandes parceiros intelectuais, a exemplo de Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser e Hans Ulrich Gumbrecht, que mantêm, até hoje, um intercâmbio profícuo. Este foi organizador do já referido *Máscaras da Mimesis*, tendo sido os demais constantes colaboradores de suas publicações. O crítico, além de reconhecer os pressupostos teóricos que ajudaram em sua formação desde os primórdios de sua caminhada intelectual, atribui à *Rezeptionsästhetik* e aos teóricos alemães o maior ganho à sua formação desde então:

Entre 1976 e 1979, dediquei-me a amadurecer o conhecimento da corrente alemã e a encontrar uma trilha na selva que de novo se fechava. Assim como o marxismo abriu uma clareira que me permitira discernir, entre as primeiras confusões, alguma direção, assim como a fenomenologia ajudara a me desenredar do mecanicismo, e o estruturalismo favorecera uma certa destreza no trabalho textual, a estética da recepção agora me permitia compreender o papel constitutivo da história dos estudos literários e a impossibilidade de realizá-lo pelo *parti pris* da dimensão sincrônica.²⁵¹

A partir dessa virada, o crítico passa a desenvolver o que viriam a ser duas de suas principais obsessões teóricas: a releitura da problemática da mimesis e o desenvolvimento dos argumentos sobre o controle do imaginário, este um desdobramento daquele.²⁵² A publicação de *Mimesis e modernidade*,²⁵³ *Vida e mimesis*,²⁵⁴ *Mimesis: desafio ao pensamento*,²⁵⁵ *Mimesis e a reflexão contemporânea*,²⁵⁶ além das obras *O controle do imaginário*,²⁵⁷ *Sociedade e*

²⁵⁰ Id. Ibid., p. 40.

²⁵¹ Id. Ibid., p. 41.

²⁵² Id. Ibid., p. 48.

²⁵³ LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade* (formas das sombras). Rio de Janeiro: Graal, 1980; 2ª edição atualizada: Rio de Janeiro: Graal, 2003.

²⁵⁴ LIMA, Luiz Costa. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

²⁵⁵ LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

²⁵⁶ LIMA, Luiz Costa (Org.). *Mimesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

²⁵⁷ LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário. Razão e imaginação nos tempos modernos*. São Paulo: Brasiliense, 1984; 2ª edição revista: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

discurso ficcional,²⁵⁸ *O fingidor e o censor*²⁵⁹ – revistos e republicados na *Trilogia do controle*²⁶⁰ – e *O controle do imaginário & a afirmação do romance*,²⁶¹ atesta um comprometimento que lhe é peculiar e um movimento autocrítico ininterrupto em prol daquilo que acredita como válido para o estudo do discurso ficcional. Sua fixação nessas temáticas o levou a ser conhecido, pelos bastidores dos cursos de Letras, conforme depoimentos de alguns professores e estudantes, como o “teórico da mimesis”, e como o crítico que propõe uma reflexão sobre o polêmico veto ao ficcional, sobretudo, em terras nacionais. Neste breve panorama que apresenta o recorte da trajetória intelectual de Luiz Costa Lima, percebe-se a imagem de um sujeito que se erige em torno de muito investimento teórico, em leituras eruditas, ainda que mantenha uma relação com as discussões contemporâneas, em uma imagem singular de um professor exigente e intolerante em relação às atuais condições dos cursos de Letras no País. Um crítico que reclama constantemente da falta de livros, de leitores, de crítica e, inclusive, de “boa” literatura. Sua concepção de literatura o impossibilita de enxergar a produção literária através de outras formas e outros espaços discursivos, antes marginalizados, como se viu. Sua melancolia, calcada discretamente em um fio de esperança de quem crê na melhoria da qualidade de ensino e pesquisa na universidade brasileira, , ainda que a veja muito distante, alastra-se sobre sua produção. Além do mais, suas constantes revisões e publicações – não há como negar – apontam para um entusiasmo e um fôlego raros em sua idade, como se pode notar em seu depoimento:

Dou-me conta de que é fácil ser rigoroso consigo mesmo. Não será essa uma das maneiras pelas quais nos provamos que não perdemos a nossa suposta inteligência? Uma carreira intelectual, se não se apóia em algum dos desvios institucionalizados, sustenta-se na aporia de que seu agente possui um lastro considerável de inteligência. O rigor consigo é prova menos da aprendizagem efetuada ou de honestidade intelectual do que da preservação da aposta em seus próprios dotes. Ela se acompanha de outra: ao criticar-se a si mesmo, o agente mostra a si que ainda não atingiu a decrepitude.²⁶²

Se a crítica é um ato de generosidade, a autocrítica, nesse sentido, seria um duplo exercício: primeiro contra um narcisismo redutor que prejudicaria o debate; segundo, a favor de um jogo dialético em que quem critica se permite ser também criticado, havendo a consciência de um saber menos verticalizado. Permitir-se ser criticado e dialogar com as

²⁵⁸ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

²⁵⁹ LIMA, Luiz Costa. *O fingidor e o censor*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

²⁶⁰ LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

²⁶¹ LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²⁶² LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p.28.

dissidências, sem as rejeitar ou exercer o indiferente silenciamento, revela a outra face da generosidade intelectual. Em um país cuja discordância ideológica e cujos ataques personalistas levaram, por vezes, seus agentes, aos duelos, prisões e mortes, atuar na maré oposta geralmente causa certos embaraços, como podemos observar na discreta polêmica em que o crítico se envolveu, recentemente.

Em 17 de janeiro de 2010, Costa Lima publicou, no extinto caderno *Mais! da Folha de S. Paulo*, uma crítica sobre a republicação do livro de estreia de Roberto Piva, *Paranoia*, lançado pela primeira vez em 1963. Costa Lima alinha a produção do poeta à frente “passional-emocionalista”, contrapondo-a antagonicamente a uma outra vertente de sua predileção, formada pelos construtivistas e pelos concretos. Discordando das leituras de Davi Arrigucci e Alcir Pécora – dadas as diferenças, ambos insistem no germe transgressor da poesia de Piva –, Costa Lima questiona a alucinação presente nos escritos de Piva, que se aproximam mais de um “euísmo que nutre o extenso delírio”²⁶³ que de poesia propriamente dita. A resenha desfavorável ao poeta foi suficiente para motivar duas réplicas, cada uma dotada de certas características próprias ao gênero: ataques pessoais e silenciamento.

A primeira foi escrita por Reuben Rocha, que, ironicamente, assumindo-se sem currículo e adepto a experimentações e inconformismos,²⁶⁴ defende a produção poética de Roberto Piva, desmerecendo a análise de Costa Lima, que, a seu ver, é um sujeito que tem na reiterada acriticidade brasileira a sua paranoia. Para ele, o crítico viria apenas

reforçar dicotomias fora de contexto, preconceitos fora de propósito e credos poéticos no lugar de poemas. Antes disfarça informação com confusão, como quando elogia o livro como objeto estético e atribui sua “excelência gráfica” à editoração, às fotografias de Wesley Duke Lee e à introdução de Davi Arrigucci – certamente luminosa, mas não sei até que ponto responsável pelo deslumbre visual da edição.²⁶⁵

Já a segunda, um pouco mais longa, foi assinada por Claudio Willer, também poeta. Em seu texto, Willer apresenta, demoradamente, argumentos que tendem a valorizar a poética do delírio do amigo, citando como texto de apoio, em nota, o artigo de Reuben e justificando a circulação de seu nome devido à reedição do *Paranoia*, bem como por seu estado de saúde – o que reuniu e mobilizou poetas e amigos em torno de uma causa: ajudar Piva tanto a sair do anonimato a que tem sido relegado e das dificuldades por que, por seus problemas pessoais, então, passava. Indiferente à nuvem solidária, Costa Lima não mediu palavras para imprimir

²⁶³LIMA, Luiz Costa. *Paranóia crítica*. Blog Poenocine. Disponível em: <<http://poenocine.blogspot.com/2010/05/luiz-costa-lima-x-claudio-willer-debate.html>>. Acesso em: 29 jun 2011.

²⁶⁴ROCHA, Reuben da Cunha. *Luiz Costa Lima e a paranóia acrítica*. Portal Cronópios. 5 fev 2010. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/critica.asp?id=4402>>. Acesso em: 29 jun 2011.

²⁶⁵Id. Ibid.

sua concepção de poesia na análise da reedição da obra. Willer deixa clara sua pretensão em discordar de Costa Lima: “o presente encontro é de apoio a Roberto Piva, pelas notórias dificuldades que enfrenta. Mas nele cabe, também, a manifestação de satisfação por esse crescimento do interesse por sua poesia, aqui mais uma vez atestado.”²⁶⁶

Sem maiores repercussões no meio intelectual, a discussão gira em torno da concepção de poesia e dos critérios poéticos e não-poéticos de cada autor que escreve. Gosto se discute? Sim, não fosse isso as discussões sobre crítica e literatura não se renovariam. O importante, a meu ver, é deixar claro de onde se fala, quais os fundamentos e conceitos operatórios que subjazem à análise, considerando e equilibrando a existência de outras vozes em relação à própria opinião pessoal, inclusive – o que parece ser um caminho não muito fácil de percorrer, tanto por parte dos críticos quanto por parte dos escritores. Críticos e escritores, antes de o serem, são homens dotados de gostos, vontades, crenças e uma bagagem sócio-cultural que se imprime nas suas opções ideológicas e intelectuais. E é por isso que, apesar de muitos tentarem e defenderem, a exemplo do próprio Costa Lima, a dissociação das idiossincrasias relativas à esfera pessoal da atuação profissional no campo intelectual, este é um caminho melindroso. Isto porque a formação escolar, acadêmica e extra-curricular (como as aulas de violino), os lugares por que passou, as pessoas com quem conviveu, enfim, os acontecimentos que cercam uma vida inteira, e que acabam por conferir uma visão de mundo diferenciada, vão ser transpostos na produção intelectual de qualquer indivíduo. Os dados biográficos, nesse sentido, longe de definirem a produção de um autor, numa relação determinista de causa e efeito, ajudam-nos a interpretar as condições que, possivelmente, motivaram-na. A construção de um nome não apenas se faz com as publicações, mas também a partir da inserção e da recepção desse personagem no campo intelectual. Tanto a literatura quanto a vida literária passam, então, a interessar de igual maneira, a ensaística contemporânea. Entretanto, há uma queixa recorrente por parte de muitos estudiosos tradicionais, a exemplo do crítico nordestino, quanto à escolha da vida literária em detrimento da literatura, bem como à linguagem utilizada para abordá-la, em um trabalho acadêmico. Outra crítica que é feita diz respeito à maneira como o ensaio vem sendo produzido, com um pé no jogo metafórico-imagético, situando-se “entre a teoria e a linguagem artística”.²⁶⁷ Para uns, isso parece destituir do ensaio seu objetivo principal: o estudo teórico do objeto literário, ancorado nas

²⁶⁶WILLER, Claudio. *Roberto Piva e a poesia*. Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências. Nova Série 2010 Número 02. Disponível em: <http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_02/claudio_willer/index.html>. Acesso em: 29 jun 2011.

²⁶⁷LIMA, Rachel Esteves. *O ensaio na crítica literária contemporânea*. Revista de Estudos Literários. Belo Horizonte: 1995, v.3, p. 38.

pretensas objetividade e “rigidez sistemática do pensamento oficial”.²⁶⁸ Segundo ele, “quando a crítica de um poema constitui um outro poema, há de ser julgado como poema e não como crítica. Em um tempo de vale tudo e oba-oba, como o que vivemos, tudo isso parecerá muito engessado”.²⁶⁹

O ensaio, que, nos dias de hoje, tende, cada vez mais, a considerar a subjetividade, a parcialidade e o contexto de produção do sujeito e do objeto de estudo – que, então, se fundem, na escrita –, revelaria não apenas as concepções estéticas como também imprimiria as marcas das opções políticas e ideológicas de seu autor. Ao romper com a tradicional perspectiva da crítica impressionista, bem como com as tendências meramente formal ou sociológica (encontro, curiosamente, nesta terceira margem, o exemplo do próprio Costa Lima, que, tendo superado os ranços puramente marxistas, fenomenológicos e estruturalistas, desenvolve, hoje, um trabalho mais atento às demandas históricas, graças à Estética da Recepção),²⁷⁰ o ensaio brasileiro abre-se à crítica biográfica. Esta recente tendência da crítica literária, juntamente com os estudos culturais, aposta na conjunção de um saber narrativo, entre a teoria e a ficção, menos cientificista. Dessa perspectiva,

a enunciação crítico-biográfica dos teóricos filiados aos estudos culturais, bem como aos estudos literários e históricos, reivindica, dentre outros direitos, o de uma política identitária relacionada à posição do sujeito diante do objeto, o que implica o papel contraditório do autor, ao reconhecer tanto a construção precária de si como sujeito quanto a necessidade de se assumir como cidadão.²⁷¹

O componente biográfico viria, portanto, colocar por terra a crença das pretensas imparcialidade e objetividade que se mostram em alguns dos discursos humanísticos, a exemplo do jornalístico e do jurídico, bem como dos praticados pelas assim-chamadas ciências duras, que pretendem conferir, com isso, alguma “credibilidade” à sua área e a seus agentes. Diferentemente dessa perspectiva, a visada da crítica biográfica, exercitada no ensaio brasileiro, é ciente da impossibilidade de capturar o Universal, pretendendo-se, tal qual o sujeito contemporâneo, fragmentado, incompleto, localizado e maleável. Frente a tal panorama, propondo-se encarar o objeto literário a partir de seu diálogo com os fatores sócio-político-culturais e seu interrelacionamento com os imperativos contemporâneos (novas formas de produção, circulação e recepção, novos aparatos tecnológicos etc.),

²⁶⁸ Id. Ibid. p. 36.

²⁶⁹ LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000). Entrevista concedida a Aline Magalhães Pinto. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, p. 305.

²⁷⁰ LIMA, Luiz Costa. *Esboço de uma autobiografia intelectual*, p. 41.

²⁷¹ SOUZA, Eneida Maria de. *Notas sobre a crítica biográfica*, p. 110.

o que se pretende é a vinculação do contexto à produção e recepção do texto literário, sem que este seja visto como um reflexo daquele, mas como um objeto que mantém uma relativa autonomia, pois liga-se, necessariamente, ao solo em que foi produzido, mas que também depende de interpretações que lhe conferem significados diversos, determinados por cada olhar que lhe é lançado, em momentos específicos. A crítica literária adquire, então, a função de suplementar a obra literária [...], devendo, para isso, resgatar o prazer da leitura, tanto do texto literário propriamente dito, quanto do seu comentário.²⁷²

De frente com Luiz Costa Lima: a entrevista como um exercício autobiográfico

A produção ensaística tem sido produzida e recebida com outros olhos, a exemplo de muitos outros gêneros, que pretendem, a partir do retorno da subjetividade à cena da leitura, reaproximar os limites entre sujeito e objeto, crítica e literatura, teoria e ficção, obra e vida. A entrevista, como um exemplo do exercício autobiográfico, vem sendo, na academia, cada vez mais utilizada como suporte privilegiado da atividade intelectual. Este gênero, que encontrava, até a década de 1970, nas trocas de cartas seu espaço privilegiado, passa a seduzir, com a redemocratização política, mesmo por questões mercadológicas e publicitárias, outros campos, a exemplo da crítica literária – que encontra nele uma possibilidade de estreitamento dos laços entre universidade e demais setores sociais, bem como de divulgação da imagem dos intelectuais em atividade a partir de suas experiências pessoais.²⁷³ O escritor, o crítico, o teórico, o professor universitário, inserindo-se nas malhas do mercado e da publicidade, passam, então, a enxergar a entrevista como uma ponte entre suas produções e o leitor.

Tal aproximação com o mercado provoca, ainda hoje, alguma resistência por parte de alguns intelectuais, que enxergam a entrevista como um resultado do enfraquecimento da autonomia e da autoridade da universidade, rendida, antes, ao Estado e, agora, aos chamados do mercado. Essa opinião não é, contudo, compartilhada por Costa Lima, que valoriza a aproximação que se deu entre a esfera intelectual e a imprensa, sobretudo através dos suplementos literários, hoje cada vez mais escassos, já que ela “rompia com o *guetto* em que se mantém a universidade brasileira”.²⁷⁴ O rádio, a televisão, a internet, os documentários, os jornais e as revistas tornam-se instrumentos capazes de ampliar o que antes se dava na ordem

²⁷² LIMA, Rachel Esteves. *O ensaio na crítica literária contemporânea*, p. 38.

²⁷³ LIMA, Rachel Esteves. A entrevista como gesto (auto)biográfico. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p.32-44.

²⁷⁴ LIMA, Luiz Costa. Mimesis e modernidade (1980). Entrevista concedida a Ana Lúcia de Oliveira. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, p.147.

privada das correspondências entre escritores para a esfera pública, mantendo uma relação interessada com os aparatos da indústria cultural, que passa de demônio a aliado. Como, entretanto, no caso de um profissional das letras não incorrer no risco de ser estigmatizado por uma exposição rasa, meramente confessional? Entendida como uma maneira de, ao mesmo tempo, aprofundar o debate intelectual e contribuir para a formação de uma personagem (tanto por parte de quem entrevista quanto de quem é entrevistado), a entrevista tem como aliados a leveza, a interatividade e a possibilidade de enxergarmos os sujeitos – entrevistadores e entrevistados – como personagens dotados de trejeitos e idiossincrasias. A entrevista, que ocupa um terreno melindroso, “entre a esfera pública e o espaço privado, entre o individual e o coletivo, entre a ficção e o ensaio, entre o espontâneo e o teatral, entre a oralidade e a escritura, pode ser considerada, portanto, como uma contribuição à produção de uma história aberta a múltiplas vozes”.²⁷⁵ Em certa medida, parte de tais aspectos já pode ser observada a partir dos depoimentos de Luiz Costa Lima, que parece possuir especial disposição por este gênero, dado o número de entrevistas coletadas e, principalmente, a qualidade e empenho das respostas. O livro *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, organizado por seu ex-aluno e orientando Dau Bastos, atesta a “o raro privilégio de dialogar com leitores dos livros”²⁷⁶ que escreveu ao longo de quase meio século de carreira. “Quanto todos nós não teríamos ganho se essa iniciativa tivesse sido tomada há mais tempo, favorecendo prosadores e poetas, críticos, teóricos e ensaístas?!”,²⁷⁷ questiona-se Costa Lima, num misto de contentamento e melancolia pelo tempo e oportunidades perdidos. Alegando a possibilidade de refletir sobre seu processo de escrita – podendo, inclusive, discordar de si mesmo acerca de posições com as quais não mais concorda e defende –, revela, com uma pitada metafórica, suas pretensões:

preferi aqui adotar um tom oral, próximo do que suponho seja o modo como costume dar minhas aulas. Atravi-me por isso a escrever este texto diretamente na tela do computador, quando, até hoje, ao escrever uma página que supunha destinada a um livro, a submetia a uma primeira versão manuscrita, que depois se modificava, ramificava e transformava nas versões digitadas. Evitei assim tanto o canto das sereias quanto a cera com que Ulisses dele se defendia. No primeiro caso, teria entendido a atenção que me fosse concedida como prova de que meus livros continham ideias perturbadoras. No segundo, que deveria defendê-las para que seu destino seguisse infalível. Preferi a navegação em mar aberto, em contato franco com meus interlocutores.²⁷⁸

²⁷⁵ LIMA, Rachel Esteves. A entrevista como gesto (auto)biográfico, p.41.

²⁷⁶ LIMA, Luiz Costa. Nota do entrevistado. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, p.47.

²⁷⁷ Id. Ibid., p.47.

²⁷⁸ Id. Ibid., p.47-8.

Como declara Dau Bastos, em entrevista concedida a Wanderson Lima, a motivação em escrever um livro sobre a produção de Costa Lima se deu no início do curso de mestrado em Letras, ao constatar que o crítico era pouco compreendido pela maioria dos estudantes de graduação e pós-graduação, inclusive pelo próprio organizador do livro, que “boiava em boa parte de suas aulas”.²⁷⁹ Esta seria uma tentativa didática de facilitar o acesso à produção teórico-crítica do autor. Afirmam Bastos:

no início, pensei em algo muito simples, tipo *Para entender Luiz Costa Lima*, feito de capítulos explicativos. Aos poucos, achei que a melhor maneira de facilitar a compreensão de suas descobertas e reflexões seria recorrendo a um gênero que, a meu ver, deveríamos cultivar intensamente: a entrevista literária. Não do modo banalizado como costuma aparecer nos periódicos, e sim como texto capaz de conciliar dinamismo e profundidade.²⁸⁰

Podemos pensar, por outro lado, numa espécie de gratidão e da admiração que surgem quando da ocasião do concurso para o mestrado em Literatura Brasileira da UERJ. Tendo produzido um ensaio sobre Clarice Lispector, Dau Bastos, questionado pela banca acerca das exaustivas leituras que fizera para a construção do trabalho, discorre sobre os posicionamentos de determinados críticos a respeito da escritora. Sem relacionar o nome à figura, o candidato dispara a tecer desagregos sobre as posições que “pareciam sem sentido”²⁸¹ de Costa Lima, que estava na banca. O embaraço, entretanto, não impediu que, por mérito, o estudante fosse aprovado, tendo vivenciado uma experiência em que, “diferentemente dos panos quentes que tendemos a cultivar dentro e fora da academia, o confronto de ideias era levado tão a sério que por vezes o professor admitia a necessidade de rever certas intuições cuja fragilidade descobrira durante a aula”.²⁸² Com os episódios, ele viria compreender, através da postura de seu arguidor e, posteriormente, professor, orientador e amigo, que “a faculdade de Letras não é o espaço da diplomacia e da cordialidade, e sim do exercício dos sentidos crítico e estético. Se exercê-los a fundo pode criar dissabores, o ganho em termos de produção os compensa amplamente” – ²⁸³ sendo o livro de entrevistas um exemplo disto.

A obra, que se divide em 18 seções, traz, em cada capítulo um entrevistador – colegas de profissão e estudantes de pós-graduação brasileiros e nacionais – que dialoga com

²⁷⁹ BASTOS, Dau. *Já foi o tempo em que o país se orgulhava do espírito macunaímico*. Entrevista concedida a Wanderson Lima. Desenredos: uma revista de cultura e literatura. Disponível em: <http://www.desenredos.com.br/10et_dau_299.html>. Acesso em: 20 jul 2011.

²⁸⁰ Id. Ibid.

²⁸¹ LIMA, Luiz Costa. Nota do entrevistado. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, p.8.

²⁸² Id. Ibid., p.8.

²⁸³ BASTOS, Dau. *Já foi o tempo em que o país se orgulhava do espírito macunaímico*.

um determinado livro do crítico, num exercício de leitura e interpretação da produção de Costa Lima. O teor das entrevistas, que esclarecem algumas de suas posições, confere ao livro um caráter reflexivo, ainda que se esbarre, raras vezes, em questões de ordem privada, conforme se observou. Os elogios e manifestações de agradecimento, quando aparecem, estão, em sua grande maioria, numa espécie de introdução que cada entrevistador se propôs a fazer. Uma síntese do empenho autocrítico pode ser observada numa das respostas presentes na publicação. A entrevistadora, Ana Lúcia de Oliveira, transferindo a responsabilidade da pergunta para o próprio entrevistado, numa espécie de gesto esquizofrênico, cria uma tela cuja imagem revela uma análise do Costa Lima de hoje sobre o Costa Lima de duas décadas atrás:

O Luiz de agora se conhece a si menos do que supunha se conhecer em 1980. De todo modo, sem nunca haver sido um eufórico otimista, podia crer que de meu esforço intelectual surgiria alguma diferença na comunidade intelectual a que pertenço. Por conta disso, recusei os convites de permanecer no estrangeiro. Hoje, embora não me arrependa de haver ficado, sei que não fiz diferença alguma. Ou apenas ajudei um pouco a formar figuras como Ana Lúcia e outras poucas mais. Que então me perguntaria a mim? Talvez isso: se você já sabe que esse tom que você julga de franqueza e sinceridade é incômodo para muitos, que a muitos deixa contrariados, por que então o mantém em vez de insinuar que talvez sofra de alguma espécie de masoquismo ou, quem sabe, de uma vaidade inveterada, prefiro aprender com a contradição que a experiência da arte engendra: ela ilumina o espaço interno de quem a experimenta sem lhe mostrar caminho algum de solução.²⁸⁴

Apropriando-se de uma máxima de Paul Valéry, em que se admite a existência do germe autobiográfico em todo exercício teórico,²⁸⁵ Luiz Costa Lima relativiza suas convicções sobre o gênero, ainda que o rejeite mais enfaticamente nos casos relacionados ao discurso ficcional, que, como se viu, em sua concepção, não deve se render às artimanhas e aos caprichos do documentalismo, do memorialismo, das confissões e demais intimidades do eu. Desse modo, através da observação da maneira como ele próprio se enxerga inserido no campo em que atua, afirma-se, menos com palavras que com posturas, enquanto intelectual determinado a pensar não só seu objeto de estudo – a literatura –, mas também comprometido com as demais questões que o cerceiam e nele pululam, como a recorrente discussão sobre o sistema intelectual brasileiro e o estatuto da universidade. A rejeição das novas tendências teóricas, aliada à triste constatação e longínqua esperança que tem sobre a universidade brasileira, sobretudo nos cursos de Letras, se, por um lado, revelam alguma desesperança e desânimo, por outro, não o fazem desconsiderar ambos os pontos. O cavaleiro de triste figura,

²⁸⁴ LIMA, Luiz Costa. *Mímesis e modernidade* (1980). Entrevista Concedida a Ana Lúcia de Oliveira, p. 157.

²⁸⁵ LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle* (1984, 1986, 1988). Entrevista concedida a Hans Ulrich Gumbrecht. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 177.

sentindo-se em descompasso – creio que não seja este um privilégio seu, mas um sentimento próprio ao intelectual –, carrega, conscientemente, o fardo de suas ideias e formas de abordagem do literário. Isto porque ele habita, contemporaneamente, um tempo de abertura e flexibilização de tendências teórico-críticas, que não mais se manifestam em uníssono no horizonte da produção e da recepção. E isso, diferentemente do que ocorre com o herói quixotesco, não o leva à loucura, mas a uma melancólica sensação que subjaz em muitos de seus textos.

3 A CONSTRUÇÃO DAS POSTURAS DE UM *INTELECTUAL*

A leitura de um percurso na universidade brasileira

Dotado de audácia intelectual, Luiz Costa Lima desponta no cenário da área de Letras não apenas como professor, mas também como um sujeito atento às demandas que permeiam a área. Seus recorrentes textos contendo discussões sobre o estatuto da universidade e dos cursos de Letras, bem como suas considerações a respeito, principalmente, da referida precariedade reflexiva de seus agentes, sejam professores ou alunos, aparecem como um desdobramento de suas análises sobre o sistema intelectual brasileiro. Para ele, há, no ambiente acadêmico, um círculo vicioso que impossibilita o avanço das discussões. Alinhados “no nível baixo da escala”,²⁸⁶ docentes e discentes parecem cumprir apenas um ritual curricular, com razoáveis critérios de avaliação e pouco interesse de ambas as partes. Ao contrário do labor intelectual, “[...] a preocupação básica de uns e outros está no número elevado de comunicações apresentadas, que possam então a engordar os currículos de seus responsáveis, habilitando-os para alguma bolsa de pesquisa”.²⁸⁷ Ilustrando o que observa entre os corredores das faculdades, Costa Lima não mede palavras para demonstrar seu desprezo pelas práticas correntes, que têm prezado a quantidade e os números desenfreados em detrimento da qualidade das reflexões. A própria ampliação das vagas nos cursos gerou um efeito colateral que a própria estrutura universitária não consegue suportar, aumentando, segundo ele, a precariedade do sistema educacional brasileiro, que já carece de condições básicas para seu funcionamento (baixos salários, questionável qualificação profissional, aparatos físicos e metodológicos etc.). Para o crítico, só através de “um intercâmbio intenso com outros centros para que alunos e professores mais sagazes percebessem o aumento de desnível que se acentua”²⁸⁸ na universidade hoje. Como se viu, muitos, a exemplo de Antonio Candido e do próprio Costa Lima, buscaram sua formação fora da área de Letras, sobretudo nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais e Direito – o que parece sugerir que os cursos de Letras sempre estiveram aquém das reflexões que predominavam no terreno das ciências humanas e sociais. Questionado por Ivo Barbieri sobre o desencanto causado pelo atual panorama da vida intelectual brasileira, sem muitas perspectivas, o crítico aponta o declínio das Letras:

²⁸⁶ LIMA, Luiz Costa. *A metamorfose e o silêncio* (1974). Entrevista concedida a Vera Lins. BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 116.

²⁸⁷ Id. *Ibid.*, p. 117.

²⁸⁸ Id. *Ibid.*, p. 117.

Muitos raros são os alunos de interesse e compreensão aguçadas, (sic) ao passo que a maioria parece apenas marcar o passo. É claro não é de agora a falta de homogeneidade das turmas – e não suponho que isso seja um privilégio de Letras. Mas, se for correta a impressão, creio que ela venha assumindo níveis alarmantes nos últimos anos. Deste modo, as escolas superiores despejam a cada fim de ano centenas de novos professores que irão manter ou piorar o nível de ensino das escolas médias, com prejuízo sobretudo para as públicas. Dessas centenas, algumas dezenas se candidatam para os cursos de pós. Se os que foram excepcionais não se convencerem que há um melhor caminho para subir – tornarem-se amigos da administração, cavarem uma bolsa para o estrangeiro e/ou prepararem seu próprio concurso -, serão aves sempre raras, andorinhas em um horizonte descampado.²⁸⁹

Para Costa Lima, esta renovação teórico-reflexiva na universidade está associada, sobretudo, ao desenvolvimento dos estudos filosóficos nas ciências humanas,²⁹⁰ que, por sua vez, tem estado, cada vez mais, sob o domínio da interdisciplinaridade, misturando-se, em um mesmo caldo, pressupostos da antropologia, psicanálise, sociologia, história, linguística, dentre outros. A fragilidade intelectual dos quadros discente e docente é notada pelo crítico:

Não entendo como os currículos de Letras permanecem como estão. Não só não preparam bons pesquisadores ou futuros professores, como tampouco aproveitam a oportunidade de, a partir deles, criar equipes de seleção de obras para coleções, de preparação de textos e revisão de provas.²⁹¹

Aliam-se à grande quantidade de alunos e à ausência ou precariedade das condições para a atividade docente e das instalações, a exemplo do acervo das bibliotecas, os prazos burocráticos exigidos pela universidade para que os estudantes concluam seus trabalhos (inclusive dissertações e teses), bem como a prática rarefeita do intercâmbio com outras instituições nacionais e estrangeiras.²⁹² Mais que “maquiagem” e “embuste”, a universidade, para Costa Lima, carece de uma formação especializada, que prepare o profissional das letras tanto para a atividade acadêmica quanto para as mais variadas demandas da área, geralmente atendidas por outros profissionais, como a revisão, a tradução e a editoração, por exemplo. Entretanto, o que se observa, segundo o crítico, é que “as humanidades se tornam cada vez mais semelhantes a parques zoológicos, espaços habitados por animais de uma espécie em extinção”,²⁹³ metaforiza. O crítico, pelo tom, inclui-se entre eles. Luiz Costa Lima, além de

²⁸⁹ Id. *Ibid.*, p. 117-8.

²⁹⁰ Id. *Dispersa demanda* (1981). Entrevista concedida a Martha Alkimin. BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.161.

²⁹¹ Id. *O redemunho do horror* (2003). Entrevista concedida a João Adolfo Hansen. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.393

²⁹² LIMA, Luiz Costa. *Crescendo sem educação*. Prosa Online O Globo. 02 abr 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/04/02/crescendo-sem-educacao-por-luiz-costa-lima-372463.asp>>. Acesso em: 29 jun 2011.

²⁹³ LIMA, Luiz Costa. *Filosofia barata*. Folha de São Paulo, 19 de julho, domingo. Disponível em: <<http://universidadeparaquem.wordpress.com/2009/07/22/filosofia-barata/>>. Acesso em: 20 jul 2011.

publicar recorrentemente, mantém uma relação estreita com as universidades por onde passou, dentre as quais se destacam a Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde até hoje atua²⁹⁴.

O seu vínculo com a PUC-RJ é remoto e é um dos mais sólidos laços construídos com o ensino superior. Impossibilitado de continuar na cadeira de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Pernambuco por suas posições políticas e sua aposentadoria precoce pelo AI/1, como se viu, Luiz Costa Lima migra para o Rio de Janeiro, onde trabalha como revisor da Editora Vozes por algum tempo. Tendo frequentado, ainda em Recife, os cursos oferecidos pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, por intermédio de Paulo Freire e Gilberto Freyre, Costa Lima, por intervenção do Padre Ozanan, recebeu o convite para ser professor no Departamento de Sociologia da PUC, onde atuou por oito anos, tendo sido mestre de pessoas como Ricardo Benzaquen e Eduardo Viveiros de Castro, hoje colegas de profissão.²⁹⁵ Ressalte-se o fato de Costa Lima ter estudado em escola jesuíta e que tal experiência talvez possa ter facilitado a sua entrada em tal instituição.²⁹⁶ O fato é que o teórico soube aproveitar esse contato como um golpe de sorte para efetivar sua permanência na universidade, tanto no Departamento de Sociologia, como, depois, no de Letras e no de História. Durante esses 46 anos de atividade docente na PUC-RJ (de 1965 a 1998, como professor associado; de 1998 a 2010, como titular; e desde 2011, com um vínculo especial), Costa Lima desenvolveu projetos de pesquisa relacionados ao Departamento de História, dentre os quais: *História Transdisciplinar dos Conceitos, Os mecanismos do controle e a afirmação do romance (séculos XV a XVIII, nas literaturas das línguas italiana, espanhola, portuguesa, francesa e inglesa), Ensino, História Social da Cultura, A questão do moderno na história da Cultura Brasileira, O controle do imaginário e as formas da ficção*, além de uma atividade de extensão no Departamento de Sociologia. O primeiro, em andamento desde 2010 e contando apenas com a participação de estudantes da pós-graduação em História Social da Cultura, busca estudar a história a partir de uma visada interdisciplinar dos conceitos, relacionando história, ficção literária e crítica, bem como repensar a problemática da mimesis no discurso das ciências humanas – umas das suas principais obsessões teóricas.

²⁹⁴ PLATAFORMA LATTES. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4727147U0>>. Acesso em: 30 dez 2011.

²⁹⁵ LIMA, Luiz Costa. *Luiz Costa Lima: história, discurso, vida*. Entrevista concedida a Aline Magalhães Pinto, Laíse Helena Barbosa Araújo, Mannuella Luz de Oliveira Valinhas, Victor de Oliveira Pinto Coelho. Revista História da historiografia. Ouro preto: set de 2010. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/100>>. Acesso em jun 2010.

²⁹⁶ Como já se referiu, o ingresso de Luiz Costa Lima como docente na Faculdade de Sociologia da PUC-RJ talvez tenha sido facilitado pela intervenção de um religioso. Observe-se sua declaração em entrevista: “Eu havia sido aluno dos jesuítas no Recife. Talvez por isso, o padre Ozanan tenha me convidado para ser professor de sociologia.” Cf. LIMA, Luiz Costa. *Luiz Costa Lima: história, discurso, vida*.

Vinculado atualmente à linha Teoria e Historiografia, Luiz Costa Lima ministra disciplinas obrigatórias do Programa, as quais buscam enfatizar “a história da história, a história dos conceitos, e análises centradas em questões propriamente teóricas”.²⁹⁷ O recorrente trânsito entre literatura e história passa a ser fomentado mais sistematicamente nesse período, quando, entre as Faculdades de Letras e História, Costa Lima atua no processo de constituição da pós-graduação no país. Durante a década de 1970, alguns dos estudiosos que consolidaram sua carreira no exterior, retornam à universidade brasileira para atualizar as discussões nacionais, estruturando os cursos de pós-graduação segundo “padrões teóricos e metodológicos em vigor no cenário internacional”.²⁹⁸ Diferentemente do que acontecera na USP, que arquitetou sua pós-graduação a partir da contribuição de professores cujos trabalhos já haviam sido reconhecidos, a exemplo de Antonio Candido, na PUC-RJ, houve uma abertura a novas perspectivas, importadas inclusive. Segundo Rachel Esteves Lima,

abandonando a visão enciclopédica da cultura, que constituía a base do humanismo que inspirou a criação dos cursos superiores das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, o trabalho desenvolvido por Affonso Romano, Silviano Santiago e Luiz Costa Lima representa uma inovação no panorama intelectual da área da literatura, ao propor uma abordagem interdisciplinar que acaba por desestabilizar os conceitos de literariedade sobre os quais se sustentavam as análises do *new criticism*, do formalismo russo e da fenomenologia.²⁹⁹

Abrindo uma nova frente teórica e tecendo uma peculiar roupagem para a pós-graduação em letras, esta geração de professores, cada um a seu modo, introduz a PUC-RJ em uma produção multifacetada. Desse modo, agregando conhecimentos literários, lingüísticos, antropológicos e psicanalíticos, a visada estruturalista lévi-straussiana, defendida por Costa Lima, encontra possíveis divergências teóricas tanto na abordagem cultural de Silviano Santiago, bem como na perspectiva intertextual de Affonso Romano de Sant’Anna, os quais passam a coabitar em um mesmo terreno. Como se pode observar, é curioso pensar que Costa Lima participou de um momento de renovação teórica na universidade, em defesa de uma abordagem menos partidária da literatura – sendo, neste sentido, um pioneiro. Hoje, entretanto, com o advento de novas tendências teóricas e abordagens metodológicas, como ocorre com os Estudos Culturais, alguns dos estudiosos que marcaram as décadas de 1970 e 1980 colocam-se no lado oposto, em uma posição reacionária. O que leva a confundir a

²⁹⁷ PROGRAMA de pós-graduação em História Social da Cultura. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/proghis-info_linhas_pesq.html>. Acesso em 24 dez 2011.

²⁹⁸ LIMA, Rachel Esteves. A crítica literária na universidade brasileira. Tese de Doutorado. UFMG: Minas Gerais, 1997, p. 252.

²⁹⁹ Id. Ibid., p. 252.

interdisciplinaridade de antes com o “vale-tudo” ou “oba-oba” de agora? A existência de novas mídias, que democratizam, autonomizam e horizontalizam as vozes? A tão temida descida da literatura de sua torre de marfim ao terreno do vulgar? Contemporaneamente, novos sujeitos publicam e se autorizam como escritores de literatura ou como críticos de literatura – o que parece desagradar àqueles que, durante uma vida inteira, dedicaram seus maiores esforços em função da delimitação de um espaço.

Cabe um parêntesis para esclarecer o trânsito desse professor de História e de Letras. Questionado sobre a aproximação entre as duas áreas do saber e sua utilização nos seus trabalhos, o crítico retoma o período em que se deu tal diálogo, contextualizando duas de suas obras como fruto deste processo:

Em 1986, voltei para o Departamento de Letras da PUC-Rio. A pós-graduação, fundada sob a ditadura, em 1977, oferecia possibilidades de pesquisa em história da literatura, mas não em teoria, o que não abria espaço para minhas pesquisas. Ao mesmo tempo, estava sendo fundada a pós em história. Ricardo Benzaquen, ex-aluno e agora amigo, era um dos fundadores e me convidou para integrar o Departamento de História da PUC. Aceitei, pois, o convite de Ricardo para a recém-fundada pós-graduação no curso de história. *A aguarrás do tempo*, publicado em 1989, foi uma espécie de cartão de visitas para o curso de história. Assim como *História.Ficção.Literatura* (2006) é fruto desse convívio com os problemas historiográficos. A narrativa é o termo amplo que possibilita a coordenação entre os campos.³⁰⁰

No livro de entrevistas organizado por seu também ex-aluno Dau Bastos, Luiz Costa Lima vê-se, novamente, frente ao exercício autocrítico recorrente em suas reflexões e posicionamentos. Ao ser perguntado por Roberto Acízelo de Souza sobre como avalia, hoje, suas intervenções no processo de implantação da pós-graduação em Letras no país, em plena época da ditadura, o crítico busca, em uma passagem bastante clara, recompor o quadro. Costa Lima afirma ter participado do processo de estruturação e implantação da pós-graduação em Letras na PUC-RJ e na UERJ, da qual falaremos posteriormente. Atuando como professor de Teoria da Literatura, permaneceu nesse Departamento do início, 1970, até 1983, quando, por ocasião da aprovação no concurso, mudou-se para Universidade de Minnesota, onde viveu três anos de intensa produção. Voltando à PUC em 1986, depois de recusar a permanência para continuar sua carreira acadêmica no exterior por questões de ordem de interesse intelectual,³⁰¹ e sendo chamado por Benzaquen para participar da

³⁰⁰ LIMA, Luiz Costa. *Luiz Costa Lima: história, discurso, vida*.

³⁰¹ Se a transferência de seu parceiro intelectual Wlad Godzich para Montréal diminuiu suas chances para o ingresso no Departamento de Literatura Comparada, a redução ao Departamento de Espanhol e Português o desestimulou ainda mais a ficar em solo alemão. Entretanto, vale ressaltar que foi nesta época que Costa Lima produziu duas de suas mais proficuas pesquisas, *Sociedade e discurso ficcional* e *O fingidor e o censor*, hoje

implantação da pós-graduação em História, como se viu, Costa Lima, mais uma vez, provoca um mal-estar entre os pares:

Pelo visto, minha decisão de mudar de departamento foi recebida pelos ex-colegas de Letras como um ato de deserção ou sei lá o quê. A verdade é que, desde então, nunca fui chamado para coisa alguma na pós de Letras da PUC. E, quando há alguns anos, comemoraram não sei quantos anos, sequer fui avisado do evento. Mas essas pequenas intrigas não serão exclusividade de nosso país.³⁰²

Tal episódio acima descrito acabou por afastar Costa Lima da Faculdade de Letras da PUC, aproximando-o, por outro lado, das discussões no terreno da História – o que pode ter interferido na construção de uma visada diferenciada nas reflexões do autor sobre as questões relacionadas à literatura.

Já na UERJ, o crítico permaneceu de 1987 a 1994 como professor adjunto e de 1995 a 2007 como titular, depois de apresentar o referido *Vida e mimesis*, desenvolvendo projetos também relacionados à Teoria. Nessa instituição, com o apoio de alguns estudiosos, Costa Lima propõe-se a estabelecer uma frente teórica pautada na filosofia. Segundo ele,

aí estive a oportunidade de a pós da UERJ assumir um caráter de excepcionalidade entre os cursos de Letras, pelo menos do estado do Rio de Janeiro. Mas isso durou relativamente pouco tempo. Claro que havia a reação por parte dos professores e alunos. Porém, seu número não era suficiente para nos incomodar. Quando não mais tive a cooperação de Eric [Alliez] e perdi o apoio de Dirce [Cortes Riedel], que alguns anos depois se aposentavam, compreendi que a pós da UERJ tenderia ao rame-rame que já conhecia de meus últimos anos na pós de Letras da PUC, antes de ir para os Estados Unidos.³⁰³

Por fim, sua estada na UFF se deu sem maiores desdobramentos. Dentre o material levantado, apenas o Currículo Lattes fornece tal informação. Lá, Costa Lima também ensinou, como professor associado, Teoria da Literatura, entre os anos de 1973 a 1984 – período marcado por seu mergulho nas fontes da Estética da Recepção alemã e quando, como ele mesmo ressalta, constitui-se o molde de sua *persona* intelectual, entre 1976 e 1979, especificamente.³⁰⁴

Um outro acontecimento curioso que marca a atuação do crítico na universidade se deu entre os anos de 1967 e 1972, época de seu doutoramento, e diz respeito ao embaraço

revisadas e reunidas, juntamente com O controle do imaginário, na Trilogia do Controle. Cf. LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p. 49-50.

³⁰² LIMA, Luiz Costa. Estruturalismo e teoria da literatura (1973). Entrevista concedida a Roberto Acízelo de Souza. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.82.

³⁰³ Id. *Ibid.*, p.81.

³⁰⁴ LIMA, Luiz Costa. Esboço de uma autobiografia intelectual, p.41.

passado quando da crescente obrigatoriedade do curso de pós-graduação para quem pretendesse continuar atuando na vida acadêmica. Informado por seus alunos da existência do mestrado em literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Costa Lima, na tentativa de instrumentalizar-se formalmente, busca a pós-graduação dessa instituição. Como ele mesmo parece sugerir em muitos de seus depoimentos, seu percurso acadêmico sempre andou no limiar do azar e da sorte:

Fui surpreendido pela informação oficiosa de que minha posição política e minha aposentadoria me impediam de ser aceito. (Na verdade, as palavras que me transmitiram eram bastante mais duras: que só ali entraria “passando por cima do cadáver” da autoridade que se pronunciava). Embora a decisão não tivesse amparo legal, era evidentemente desaconselhável recorrer a uma medida judiciária. Aqui entra a boa estrela.³⁰⁵

A continuação deste golpe do acaso já nos é familiar. Facilitado pela filha de Antonio Candido, o contato entre o então estruturalista Costa Lima e o sociólogo possibilita a continuação de sua formação acadêmica na USP, numa relação antes de respeito que de cordialidade entre as partes. A orientação apenas formal, as divergências teóricas declaradas e as trocas intelectuais atestam a existência de um gesto crítico nesta relação. Observe-se o depoimento de Costa Lima que exemplificaria a opção pela generosidade intelectual:

Hoje já acho graça, mas até pouco tempo me deixava muito aborrecido saber que, para muitos colegas, eu seria “inimigo” de Antonio Candido porque nem sempre concordo com ele. Inimigo logo de Candido, a quem devo a possibilidade de poder ter feito meu doutorado, isto é, de poder sobreviver como professor?!³⁰⁶

Não obstante este esclarecimento a respeito de sua relação com seu ex-orientador, Luiz Costa Lima deixa transparecer certo mal-estar em seu diálogo com outro renomado crítico brasileiro: Roberto Schwarz, que, como vimos, envolve-se na polêmica estruturalista, sobretudo com a publicação de seus “19 princípios para a crítica literária”. Ainda assim, Costa Lima marca sua posição frente a tais desentendimentos, em entrevista concedida a Marília Librandi Rocha. Observe-se seu depoimento: “apesar, portanto, de nossa discordância frontal, nunca escondi, tampouco o faço agora, que considero a obra de Roberto Schwarz algo digno de se ter em conta. Um adversário de qualidade nunca é desprezível”.³⁰⁷ Trata-se, pois de um oponente que parece não duelar com as mesmas armas. Questionado por Danielle Corpas

³⁰⁵ Id. *Ibid.*, p.34.

³⁰⁶ Id. O controle do imaginário & a afirmação do romance (2009). Entrevista concedida a Dau Bastos. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.393.

³⁰⁷ Id. *Intervenções* (2002). Entrevista concedida a Marília Librandi Rocha. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.320.

sobre seu diálogo com o trabalho de Schwarz, Costa Lima, apesar de ressaltar a sua divergência em termos de concepções literárias e abordagens teóricas, enxerga no crítico das ideias fora do lugar “uma contribuição de qualidade”, sendo indicado àqueles “interessados em aprender a pensar”. Entretanto, deixa claro o mal-estar entre ambos: “[...] como diálogo supõe a iniciativa de duas partes, não creio que, em nosso caso, se possa falar em diálogo, pois, de sua parte, o *reconhecimento com discordância* se converte em *silêncio hostil*”.³⁰⁸

Conforme se nota, a partir dos episódios observados, a atuação de Luiz Costa Lima no campo literário brasileiro não se faz sem ruídos. Além da referida ilegibilidade de seus escritos,³⁰⁹ dos freqüentes “retornos autoexplicativos” e de “suas reiteradas figurações (em prefácios, posfácios ou digressões ao leitor) de unidade do próprio projeto teórico”,³¹⁰ suas intervenções cortantes, sua ironia marcada, suas insinuações metafóricas, sua *performance* enquanto intelectual e suas posições bem delimitadas contribuem para a construção de uma figura peculiar no cenário da crítica brasileira. A recepção não apenas das ideias, mas também da atuação de um sujeito como este por parte dos pares, não poderia deixar de ser notada. Um pouco vítima e um pouco herói, Luiz Costa Lima acaba por construir uma imagem esquizofrênica de si, como se observa em depoimento em que faz uma autorreflexão sobre sua importância no cenário intelectual: “é natural que me vejam – quando me vêem – como alguém cuja leitura pode ser dispensada. Se pode de fato sê-lo, eu mesmo não sei”.³¹¹

A formação de uma *persona* intelectual

As figuras do professor e do crítico, em um primeiro momento, são mais fáceis de identificar do que a de um intelectual. Preto no branco, o papel de um docente é, ao menos teoricamente, ensinar e educar. Ensinar os conteúdos curriculares, dialogando, na medida do possível, com as demandas sócio-culturais e, inclusive, funcionais dos estudantes. Educar através da instituição de gostos, olhares, comportamentos, reflexões. O crítico, como se viu, ao longo dos anos, apresentou-se de maneira heterogênea, a partir de seus diversos perfis (cronista, especialista, teórico, midiático, etc.). Sua matéria, entretanto, é refletir sobre o

³⁰⁸ Id. A aguarrás do tempo (1989). Entrevista concedida a Danielle Corpas. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.195.

³⁰⁹ GODZICH, Wlad. A ilegibilidade de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*, p.347.

³¹⁰ SÜSSEKIND, Flora. A via negativa de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*, p.109.

³¹¹ LIMA, Luiz Costa. Trilogia do controle (1984, 1986, 1988). Entrevista concedida a Hans Ulrich Gumbrecht. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 180.

estatuto do literário. Muito embora outras discussões estejam amarradas a esta – como, por exemplo, a configuração de um lócus enunciativo, a construção de um espaço de poder e de circulação de bens simbólicos, de quem está ou não autorizado a falar de literatura –, pensar sobre a literatura é a frente prioritária da crítica literária. Em ambos, professor e crítico, independentemente dos manuais, dos livros didáticos, das exigências curriculares e protocolares da instituição, a subjetividade impera. Professor e crítico são sujeitos dotados de bagagem sócio-político-cultural e preferências que integram sua formação. Há, entretanto, uma diferença. O professor, na maioria dos casos, advém de um curso superior, sobretudo das licenciaturas, tendo uma formação especializada na área de atuação profissional. Já o crítico, no Brasil, não é uma profissão em si. Isto é: não há um curso, uma escola que se destine a formar críticos profissionais. Também é um desafio viver apenas de “crítica” em um país que privilegia as áreas exatas e de saúde em detrimento das humanidades, das artes e das letras. Essa figura, a princípio, sem uma formação específica, vai se constituindo e se legitimando no campo a partir, sobretudo, de suas intervenções e publicações recorrentes. Vai-se tornando professor e crítico, escritor e crítico, jornalista e crítico. Ou seja, o traço crítico suplementa o perfil de um sujeito, profissional ou amador, interessado em determinada área. E como pensar, então, na figura do intelectual? A quem chamamos intelectual contemporaneamente? A um professor? A um crítico? A um escritor? A um acadêmico? A um artista? Uma coisa acredito indubitável: se ser intelectual independe de profissão ou formação, ao mesmo tempo, ser intelectual diz respeito a um tipo de postura que se assume dentro de uma esfera profissional. Ao pretender construir este trabalho como uma espécie de biografia profissional de Luiz Costa Lima, previamente supus que, além de professor, teórico, ensaísta e crítico, ele é um intelectual. Com exceção do último, não é muito difícil delinear suas atividades: as publicações e as aulas atestam-nas. Entretanto, como avaliar o percurso intelectual de um sujeito? A partir de que parâmetros podemos classificar este ou aquele indivíduo como um intelectual? Quais as características e competências deste sujeito? Quem o legitima? Destarte, ecoa um paradoxo, suscitado, inclusive, a partir das próprias incursões teóricas de Costa Lima: existirá sujeito intelectual em um país destituído de um sistema intelectual? A ausência de uma *intelligentsia* brasileira (aliada à repetição acrítica das ideias importadas), a associação do intelectual às funções política e pedagógica, o parco interesse pelo debate filosófico³¹² impediriam, segundo ele, o florescimento do sistema. Costa Lima não se contenta em apontar o que julga de precário nesse cenário, mas também apresenta características que julga como fundamentais para sua constituição. Segundo ele,

³¹² LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 352.

Próprio de um sistema dessa ordem – i.é., que se integra em um sistema social geral – é conter uma escala de valores próprios, daí possuir um critério específico de legitimação. Isso significa dizer, para que exista um sistema intelectual – rigorosamente, seria mais correto falar-se em subsistema – é preciso que a sociedade reconheça em seus membros “sinais” particulares, i.é., um critério de produtividade diverso do que se exige dos incluídos noutros centros de produção; um princípio de lealdade distinto do vigente entre os membros, por exemplo, de uma sociedade religiosa, esportiva ou de um agrupamento político. [...] Não havendo, ademais, solidariedade entre membros do que seria um mesmo subsistema, os intelectuais passam a se identificar por traços tomados de empréstimo de outros subsistemas e/ou apreendidos por comparação com sociedades que possuam um efetivo subsistema intelectual [o europeu].³¹³

É curioso notar que, ao passo que Costa Lima se ressentia da inexistência de um centro próprio de decisões, ele mesmo apoia a maioria de seus escritos em referências importadas, sobretudo relacionadas ao terreno da filosofia (o que, obviamente, não descarta ou diminui sua preocupação com a reflexão nacional, recorrente em ensaios, livros e críticas). Tome-se como exemplo uma de suas principais obras, a *Trilogia*, em que discute, dentre outros pontos, o processo de formação do controle do imaginário e do discurso ficcional a partir de três vieses: o da Europa, o da América Latina e o do Brasil, utilizando-se, para tanto, de uma perspectiva diacrônica e uma leitura comparativa.

Em sua *Trilogia do Controle*, Costa Lima dedica um capítulo à análise da problemática intelectual latino-americana. Segundo o autor, enquanto que, no Brasil, revela-se “um pouco antes uma produção intelectual mais ativa”,³¹⁴ apenas com as lutas pela independência começa a surgir uma afirmação intelectual na América Hispânica. Entretanto, a intelectualidade brasileira passa a se delinear através das vias político-estatais para a formação da nacionalidade. Muitos dos escritores e dos críticos, como vimos, elaboravam seus escritos críticos e literários em defesa do mote nacional – o que, para Costa Lima, não é função destes discursos, pois, segundo ele, “o critério de nacionalidade é de extrema validade no campo político, mas um desastre no campo da cultura”.³¹⁵ Tendo em vista o drama do intelectual brasileiro, qual seria, então, o seu papel?

Para o autor, o ideal de intelectual, ainda que não o assumia publicamente, tem a ver com a postura por ele construída. Ele não participa de conchavos ou de “rodinhas de amigos”, não desenvolve “almofadas nas relações pessoais ou institucionais”, muito menos cultiva, para manter a cordialidade, “palavras gentis da boa convivência”.³¹⁶ Ele, independentemente

³¹³ Id. Ibid., p. 338.

³¹⁴ Id. Ibid., p. 326.

³¹⁵ LIMA, Luiz Costa. Pensando nos trópicos (1991). Entrevista concedida a Rodrigo Labriola. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 205.

³¹⁶ Id. Intervenções (2002). Entrevista concedida a Marília Librandi Rocha, p. 316.

das condições oferecidas pela universidade e pela sociedade para o exercício de seu ofício, destina-se “a errar/pensar/errar/pensar por conta própria”.³¹⁷ Entretanto, como se nota no comportamento do homem de letras no Brasil, em certa medida, “ele deverá ser um homem cordial; caso contrário, corre o sério risco de ser excluído dos círculos de amizade que costumam assegurar visibilidade no sistema intelectual”.³¹⁸

Questionado por Marília Librandi sobre a maneira como interpreta suas intervenções no panorama crítico do Brasil e do exterior, Costa Lima, considerando sua modesta participação no debate internacional (através da participação em eventos, premiações, tradução de alguns livros, contatos e amigos feitos), não deixa de reiterar a ineficiência do sistema intelectual no País, que aparenta prescindir de seus intelectuais:

No Brasil, não teria a desculpa de que tenha intervindo pouco. Como, no entanto, não temos o hábito do debate aberto, fora a represália política com que o golpe militar cedo me aquinhoou, tenho conhecido alguns xingamentos, palmadinhas nas costas e piadas, simpáticas ou hostis. Debate de ideias? Nem falar.³¹⁹

Acreditando ocupar uma incipiente “terceira margem” no cenário, como sugeriu Marília Librandi, Costa Lima aposta numa terceira via para o exercício profícuo da crítica literária. Isto é, uma crítica que seja imbuída de fundamentos teóricos, metodológicos, rigor argumentativo, atenta aos deslocamentos e dissidências da questão da mimesis e que, sobretudo, supere ou, ao menos, conviva com duas outras tendências: a crítica literária “artística”, voltada para uma concepção beletrista da literatura, e a abordagem mais sociológica, que, hoje, abriga uma pluralidade de vertentes – multiplicidade de perspectivas teóricas que o levam a caracterizar o atual momento como um “vale-tudo”, como se viu. Admitindo modestamente a instituição de uma nova via, Costa Lima revela o segredo de sua produção: a maturidade adquirida com os anos idos e o fôlego de quem sempre está por começar.

Suponho que a “terceira via” apenas se constitui. Sei que ela é tão pequena que seus participantes cabem na contagem dos dedos. Parece-me ser formada por pessoas que não se reconhecem nas linhas hoje dominantes – o sociologismo uspiano, o “desconstrucionismo” derridiano, o culturalismo polimorfo que grassa um pouco por toda parte – e que, portanto, ou são malvistas no interior dos grupos dominantes em seus departamentos ou são professores que ingressaram há pouco no ensino universitário. Não sei se dificultará a identificação dessa “terceira margem” que eu não tenha a mínima

³¹⁷ Id. *Pensando nos trópicos* (1991). Entrevista concedida a Rodrigo Labriola, p. 226.

³¹⁸ ROCHA, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial*; ensaios e revisões. Rio de Janeiro: Museu da República, 2004, p.37.

³¹⁹ LIMA, Luiz Costa. *Intervenções* (2002). Entrevista concedida a Marília Librandi Rocha, p. 315.

pretensão de fazer escola. Como já disse, embora me saiba velho, continuo a me ver, intelectualmente, como um principiante. E principiantes não devem fazer escola.³²⁰

Pesquisando a si e ao mundo,³²¹ como ressaltaria Sartre como prática imprescindível ao exercício intelectual, nos incessantes enlaces autocríticos, Costa Lima procura compreender não apenas as problemáticas referentes à literatura e à crítica, como também busca analisar o campo e como vem se inserindo nestas discussões. Como já se pôde notar através dos depoimentos levantados, uma das recorrentes críticas de Costa Lima ao campo intelectual diz respeito à maneira como os limites entre as esferas pública e privada são mal estabelecidos no país. Os diálogos entre os sujeitos, pautados antes nas relações de afeto e de favor, encontram na cordialidade uma barreira para o desenvolvimento de uma reflexão sem amarras. Por outro lado, para o mal ou para o bem, foi justamente uma série de manifestações “cordiais”, decorrentes da ação de amigos, que possibilitaram o crítico a continuar seus estudos e sua vida acadêmica. Lembremos alguns dos acontecimentos: foi através da intervenção de Paulo Freire e Gilberto Freyre que Costa Lima passou a frequentar o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; a direção da *Revista de Estudos Universitários* se deve, em parte, ao laço forjado entre Costa Lima e Paulo Freire, que conviviam no mesmo bairro e mantinham uma declarada relação afetiva; foi o contato com o marechal Oswaldo Cordeiro de Farias que possibilitou a liberação de seu passaporte, o qual havia sido cassado pelo AI-1, permitindo sua viagem ao exterior; foi graças ao intermédio de um jesuíta (Pe. Ozanan) que o professor passou, em tempos de crise, a atuar na PUC-RJ como professor de Sociologia; o trabalho como editor na Editora Vozes pode ter facilitado a publicação de alguns de seus livros; e, por fim, foi devido ao contato com Ana Luísa Escorel que se deu aproximação do crítico com Antonio Candido. Não obstante, aparentemente, as relações de amizade não parecem ter impedido Costa Lima de trilhar o seu caminho na autonomia a que sempre se refere. Exemplo disto é a crítica que faz à obra de seu ex-orientador no livro de homenagens *Dentro do texto, dentro da vida* (1992), na qual o autor também fez questão de discordar do sentido elegíaco adotado por seus pares no que se refere à apreciação da obra do crítico mineiro.

A problemática da cordialidade consta como um tema que, volta e meia, reaparece no cenário intelectual para ser discutido. Como se sabe, Sérgio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*, dedica um capítulo à análise do “homem cordial” em nosso país, analisando a

³²⁰ Id. *Ibid.*, p. 318.

³²¹ SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. de Sergio Goes de Paula. São Paulo: Editora Ática, 1994 (1965), p. 33.

forma como este é formado através da tensão entre público e privado. O núcleo familiar ultrapassa os limites do lar e espalha sua configuração pelas demais instituições, inclusive públicas, haja vista que “as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós”.³²² O homem cordial, que emerge do modelo patriarcal, é avesso aos rituais polidos, sendo dotado de manha, docilidade, hospitalidade, emoção e intimidade exacerbadas, particularidades essas que se reproduzem entre os sujeitos, sobretudo nas microestruturas onde as relações de poder ocorrem de uma maneira mais discreta, como na escola, na igreja, no trabalho, no lazer, na família etc. A cordialidade, fruto da indistinção entre as ordens particular e pública, atravessa o campo intelectual. Para além da mera acusação da cordialidade como algoz do atual estado de coisas, é preciso considerá-la como “parte constitutiva de *nossos* hábitos cotidianos”,³²³ como marca constitutiva de nossa formação sociocultural. A superação de um modelo cumpre etapas, e uma delas é a conscientização de sua condição. Ademais, a cordialidade não é um fenômeno recente: ela permanece arraigada na cultura brasileira desde a colônia e a falsa abolição da escravatura, passando pelo sistema do proletariado industrial até os dias atuais. Então, “mais fecundo é compreendê-la como estratégia de sobrevivência adotada numa sociedade cuja esfera pública sempre se mostrou instável; afinal, o Estado tem sido menos expressão da coletividade do que instrumento de grupos privados”.³²⁴ Contrapondo a concepção de mestiçagem difundida por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, na qual haveria uma suposta horizontalização das diferenças entre brancos e negros, senhores e escravos, a tese de Sérgio Buarque põe em evidência os melindres das relações mal definidas em um país cujo histórico agrega as dissidências do patriarcalismo, da colonização e da escravatura. Segundo Luiz Costa Lima, a cordialidade só contribuiu para a

indistinção entre a linguagem impessoal, polida, *própria a um espaço público*, e a uma linguagem pessoalizada, que estivesse reservada ao espaço das relações privadas. Assim compreendido, o conceito de cordialidade nada tinha a ver com uma compreensão *essencialista* ou ufanista do brasileiro. Seríamos cordiais por uma formação sociopsicológica inadequada à idade da burguesia.³²⁵

Tais questões parecem também ecoar no campo intelectual brasileiro. Como vimos, o tom rançoso das críticas e das polêmicas atestam a maneira como a lógica familiar se expande para o feixe de relações travadas na esfera profissional. E seus agentes, a todo instante, têm de

³²² HOLLANDA, Sérgio Buarque. O homem cordial. In.: _____. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 146.

³²³ ROCHA, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial*; ensaios e revisões, p. 47.

³²⁴ Id. *Ibid.*, p. 37.

³²⁵ LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle*, p. 321.

lidar com isso. Os recentes imperativos que cercam o campo intelectual, a exemplo das novas mídias e de formas de circulação dos bens simbólicos, renovam o meta-discurso crítico e as práticas erigidas em torno do saber. E esta renovação causa, no mínimo, um deslocamento nas práticas que dominam o campo. Cabe ressaltar que, a partir de um recorte interessado, limito o campo intelectual à esfera da universidade, sobretudo ao curso de Letras, limitando-o à crítica literária. Não obstante, o exercício intelectual excede os limites acadêmicos, até porque, a meu ver, ter uma vida acadêmica não significa, necessariamente, ter e exercer uma vida intelectual. Então, como distinguir um intelectual entre os demais? Como saber se “os intelectuais formam um grupo de pessoas muito grande ou extremamente pequeno e altamente selecionado?”³²⁶

Segundo Edward Said, há duas posições básicas que discutem o mote do intelectual. Uma é a de Julien Benda, que escreveu, em 1927, na França, *A traição dos intelectuais*, livro no qual o autor critica o abandono da vocação e dos princípios norteadores da *intelligentsia*, a verdade e a justiça, pelas “paixões políticas”,³²⁷ às quais estavam, em fins do século XIX, vinculando-se os intelectuais da época. Para Benda, os intelectuais não eram homens comuns, eles formavam um grupo seleto de artistas, religiosos, literatos, cientistas e filósofos comprometidos com o senso moral, “aqueles cuja atividade, por essência, não persegue fins práticos, e que, obtendo sua alegria do exercício da arte ou da ciência ou da especulação metafísica, em suma, da posse de um bem não temporal, dizem de certa maneira: ‘Meu reino não é deste mundo’”.³²⁸ Sujeito à parte e avesso às paixões coletivas que o tiram de seu propósito, o intelectual ideal de Julian Benda é autônomo e luta em defesa da moral. Por isso, ceder às paixões das demais ordens (política, nacional, racial), bem como aos interesses de classe, ao sentimento das massas, ao sectarismo etc., constitui uma *traição*. Aos olhos de Benda, o intelectual moderno rompe com sua função à medida que desocupa o posto de porta-voz da Verdade e permite “que o leigo desça sozinho à praça pública”.³²⁹ Nesse sentido, conforme define Benda,

os verdadeiros intelectuais devem correr o risco de ser queimados na fogueira, crucificados ou condenados ao ostracismo. São personagens simbólicos, marcados por sua distância obstinada em relação a problemas práticos. Por isso, não podem ser numerosos, nem desenvolver-se de modo rotineiro. Têm de ser indivíduos completos, dotados de personalidade poderosa e, sobretudo, têm de estar num estado de quase permanente oposição ao status quo. Por todas essas

³²⁶ SAID, Edward W. Representações do intelectual. In: *Representações do intelectual*; As Conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia da Letras, 2005 [1994], p.19.

³²⁷ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007, p.119.

³²⁸ Id. Ibid., p.144.

³²⁹ Id. Ibid., p. 145.

razões, os intelectuais de Benda formam inevitavelmente um grupo pequeno e altamente visível de homens – ele nunca inclui mulheres –, cujas vozes tonantes e imprecações indelicadas são vociferadas das alturas à humanidade.³³⁰

Numa outra via, há as considerações de Antonio Gramsci, que dividiu em duas as possibilidades de um sujeito para o desempenho da atividade intelectual. Tendo sido capturado pelo governo de Mussolini, entre os anos de 1926 e 1937, o filósofo italiano publicou, em *Cadernos do cárcere*, que todos os homens são intelectuais em potencial, embora nem todos exerçam tal função na sociedade. Entre os que a exercem, há dois tipos: os intelectuais tradicionais, que costumam reafirmar a tradição, através de suas práticas (os professores e clérigos aparecem como exemplos em destaque); e os intelectuais orgânicos que, ligados a classes ou empresas, fazem-no intencionalmente no intuito de obter mais poder. Ou seja, diferentemente do sentido metafísico para a função intelectual forjada por Julien Benda, “Gramsci acreditava que os intelectuais orgânicos estão ativamente envolvidos na sociedade; isto é, eles lutam constantemente para mudar mentalidades e expandir mercados”.³³¹ Contemporaneamente, quaisquer profissionais que trabalham com a produção e circulação de saberes são, segundo Said, considerados intelectuais orgânicos. E eles (editores, autores, críticos, dentre inúmeros outros) se utilizam de um código especializado para o exercício intelectual, muitas vezes, incompreensível para quem está fora da esfera onde eles atuam.

Posicionando-se mais favorável à tese gramsciana, Edward Said define seu ideal de intelectual, ao afirmar que este é

um indivíduo de papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses. A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, uma filosofia ou opinião para (e também por) um público.³³²

Isto implica levantar temas referentes ao próprio campo de atuação, aos procedimentos e conceitos operatórios, refletir sobre as teorias, confrontando-as mais do que meramente as reproduzindo, dialogar com as estruturas (estado, aparelhos ideológicos, instituições etc.) sem ser por elas cooptado. O intelectual, para Said, deve provocar tensões, desconfortos e deslocamentos; ele deve ser, num misto de comprometimento, risco, ousadia e

³³⁰ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*, p.22.

³³¹ Id. *Ibid.*, p.20.

³³² Id. *Ibid.*, p.25.

vulnerabilidade, competente na arte de representar³³³ e na expressão de suas ideias e do idioma.³³⁴ Para ele, o intelectual contemporâneo remete à concepção do sociólogo americano C. Wright Mills, o qual defende a existência de um sujeito autônomo, dotado de uma visão social apaixonada e uma capacidade notável de expressar suas ideias numa prosa clara e envolvente. Nessa perspectiva, o crítico árabe concebe a atitude intelectual como “uma atividade em si”,³³⁵ que exige, além de ceticismo, comprometimento, racionalidade, o exercício do juízo moral. É, pois, um compromisso firmado com sua ocupação, uma postura tomada frente ao campo profissional e à sociedade.

Diferentemente do que assinalara Julien Benda, quando afirmava que o reino dos intelectuais era de outra natureza, para Said, “os intelectuais *pertencem* ao seu tempo”.³³⁶ E isto porque estes sujeitos habitam uma sociedade massificada, regida, atualmente, pela indústria cultural e pelas TIC’s (Tecnologias de Informação e Comunicação), vinculando-se, muitas vezes, às causas minoritárias ou às “paixões políticas”, como diria Benda. O envolvimento com as lutas sociais – como as questões relacionadas aos negros, às mulheres, aos indígenas, aos marginais, aos gays, dentre outras –, e seu diálogo com as produções acadêmicas (a exemplo da forma como trabalham os pesquisadores vinculados aos Estudos Culturais) parecem ilustrar a premissa do autor. É neste ponto que as motivações pessoais, ideologias e credos se encontram com o universo teórico. O intelectual, como todo e qualquer ser humano, transpõe para sua ocupação a sua bagagem sociocultural, imprimindo em sua obra um pouco de si, daquilo que acredita valer a pena reivindicar (seja uma luta estética, filosófica, moral, metafísica ou política). Como afirmara Stuart Hall, o homem assim-chamado pós-moderno é fragmentário, logo, reúne em um suposto “eu”, inúmeras identificações, que são móveis, maleáveis, circunstanciais e suplementares, haja vista que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.³³⁷ Talvez habite neste ponto a dificuldade em separar o que é de ordem particular e o que é de ordem pública: as personagens coabitam o mesmo sujeito e interagem a todo instante. Recorde-se o slogan do movimento feminista: “o pessoal é político” (logo, torna-se uma reivindicação pública), em que há o questionamento das antinomias privado/público, individual/coletivo, reforçadas pela

³³³ Id. *Ibid.*, p.27.

³³⁴ Id. *Ibid.*, p.33.

³³⁵ Id. *Ibid.*, p.33.

³³⁶ Id. *Ibid.*, p.34.

³³⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadue da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, s/p. Disponível em: <www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc>. Acesso em: 6 out 2011.

lógica burguesa e liberal, bem como a politização das questões individuais. A citação de Edward Said é bastante ilustrativa, mesmo por seu caráter autorreflexivo:

Como intelectual, apresento minhas preocupações a um público ou auditório, mas o que está em jogo não é apenas o modo como eu as articulo, mas também o que eu mesmo represento, como alguém que está tentando expressar a causa da liberdade e da justiça. Falo ou escrevo essas coisas porque, depois de muita reflexão, acredito nelas; e também quero persuadir outras pessoas a assimilar esse ponto de vista. Daí o fato de existir essa mistura muito complicada entre os mundos privado e público, minha própria história, meus valores, escritos e posições que provêm, por um lado, de minhas experiências e, por outro, a maneira como se inserem no mundo social em que as pessoas debatem e tomam posições sobre a guerra, a liberdade e a justiça. Não existe algo como o intelectual privado, pois, a partir do momento em que as palavras são escritas e publicadas, ingressamos no mundo público. Tampouco existe *somente* um intelectual público, alguém que atua apenas como uma figura de proa, porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito. O que o intelectual menos deveria fazer é atuar para que seu público se sinta bem: o importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável.³³⁸

O fim dessa citação nos remete a uma passagem de uma entrevista concedida por Costa Lima, na qual se reafirma o lugar que ele assume em sua profissão e se reitera a distinção que deve prevalecer entre o público e o privado, bem como o estabelecimento de uma personagem para o exercício de determinada atividade: “[...] a persona do crítico não é a do amigo, mesmo quando a amizade o ligue ao autor que analisa”.³³⁹ A expressão do eu, oriunda do domínio do particular, é inerente a qualquer produção humana, por mais que se pretenda, ingenuamente, silenciá-la, a exemplo do que se propaga em determinados discursos (como o jornalístico e o científico). Como vimos, o próprio Costa Lima, que é declaradamente avesso ao caráter personalista, admitiu o fato de não se poder escapar sempre desta armadilha.

Optou-se, aqui, por considerar que o que faz de um sujeito um intelectual é a postura que ele adota dentro do campo a partir de suas intervenções. Mas, como indagaria Jérôme Meizoz, “o que se entende por postura?”.³⁴⁰ Simulando uma conversa entre um pesquisador e um “curioso”, o autor, discutindo questões como a autobiografia e a auto-ficção, considera a literatura como um discurso e leva em conta que “os atos enunciativos e institucionais complexos pelos quais uma voz e uma figura se fazem reconhecer dentro do campo

³³⁸ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*, p.26-7.

³³⁹ LIMA, Luiz Costa. *Intervenções* (2002). Entrevista concedida a Marília Librandi Rocha, p. 316.

³⁴⁰ O título original é “Qu’entend-on par posture?”, sendo a tradução para o português de responsabilidade da autora.

literário”³⁴¹ possibilitam a definição de uma postura. A noção de postura diz respeito à ocupação de uma posição: ela agrega fatores relacionados à trajetória de um autor e seus posicionamentos na esfera da qual é membro. É uma espécie de perfil ou, como acentua Meizoz, uma identidade literária construída pelo próprio autor, reiterada, por sua vez, pelos veículos midiáticos e, acrescentaria eu, inclusive, pelo boca-a-boca que acontece nos bastidores das instituições. No caso de Luiz Costa Lima, por exemplo, são recorrentes os depoimentos de alunos e professores que reafirmam sua imagem diferenciada. A ironia, o tom cortante e preciso, o volume das reflexões teóricas e a propriedade dos argumentos propostos, o rigor com que avalia os trabalhos, além da ritualística que parece envolver suas aulas e participações são alguns dos traços que ajudam a constituir e a reiterar este perfil sisudo.

Na tentativa de ilustrar a maneira como Costa Lima reitera a imagem que circula nos bastidores acadêmicos – a de um sujeito pouco amigável –, cito alguns eventos peculiares e, até, engraçados. Certa vez, durante uma conversa sobre a dissertação com uma professora que cursara uma disciplina na pós-graduação na UERJ com Costa Lima, ela disse, com um riso curioso, que o professor, ao chegar na sala, acendia seu cachimbo, no qual, entre uma explanação e outra, entre fumaças e olhares intrigados, dava tragadas consideráveis, que só terminariam ao findar a aula. Como uma espécie de ritual que abria as explicações do professor, o acendimento do cachimbo simbolizaria o início dos ensinamentos aos jovens aprendizes. Outro depoimento, também revelado a mim por um professor que fizera um curso com Costa Lima, diz respeito ao modo como ele elege os conteúdos a serem estudados. Segundo o relato, se as aulas começavam com 20 estudantes, aos poucos, ficavam reduzidas aos poucos sobreviventes, que suportavam o “peso” e a “complexidade” das aulas do professor. O teor “elevado” das discussões, a falta de intimidade dos alunos com a abordagem filosófica, o desinteresse pelas questões teóricas, como o próprio Costa Lima destaca, seriam os motivos do abandono.

Observe-se, também, além de suas já referidas fotos que circulam na internet, outra *performance*, a qual presenciei. Confesso que, diante de tantos depoimentos acerca do seu caráter antissocial e dos recorrentes comentários e interjeições quando comentava sobre meu objeto de pesquisa, tive a curiosidade despertada. Durante a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo-RS, em agosto de 2011, realizou-se a mesa redonda “Identidade, literatura e cultura na globalização” com escritores e críticos nacionais e estrangeiros, dentre os quais participaram nomes como Gonçalo Tavares,³⁴² Nilson Luiz May,³⁴³ Tatiana Salem Levy,³⁴⁴

³⁴¹ MEIZOZ, Jérôme. Introduction. In: *Postures littéraires; mises en scène modernes de l’auteur*. Genève: Slatkine Érudition, 2007, p. 11.

³⁴² Prêmio Fernando Namora/Casino do Estoril, Melhor Livro de Ficção 2011, com *Uma viagem à Índia*.

Arthur Martins Cecim,³⁴⁵ Maria Esther Maciel,³⁴⁶ e nosso autor. Vale ressaltar que, dentre eles, apenas o último é declaradamente destituído da função escritor, assumindo-se como teórico e crítico do discurso ficcional – o que o distancia dos demais. Costa Lima mostrava-se impaciente com os argumentos que pareciam destoar dos seus. Inclina-se de braços cruzados na cadeira enquanto ouvia os demais, emitia muxoxos, franzia a testa, sorria ironicamente, balançava a cabeça como quem desaprova algum argumento. Até em alto e bom som, Costa Lima fez questão de corrigir a pronúncia abrasileirada de “Walter Benjamin” emitida por um dos jovens escritores, que falava narcisicamente de sua publicação, revelando as “facetas” e os “caminhos” que percorreu. Tive uma pequena amostra da distribuição gratuita de franqueza – que, a muitos, soa como antipatia, prepotência ou arrogância. A mim, pareceu mais uma demonstração de impaciência por parte de um estudioso experiente para com posições e argumentos dos quais ele discorda e de que está saturado. Inclusive, ao final do evento, aproximei-me para me apresentar, cumprimentá-lo e falar sobre o trabalho que estava desenvolvendo. Apesar de não descer do palanque nem me convidar para subir até ele, traindo a imagem ranzinza e difícil, mostrou-se bastante acessível, fornecendo-me, com um sorriso simpático, o seu e-mail para que eu lhe enviasse as perguntas que fiz durante o debate e que não foram lidas. Os questionamentos que construí não tinham diretamente a ver com o tema em questão, eram mais provocações que me seriam úteis na argumentação de minha pesquisa e giravam em torno de sua visão, hoje, acerca da Teoria da Literatura frente às novas tendências teóricas, como os Estudos Culturais e procuravam também verificar se ele acreditava que a crítica literária estaria, de fato, perdendo o terreno para a crítica cultural. Como as perguntas eram retóricas e eu já chegava a possíveis respostas a partir da leitura de seus textos mais recentes, desisti da empreitada. Penso que toda renovação causa certo receio, sobretudo na ala tradicional, onde situo o crítico. A renovação pressupõe perda de espaço, substituição de interesses, atenção a novas demandas. E, até onde sei, nenhum pesquisador quer deixar de defender e/ou divulgar aquilo que acredita, na tentativa de ampliar as discussões e aumentar seu público. Por isso, penso que a insistente preocupação de Luiz Costa Lima com os Estudos Culturais tem a ver com um receio de perder um espaço de discussão (e também um *modus operandi* para o estudo da literatura), que, como vimos, segundo ele, se existe, é ínfimo. O paradoxal dilema da existência ou não de um sistema intelectual cai por terra. Isso porque se não houvesse um sistema intelectual no Brasil, acredito que nem essas

³⁴³ Médico e escritor, tem seu reconhecimento no cenário literário quando sua publicação integra a *Antologia crítica do conto gaúcho*.

³⁴⁴ O seu *A chave da casa* conquistou o Prêmio São Paulo de Literatura de 2008, como melhor livro estreado.

³⁴⁵ Conquistou o Prêmio Sesc de Literatura 2010, com o livro *Habeas asas, sertão do céu!*

³⁴⁶ Escritora e professora da UFMG. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/esthermaciel/poemas.html>>

ideias que ele mantém sobre esta possível “inexistência” de um campo reflexivo circulariam. Este trabalho – como muitos outros – não estaria sendo feito, grupos de pesquisa não estariam sendo criados, cursos e programas de pós-graduação não estariam sendo reformulados, e a produção acadêmica não estaria em um crescimento constante, como se pode observar no arquivo de teses e dissertações da CAPES.

Tendo em vista a postura assumida por Luiz Costa Lima e retomando as reflexões propostas por Meizoz, pode-se pensar que a criação, a legitimação e a recepção de uma figura na esfera profissional de que faz parte relaciona-se à assunção de uma *persona*, que, por sua vez, corresponde a uma máscara, a um disfarce, a um personagem apropriado para determinadas cenas e espectadores. Ou seja, para falar sobre literatura, o escritor (ou o crítico, no caso de Costa Lima) não deve fazê-lo sem estar munido de sua *persona*, uma espécie de construção autoficcional que se revela a partir de comportamentos, pronunciamentos, publicações, relações entre os pares, vestes, além das atitudes mais corriqueiras. Isto porque, de acordo com Meizoz, todos os indivíduos dotados de um papel profissional público – como o intelectual, por exemplo –, erigem seu trabalho em torno de uma postura criada para aquele cenário e seus participantes. A respeito disso, observem-se os episódios relatados acerca da prática do crítico, da maneira como ele se impõe no sistema intelectual e de como interpretamos suas atitudes no campo.

Para nosso crítico, embora admita encarnar uma *persona* para circular no cenário intelectual,³⁴⁷ essa é uma categoria que, no discurso ficcional, não funciona, já que se aproxima do tom memorialístico, do qual a literatura e o sujeito ficcional devem, ao máximo, afastar-se. Nesse sentido, o autor reitera a ideia de que a *persona* (imagem social construída para circulação no campo) deve manter uma distância do sujeito ficcional, que não presta contas à veracidade exigida em fatos e documentos utilizados para a construção de uma memória ou uma biografia, por exemplo. Há nesse pensamento uma evidente separação entre as esferas documental e ficcional, sendo esta privilegiada no discurso de Costa Lima, como vimos. Entretanto, há que se flexibilizar os limites, já que a memória é também inventiva, interessada, direcionada. Não creio que haja uma unidade no discurso memorialístico; ele, ao contrário, apresenta-se de maneira fragmentar, misturado a elementos do presente e ao que *imaginamos* ter vivido e sentido no passado. A memória aparece, assim, como um discurso do entre-lugar, isto é, entre a literatura e a história, às vezes tendendo mais para esse ou aquele, a depender do uso que dela se faça. E, mesmo em tempos ditos pós-modernos, nos quais há uma tendência em se repensar as antinomias, lidar com categorias que hoje se mostram híbridas é sempre problemático. Nada mais compreensível e saudável, já que nem a Literatura

³⁴⁷ Cf. BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.316.

e nem a História apresentam-se como terrenos definidos e estanques. Observe-se a tentativa de elaborar um ensaio biográfico sobre Luiz Costa Lima. A recorrência aos dados biográficos, às memórias reveladas pelo crítico em entrevistas e textos teóricos, os depoimentos de colegas de profissão e alunos, além da maneira como ele se pronuncia acerca de suas formulações teóricas, ajudam-nos senão a construir, ao menos, a interpretar a maneira como essa *persona* circula na esfera intelectual. E isso é relevante à medida que desmitifica a ideia de genialidade, inserindo o autor na ordem cotidiana e em suas demandas sociais, fazendo cair por terra a torre de marfim que insiste em separar os intelectuais do resto do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de elaborar um ensaio sobre o percurso intelectual de Luiz Costa Lima procurou dialogar com a perspectiva da crítica biográfica, na medida em que buscou relacionar aspectos da vida e da obra desse crítico para a construção de um possível perfil. Pretendeu-se construir um trabalho que, além de discutir teoricamente a respeito de temas recorrentes em sua produção (o sistema intelectual brasileiro e o documental na literatura nacional), analisasse a maneira como esse crítico brasileiro em atividade circula na esfera intelectual e como tem sido sua recepção por parte dos pares. Isto é, privilegiou-se, também, a partir de pressupostos teóricos e da observação das posturas do teórico frente a tais temas, a análise da forma como ele constrói sua subjetividade no campo.

Ao longo do curso de mestrado e, sobretudo, quando do processo de escrita da dissertação, foram recorrentes as declarações de que esse não seria um caminho fácil, haja vista a complexidade do tema e do autor em destaque. Como, no início, realmente, desconhecia qualquer informação acerca de Costa Lima, aceitei o desafio, que se tornava maior a cada novo texto que lia. Mas nosso campo de batalhas alimenta-se disso. Ao me familiarizar com o objeto de análise, busquei organizar meus estudos em torno de sua questão seminal, a qual o inseriu, na década de 1970, no cenário intelectual brasileiro: o sistema intelectual nacional. Logo percebi que a empreitada, de fato, seria melindrosa, uma vez que, já no início, antevia um paradoxo: como pode um intelectual afirmar a inexistência de uma *intelligentsia*? Se não existe um campo intelectual, então, por que ele insiste em discutir a problemática e em publicar novos livros? E mais, se inexistente um cenário propício ao debate e à reflexão, qual a razão desse e de outros tantos trabalhos estarem sendo feitos contemporaneamente?

Ao longo da escrita, pude perceber que a descrença de Costa Lima no sistema intelectual, em parte, tem a ver com a abertura propiciada por novas tendências teóricas, tais como os Estudos Culturais, as quais ele insiste em julgar como desprovidas de embasamento teórico, em que há um clima de “vale-tudo” e “oba-oba”. Observou-se uma espécie de ressentimento por parte do crítico, que, na década de 1970, lutou por algo que, desde lá, já julgava faltar: rigor teórico e cientificidade. A divulgação do estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss, como se viu, viria a incrementar esse espaço teórico (que já vinha sendo organizado pelos componentes da geração *Clima*, por exemplo), além de incluí-lo, de uma vez, na gama de estudiosos da literatura reconhecidos na área.

A história da crítica brasileira possibilitou-nos um maior entendimento acerca do processo de constituição de um campo em constante atualização. A partir dos diálogos e disputas travados entre seus agentes, observamos as fases por que a crítica passou desde os

seus primórdios, com a assim-chamada “geração de 1870”, até os dias de hoje. Em seu primeiro momento, a crítica literária manteve um forte diálogo com a imprensa, sobretudo os jornais, e tinha nos bacharéis (ou críticos-cronistas) seus principais atores. Era uma atividade amadorística pautada no impressionismo e realizada por sujeitos que tinham as mais diversas formações (médicos, advogados, sociólogos, dentre outros) e formavam uma espécie comunidade unida por uma causa que motivava batalhas simbólicas e, inclusive, reais: o gosto pela literatura. A crítica obedecia a critérios orientados exclusivamente pela subjetividade, pelos laços de amizade, pelo sentimento nacionalista e pela vontade de falar sobre literatura. O crítico de rodapé assumia, então, uma posição privilegiada, a de porta-voz da verdade e da justiça, posição que se enquadra no que Julien Benda acreditava ser a função do intelectual. Seu papel era orientar os potenciais leitores em formação, indicar esse ou aquele livro ou autor, julgar a pertinência deste ou aquele tema para a formação do cidadão nacional. Com a circulação das teorias importadas emprestadas das ciências biológicas, há o salto inicial para o desejo de cientificação dos estudos literários, que encontram em críticos como Sílvio Romero um representante declarado.

Com o fortalecimento da universidade brasileira, o sentimento cientificista só tendeu à expansão. Entre as décadas de 1940 e 1970, quando se tem um incremento nos cursos de graduação e a criação da pós-graduação, houve uma mudança no perfil do crítico, que se transferiu dos jornais para a academia. Nessa época, formaram-se os profissionais que, hoje, em sua maioria, ocupam, no imaginário da comunidade letrada, a cátedra, tais como Antonio Candido, Silviano Santiago, Alfredo Bosi, além do próprio Luiz Costa Lima. Durante esse período de especialização da crítica, quando há uma evidente tentativa de autonomização do campo, ela volta-se para si, isto é, ela torna-se acessível apenas para aqueles que comungavam de sua linguagem cifrada, isolando-se, em parte, das questões político-sociais. Pode-se dizer que esse foi um período que, se por um lado, desenvolveu o espírito de pesquisa e incrementou as reflexões teóricas no Brasil, por outro, afastou-se da sociedade, reduzindo-se a um grupo seletivo de produtores e leitores. É, porém, devido ao isolamento universitário que surge um novo perfil crítico: o teórico, cujas armaduras ultrapassam os limites da subjetividade. Esse sujeito, como estudioso da literatura, especialista no assunto e teoricamente embasado, vê-se, mais que o crítico-cronista, autorizado a assumir essa voz e a guiar melhor os leitores de literatura. Luiz Costa Lima ilustra de maneira exemplar esse perfil, uma vez que, sobretudo na década de 1970, ele, via estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss, investe na propagação do rigor teórico para o estudo da literatura, que estava sendo feito, segundo ele, até então, a partir de critérios demasiado subjetivos. Atualmente, o que se observa é uma crescente proliferação de teorias, metodologias e, inclusive, de novos objetos

nos estudos literários. Acrescente-se a essa abertura, a proliferação das tecnologias de informação e comunicação e um cenário onde qualquer sujeito pode se pronunciar sobre qualquer tema e a qualquer instante, em *blogs* e *sites* de relacionamento, por exemplo. Isso revela o enfraquecimento de limites teóricos, a reinserção de demandas político-sociais no seio universitário, a atenção da academia para com questões, que, por muito tempo, ficaram à margem das discussões universitárias, como os discursos minoritários. A ocupação da academia por esses sujeitos, entretanto, não tem sido feita sem tensão. O “oba-oba” a que Costa Lima se refere, por exemplo, revela, por um lado, a multiplicação de temas e abordagens nos estudos literários e culturais, e, por outro, o ressentimento daqueles que veem seu espaço sendo deslocado. A hegemonia do discurso da autonomia literária cede às investidas interdisciplinares e rizomáticas e, ao mesmo tempo, teóricas, como os já mencionados Estudos Culturais.

Para compreender melhor os posicionamentos de Costa Lima no campo intelectual, foi fundamental pesquisar, em sua obra, os conceitos de crítica, literatura e intelectualidade, os quais remetem a uma formação erudita, oriunda de seu contato com a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia, por exemplo, e de suas inúmeras leituras e investimentos autodidáticos. Observou-se também que, preso às malhas das contradições intelectuais, o crítico, ao falar sobre memória, documento e autobiografia, mantém um discurso que tenta se afastar dessas categorias, delas se aproximando, entretanto, em sua própria produção. A dicção autobiográfica, além de ser observada claramente nas entrevistas e no memorial, aparece, vez ou outra, em textos teóricos.

Costa Lima é, então, concebido a partir de um agregado de interpretações (minhas, dele, de seus pares), que encontram no exercício metacrítico uma tentativa de montagem de um possível perfil. Conforme se viu, esse intelectual mantém uma postura sisuda, imponente, revelando-se um sujeito que, desde suas publicações iniciais, mostra-se firme em suas teses, por destoantes e polêmicas que sejam. Seus embates e desentendimentos intelectuais, sua fama de meticoloso,³⁴⁸ seus recorrentes retornos autocríticos e sua produção constante ajudam a compor uma figura preocupada com o seu exercício, em termos de defesa e valorização de seus argumentos.

Os dados biográficos a que recorreremos, muito embora não tenham condicionado suas atitudes, ajudaram-nos a perceber que as escolhas que ele fez ao longo da vida (tais como: os grupos que integrou, as amizades e desafetos que fez, as instituições por onde passou, enfim,

³⁴⁸ CASTRO, Eduardo Viveiros de. Vejo ao Araweté através da minha experiência com a antropologia. Entrevista concedida a Rafael José de Menezes Bastos e Carmem Rial. In: SZTUTMAN, Renato. (org.) *Encontros*: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, p.58.

as experiências que viveu) interferiram, de alguma maneira, em suas questões teóricas. O convívio com Paulo Freire, sua formação em uma escola jesuíta, a repulsa à referida atitude grandiloquente de um Gilberto Freyre, a vinculação aos ideais de esquerda em tempos de ditadura, seu autodidatismo declarado, seu contato com universidades estrangeiras e modos de vida diferenciados, sua incompreensão para com as mais recentes teorias e objetos de estudo suplementam a leitura que se faz desse sujeito no campo intelectual. Pois anterior aos papéis (seja de professor, crítico, teórico), há as *personae* criadas para a assunção dessas posições e, por trás disso, um sujeito que as constrói, autoficcionalizando-se. Nessa perspectiva, a análise do percurso de um intelectual em sua esfera profissional, recorrendo-se tanto à sua obra quanto a elementos de sua vida, é importante para desmitificar a ideia de genialidade de um escritor, seja ele literato ou teórico. Também os aspectos da vida ajudam a suplementar a leitura, concebendo o autor como uma criação, como um personagem de sua própria narrativa, contextualizando-o em relação ao seu meio de produção. Além do mais, a volta do sujeito à esfera enunciativa recupera o interesse sobre o autor, que se torna, além de sujeito, objeto da escrita do Outro.

Como afirmou Edward Said,

na profusão de estudos sobre intelectuais tem havido demasiadas definições do intelectual, e pouca atenção tem-se dado à imagem, às características pessoais, à intervenção efetiva e ao desempenho, que, juntos, constituem a própria força vital de todo verdadeiro intelectual.³⁴⁹

Buscou-se, portanto, efetuar uma leitura que estivesse atenta à nuance proposta pela crítica biográfica e que, assim, privilegiasse as tensões vivenciadas pelo intelectual Costa Lima, ao longo de sua carreira, que é, segundo Wlad Godzich, marcada pela “incompreensão” de sua obra por parte de seus pares.

Conforme esse autor,

[...] a obra de Costa Lima é por enquanto ilegível. É decerto lida e até mesmo citada, mas, como assinalaria, Harold Bloom, é sobretudo objeto de *desleituras*. Desleituras essas que assumem duas formas: ou tentam enquadrá-la no que quer que se considere a causa do escritor, ou a situam no extremo oposto àquilo que o escritor busca realizar. Walter Benjamin acreditava existirem textos que ainda não sabíamos como ler, textos cuja hora ainda não havia chegado, textos, enfim, que só no futuro poderiam ser lidos como merecem. Em relação a esses textos, afirmava que só podíamos adotar uma atitude de veneração,

³⁴⁹ SAID, Edward W. Representações do intelectual. In: *Representações do intelectual*; As Conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia da Letras, 2005 [1994], p.27.

além das medidas necessárias para legá-los ao futuro em que se tornarão legíveis.³⁵⁰

Contrariando Godzich, não acredito que a generalização seja pertinente. Como vimos, há um debate na academia em torno da produção teórica e crítica de Luiz Costa Lima, como também um interesse inquestionável por parte de estudantes e colegas de profissão, que pode ser constatado através das recorrentes entrevistas que ele lhes concede. Ademais, o exercício de desleitura pressupõe uma leitura. Isto é, no caso deste trabalho, quando se optou, por exemplo, em trabalhar com os aspectos autobiográficos do autor, fez-se não apenas pelo interesse na temática, mas por saber que esse era um ponto melindroso em sua produção e que justamente essa tensão poderia ser focada. E quando o sujeito se torna objeto do Outro, ele passa a integrar o discurso do Outro, ficando, como objeto, a mercê dos interesses e interpretações alheios. Quando Godzich afirma que Costa Lima parece ser prejudicado por sua ilegibilidade, parece-me, ao contrário, que essa peculiaridade é exposta como um diferencial em meio a tanta escrita fácil e superficial, colocando o crítico em um invólucro inadequado a quem assume uma postura intelectual. Nessa perspectiva, acredito que, ao contrário do que defende Wlag Godzich via Benjamin, não há um momento certo (ou, como se costuma alegar, uma referida maturidade) para a leitura de qualquer texto. A interpretação, obviamente, irá variar conforme a bagagem cultural, a formação e a necessidade de cada leitor. Alegar uma complexidade ao texto de determinado autor é o mesmo que instituí-lo com uma aura que, ao contrário do que se propõe, não deve ser venerada, mas questionada e inserida no debate, como se pretendeu aqui neste trabalho.

³⁵⁰ GODZICH, Wlad. A ilegibilidade de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 347-8.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Exorcismo*. Disponível em: <<http://www.alfredo-braga.pro.br/discussoes/exorcismo.html>>. Acesso em: 6 set 2011.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: FTD, 2002. 312p. (Coleção Grandes Leituras).

_____. O ideal do crítico. In: *Crítica & Variedades*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *Teoria do medalhão*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1940>. Acesso em 6 set 2011.

BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

BASTOS, Dau. *Já foi o tempo em que o país se orgulhava do espírito macunaímico*. Entrevista concedida a Wanderson Lima. *Desenredos: uma revista de cultura e literatura*. Disponível em: <http://www.desenredos.com.br/10et_dau_299.html>. Acesso em: 20 jul 2011.

BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

BENJAMIN, Walter. A técnica do crítico em treze teses. In: *Rua de mão única*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, II).

¹BLOG Música e Política na ditadura militar. Disponível em: <<http://musicaepolitanaditadura.blogspot.com.br/2010/05/musica-e-contestacao-politica.html>> Acesso em: 21 mar 2012.

BORTOLOTI, Karen Fernanda da Silva. *O Ratio Studiorum e a missão no Brasil*. Revista História Hoje. São Paulo, 2003, p.1. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=24>. Acesso em: 15 out 2011.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 3ed., v.1. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Vejo ao Araweté através da minha experiência com a antropologia. Entrevista concedida a Rafael José de Menezes Bastos e Carmem Rial. In: SZTUTMAN, Renato. (org.) *Encontros*: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Editora Boitempo Editorial, 2003.

COLLINGWOOD, R. G.: 1939, VII. Apud LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 455.

CUNHA, Eneida Leal. Literatura comparada e estudos culturais: ímpetos disciplinares. In: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lucia de Barros; ANTELO, Raúl (org.). *Leituras do ciclo*. Florianópolis: ABRALIC; Chapecó: Grifos, 1999, p. 101.

D'INCAO, Maria Angela; SCARABOTOLO, Eloísa Faria. (Org.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FARIA, Regina Lúcia de. *A polêmica do Estruturalismo ou "Quem tem medo de teoria?"*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/041/REGINA_FARIA.pdf>. Acesso em: 15 nov 2010.

GODZICH, Wlad. A ilegibilidade de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*.

GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. Curitiba: Criar edições, 2006.

GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1999, p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadue da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, s/p. Disponível em: <www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc>. Acesso em: 6 out 2011.

HISTÓRIA DO PMDB. Disponível em: <<http://www.pmdb.org.br/historia.php>>. Acesso em: 21 mar 2012.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. O homem cordial. In: _____. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LAFETÁ, João Luiz. A consciência da linguagem. In: *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LIMA, Luiz Costa (Org.). *Mimesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

LIMA, Luiz Costa apud SOUZA, Eneida Maria de. Querelas da crítica. In: *Traço crítico*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/ Editora UFRJ, 1993, p.11.

LIMA, Luiz Costa. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *A praga do beletrismo*. Blog Universidade para quem? Educação, mídia e política. Disponível em: <<http://universidadeparaquem.wordpress.com/2010/01/04/luiz-costa-lima-a-praga-do-beletrismo/>>. Acesso em: 20 jul 2011.

_____. *A Teoria da literatura entre nós*. Especial: X Congresso Internacional ABRALIC. 29/08/2006. Disponível

em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0014_2.html>. Acesso em: 20 jul 2011.

_____. *Conexão história e literatura: ensaios sobre o horror*. Entrevista concedida a Cláudia Nina. Mil folhas Jornal & Literatura. Disponível em: <www.claudianina.com.br/entrevistas/ent10.html>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

_____. *Crescendo sem educação*. Prosa Online O Globo. 02 abr 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/04/02/crescendo-sem-educacao-por-luiz-costa-lima-372463.asp>>. Acesso em: 29 jun 2011.

_____. Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro. In: _____. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

_____. *Discurso no limbo*. Mais! Folha de São Paulo, domingo, 1 de junho de 2008. Disponível em: <<http://historiafunbbe.blogspot.com/2008/06/discurso-no-limbo.html>> Acesso em: 20 ago 2011.

_____. *Entrevista concedida a Evando Nascimento*. Revista Ipotesi. Dez 2000. Disponível em: <<http://www.revistaipotesi.ufjf.br/volumes/9/cap01.pdf>> Acesso em: 09 jan 2009.

_____. *Entrevista concedida a Lima Trindade e Sandro Ornellas*. 18 jun 2009. Verbo 21: cultura e literatura. Disponível em: <http://www.verbo21.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=455:luiz-costa-lima&catid=149:entrevista-junho2009&Itemid=146>. Acesso em: 1 out 2010.

_____. *Entrevista concedida a Murilo Bonadio*. Faculdade Cásper Líbero: diálogos & entrevistas. Disponível em: <<http://www.facasper.com.br/cultura/site/entrevistas.php?tabela=&id=18>>. Acesso em: 29 nov 2008.

_____. *Erudição e argúcia de um mestre*. Entrevista concedida a Angelo Mendes Corrêa. 30 abr 2011. Verbo 21: cultura e literatura. Disponível em: <http://www.verbo21.com.br/v5/index.php?option=com_content&view=article&id=187:luiz-costa-lima&catid=57:entrevista-abril-2011&Itemid=84>. Acesso em: 17 jun 2011.

_____. Esboço de uma autobiografia intelectual. In: _____. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 24, 1995.

_____. *Filosofia barata*. Folha de São Paulo, 19 de julho, domingo. Disponível em: <<http://universidadeparaquem.wordpress.com/2009/07/22/filosofia-barata/>>. Acesso em: 20 jul 2011.

_____. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 455.

_____. *Literatura: a questão renovada*. In: fórum virtual de literatura e teatro. Disponível em: <http://www.pacc.ufrj.br/literatura/arquivo/polemica_literatura_a_questao_renovada.php>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

_____. *Luiz Costa Lima: história, discurso, vida*. Entrevista concedida a Aline Magalhães Pinto, Laise Helena Barbosa Araújo, Mannuella Luz de Oliveira Valinhas, Victor de Oliveira Pinto Coelho. Revista História da historiografia. Ouro Preto: set de 2010. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/100>>. Acesso em: jun 2010.

_____. Machado dribla o veto. In: *Trilogia do Controle*. Topbooks, 2007, p. 208.

_____. *Marginais aqui e lá*. São Paulo: Folha de São Paulo, 4 jun 2000. Disponível em: <www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/l/lima1.doc>. Acesso em: 20 jul 2011.

_____. Mimesis e modernidade (1980). Entrevista Concedida a Ana Lúcia de Oliveira, p. 157.

_____. *Mimesis e modernidade* (formas das sombras). Rio de Janeiro: Graal, 1980; 2ª edição atualizada: Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *O controle do imaginário & a afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. O controle do imaginário. *Razão e imaginação nos tempos modernos*. São Paulo: Brasiliense, 1984; 2ª edição revista: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. *O fingidor e o censor*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

_____. *O lugar da poesia e da arte hoje*. Entrevista concedida a Régis Bonvicino e Luis Dolhnikoff. Revista Sibila: poesia e cultura. Disponível em: <<http://www.sibila.com.br/index.php/critica/1019-o-lugar-da-poesia-e-da-arte-hoje>>. Acesso em: 09 jan 2010.

_____. *O sistema intelectual brasileiro*. Revista José. 31 jul 1976. Disponível em: <<http://www.revistaautomia.com.br/volumes/Ano2-Volume2/revista-jose-parte2/lclima.html>>. Acesso em: 20 jul 2011.

_____. *O texto literário e seus vazios internos*. Entrevista concedida a Miguel Conde. Globo Universidade. 18 jul 2011. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/07/o-texto-literario-e-seus-vazios-internos.html>>. Acesso em: 20 jul 2011.

_____. *Paranóia crítica*. Blog Poenocine. Disponível em: <<http://poenocine.blogspot.com/2010/05/luiz-costa-lima-x-claudio-willer-debate.html>>. Acesso em: 29 jun 2011.

_____. Por que literatura. Entrevista concedida a Lucia Helena. In: BASTOS, Dau (Org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.51.

_____. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. *Quem tem medo de teoria?* Revista de Cultura Vozes, nº9/1975/Ano69. p. 5-9. Disponível em:

<<http://www.cesargiusti.ddfnet.com.br/ufpe/crt2/hps/lcl/quem.pdf>>. Acesso em: 29 de nov de 2008.

_____. *Sobre uma amizade*. Revista USP, São Paulo, n.59, p. 190-194, setembro/novembro 2003. Disponível em:< www.usp.br/revistausp/59/17-costalima.pdf>. Acesso em: 09 jan 2011.

_____. Sociedade e discurso ficcional. In: _____. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

_____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. Trilogia do Controle (1984, 1986, 1988). Entrevista concedida a Hans Ulrich Gumbrecht. In: BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 177.

LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade Brasileira*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1997. Tese de Doutorado em Letras – Literatura Comparada.

_____. A entrevista como gesto (auto)biográfico. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. *Ainda a tradição do impasse*. In: Alea: Estudos Neolatinos. Programa de pós-graduação em Letras Neolatinas. v.2, n.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

_____. *O ensaio na crítica literária contemporânea*. Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, out. 1995.

MANIFESTO dos professores universitários pró-Dilma. 25 out 2010. Disponível em: <<http://josefranciscoartigos.blogspot.com/2010/10/manifesto-dos-professores.html>>. Acesso em: 05 nov 2011.

MEIZOZ, Jérôme. Introduction. In: *Postures littéraires; mises en scène modernes de l'auteur*. Genève: Slatkine Érudition, 2007.

PLATAFORMA LATTES. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4727147U0>>. Acesso em: 30 dez 2011.

PROGRAMA de pós-graduação em História Social da Cultura. Disponível em:

<http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/proghis-info_linhas_pesq.html>. Acesso em 24 dez 2011.

RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política nos anos 1970: o fim do ciclo das vanguardas no Brasil*. Disponível em: < www.brasa.org/_sitemason/files/kxT4dO/Ridenti%20Marcelo.doc>. Acesso em: 21 mar 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial*; ensaios e revisões. Rio de Janeiro: Museu da República, 2004.

ROCHA, Reuben da Cunha. *Luiz Costa Lima e a paranóia acrítica*. Portal Cronópios. 5 fev 2010. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/critica.asp?id=4402>>. Acesso em: 29 jun 2011.

ROMERO, Sílvio. Século XIX (Fase Romântica) 1830-1880. In: BARRETO, Luiz Antonio. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, Universidade Federal de Sergipe, 2001, p. 280.

SAID, Edward W. Representações do intelectual. In: *Representações do intelectual*; As Conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia da Letras, 2005 [1994], p.19.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Crítica literária, anos 70 e 80. In: *Matéria e crítica*. In: _____. *Matéria e crítica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. (Col. Escritas Universitárias, v. 1), p.15.

SARLO, Beatriz. Tempo passado. In: *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras/ Belo Horizonte: UFMG, 2007, p.9-22.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. de Sergio Goes de Paula. São Paulo: Editora Ática, 1994 (1965), p. 33.

SCHWARZ, Roberto. *19 princípios para a crítica literária*. In: Almanaque n.2. Disponível em: http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz_30.html. Acesso em: 06 dez 2011.

_____. As ideias fora do lugar. *Ao vencedor as batatas*; forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1981, p.22.

SOLA, Lourdes. Os técnicos e o sistema político, questões conceituais. In: *Ideias econômicas, decisões políticas: desenvolvimento, estabilidade e populismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 1998, p. 45. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 30 mar 2012.

SOUZA, Eneida Maria de. A teoria em crise. In: _____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. Notas sobre a crítica biográfica. In: _____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. O discurso crítico brasileiro. In: _____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. Querelas da crítica. In: _____. *Traço crítico*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/ Editora UFRJ, 1993, p.1.

SÜSSEKIND, Flora. Agora sou profissional In: _____. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. Assaltos à razão? In: _____. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: _____. *Papeis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

TELLES, Renata Praça de Souza. *A colaboração de Roberto Schwarz em Almanaque*.

NELIC: Boletim de Pesquisa da UFSC. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1056>. Acesso em: 6 dez 2011.

VENTURA, Roberto. Do desafio à polêmica. In: _____. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. História e crítica em Sílvio Romero. In: BARRETO, Luiz Antonio (org.).

Compêndio de História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Universidade Federal de Sergipe, 2001.

_____. História e crítica em Sílvio Romero. In: BARRETO, Luiz Antonio (org.).

Compêndio de História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Universidade Federal de Sergipe, 2001.

WEBER, João Hernesto. Os anos 70 e a dialética da dependência. In: *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997.

WILLER, Claudio. *Roberto Piva e a poesia*. Revista Triplov

de Artes, Religiões e Ciências. Nova Série 2010 Número 02. Disponível em:

<http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_02/claudio_willer/index.html>. Acesso em: 29 jun 2011.

YÚDICE, George. *Debates atuais em torno dos Estudos Culturais nos Estados Unidos*. Salvador, ANPOLL, GT de Literatura Comparada, 1997.